

# Capítulo I

## Objetivos do presente estudo

*“Em qualquer sociedade humana, seja ela predadora ou agro-pastoril, a função do simbólico é, como demonstrou Claude Lévi-Strauss, tornar inteligível ao homem quer o mundo que o rodeia quer o seu próprio lugar no mundo.”*

Jacques Cauvin (2000, p.112)

O presente trabalho decorre de investigação, feita no âmbito do seminário de Anátomo-Patologia do Mestrado de Arqueologia, sob a orientação do Prof. Luís Campos Paulo, continuada e constituída dissertação de mestrado em Arqueologia, segundo as orientações do Prof. Mário Varela Gomes, no seminário de Arqueologia Pré-Histórica. Estudou-se, então, as particularidades dos enterramentos neolíticos e os testemunhos relacionados com o crânio. Foram aparecendo as *nuances*, as variações, mas também alguns padrões de comportamento. E o crânio tinha destaque. Sublinhe-se que o presente trabalho é uma monografia da área da Arqueologia, ainda que “toque” as fronteiras da Antropologia (Física e Cultural), sendo o objectivo perceber práticas rituais e simbólicas das sociedades produtoras de alimentos.

Conhecem-se no território hoje português uma assinalável quantidade de crânios humanos mostrando alterações de carácter antrópico, muitas das quais feitas ainda em vida, registando-se ainda a existência de outros tipos de manipulações dos ossos da cabeça, tais como as *rodela cranianas* e as *máscaras*.

As causas que conduziram a tais comportamentos não se encontram, de modo nenhum esclarecidas, não existindo estudo completo e metodicamente atualizado de tais ocorrências, fazendo a ligação entre a análise física e a construção teórica ligada à paleoantropologia cultural. Sabendo-se da existência de artigo com edição de Éric Crubézy, e onde também participa Eugénia Cunha, intitulado *“The antiquity of cranial surgery in Europe and the Mediterranean basin”* (2001), que pretende ser uma súpula a nível europeu sobre tal assunto acerca dos casos de maior antiguidade, este fica aquém da intenções, não deixando no entanto de ser uma boa base de trabalho.

Já Leite de Vasconcellos (1897, Vol. 1) tinha percebido (e bem) que tanto as trepanações como as rodela de osso craniano poderiam fazer parte de um quadro mais alargado no que concerne às práticas sócio-religiosas das sociedades neolíticas ou em fase de neolitização.

A *atração* que o crânio exerce, é antiga e podemos encontrar essas manifestações já no Paleolítico Médio, quando neanderthais do Monte Circeu (Fig. 1)

alargaram o *foramen magno* de crânio humano, depositando-o sobre amontoado de pedras, constituindo assim um “quase” altar (Blanc, 2004, p.125) <sup>1</sup>, ou homens do mesmo período, em Shanidar, que alteraram, em vida, a forma de pelo menos dois crânios dos seus pares (Trinkaus, 1982, pp. 198 – 199). Qualquer destas acções denota intencionalidade e função ritual. Não duvidamos que existiu uma vontade concreta e evidente na prática da trepanação, ainda que autores como Campillo (2007, p.19) descartem “demasiado depressa” o olhar “ritual”<sup>2</sup>. Casos houve, onde é notória uma acção profilática, de forma a ser um acto paliativo face a determinado acontecimento.



Fot. 01 O crânio de neanderthal encontrado na Gruta Guattari, depositado em círculo de pedras. Na gravura é possível observar o alargamento do forâmen magnun – Paleolítico Médio (Blanc, 2004, p. 126).

Pertenceu a indivíduo com mais de 45 anos na idade à morte. Terá sido morto por decapitação, sendo o forâmen alargado posteriormente. Sendo das mais antigas manipulações com crânios humanos conhecidas - cerca de 55. 000 A.C.

Teremos então que ter em conta a abordagem simbólica/ritualista. As práticas incluídas na “Revolução dos Símbolos” (Cauvin, 2000), trouxeram ao acompanharem o surgimento das economias agrícolas conceitos que encontraram aplicação e um campo simbólico fértil onde actuar (Cauvin, 1997), dando ocasião a que as manipulações cranianas surgissem e tivessem lugar em diversos locais do Próximo-Oriente e da Europa. O que se verifica é que o uso do crânio enquanto objecto, reporta-se sempre ao campo do simbólico, sendo, ao mesmo tempo, instrumento e veículo de ritualização, veneração, conceptualização. Pode-se aplicar o termo “religioso”, no sentido que lhe dá Timothy Insoll (2005, pp. 6 – 7). Será, um dos lados pelo qual poderá ser possível abordar o porquê da trepanação e das diversas manipulações cranianas.

No atual território português existem testemunhos de trepanação e manipulação com cronologia que nos remete para o Mesolítico. Apesar do crânio XLI proveniente do concheiro da Moita do Sebastião (ver Anexo I) ser referenciado como “caso único” (Crubézy *et alii*, 2001, p. 421) com essa cronologia, o certo é que foi possível identificar outros exemplares com intervenção semelhante nos espécimes em depósito no Museu Geológico, não invalidando que não tenha sido empregue mais vezes, pelo que o mais

provável é que não nos tenham chegado provas dessa prática continuada, dado possuímos evidências, de que durante o Mesolítico (os dados fornecidos pelos Concheiros da Moita do Sebastião e do Cabeço da Arruda assim o confirmam) existiram outras manipulações envolvendo ossos cranianos. E essas manipulações ter-se-ão revestido de caracteres diversos, “*rituais*” ou indiciadores de violência entre grupos.

Tendo em conta o contexto cultural dos referidos concheiros, poder-se-á dizer que estaríamos perante prática sócio-religiosa característica daquela cultura, aliás bem inserida no contexto do Mesolítico Europeu, como adiante se irá explicar. No entanto, e como Cauvin (1997) demonstrou, o uso e manipulação craniana irá constituir-se como um dos elementos do chamado “*pacote cultural neolítico*”, e dessa forma ir-se-á difundir juntamente com os restantes aspetos próprios das sociedades produtoras de alimentos. O seu reflexo na realidade do Neolítico<sup>3</sup> no território português não foi despiciendo, pois a grande maioria das trepanações são datáveis desse período, prolongando-se no Calcolítico, até existirem poucas evidências durante a Idade do Bronze. Não dispomos de dados para os períodos seguintes (ao que não será estranho a mudança de paradigma e passar-se aos rituais de cremação, ao invés da inumação) e será do Período Romano<sup>4</sup> que surgirá uma única trepanação e, claro, num contexto diferente. Mas a utilização e manipulação de ossos cranianos, não se *esgota* na prática da trepanação. Ela reveste-se de muitos outros aspectos e surge-nos em diversos contextos, seja culturais ou materiais.

O Homem como identidade física e intelectual é o mesmo desde, pelo menos, há 40.000 anos, tenha vivido no Paleolítico, Neolítico ou seja um nosso contemporâneo. No entanto, os processos mentais, tal como as tecnologias, mudam e evoluem. Todavia, apenas a elaboração técnica e a compilação de informação empírica conduz a que possamos aproximar da cognição de há vários milénios atrás e, desse modo, tentar compreender o que levou à adopção e realização de certas práticas, nomeadamente sócio-religiosas. Este processo constituirá a forma possível de tentar entender e compreender o uso da trepanação e o fascínio que o crânio humano exerceu durante a Pré-História.

*“There is a widespread archaeological understanding that ritual is a form of human action that leaves material traces, whereas religion is a more abstract symbolic system consisting in beliefs, myths, and doctrines.”*

Lars Fogelin (2012, p.56)

---

1- Em 1935, é encontrado na Gruta Guattari (Itália), um crânio de Neanderthal (tipo tardio), que teria pertencido a um indivíduo com 45 anos à morte. O crânio estava depositado no solo da gruta, num círculo de pedras a rodeá-lo. Apresentava duas *mutilações*, uma causada por um ou mais golpes na região temporal direita, que causou graves danos no temporal, frontal e arco zigomático, sendo a opinião que tenha sido a causa de uma morte violenta ou de um *assassínio ritual*. A segunda resulta de uma intervenção post-mortem caracterizada por incisões simétricas na periferia do *forâmen magnum* (que se apresentava completamente destruído), resultando assim na criação artificial de uma abertura subcircular com 10 a 12 cm de diâmetro. A gruta foi descoberta por Alberto Carlo Blanc, apresentando datações de 55.000 a.C. (Blanc, 2004, p.127). Na Gruta de Shanidar, no Iraque, dois crânios de Neanderthal aí recolhidos indiciam que terá existido uma provável e intencional modificação (Trinkaus).

2 – Em artigo publicado em 2011, Domènec Campillo reviu a suas opiniões e postula a tese do acto ritual (Campillo, 2011, pp. 10 – 12).

3 – Adotaram-se as teoria de João Zilhão para a progressão do *conceito e ideia* de Neolítico desde o Próximo Oriente até à Europa (figs. 47 a 49 dos anexos).

4 – Acerca do crânio proveniente da necrópole da Caldeira, em Troia, em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, colocamos a hipótese desse crânio ser de época mais recuada, recuperado em época romana e colocado como oferenda no sepultamento do indivíduo juvenil.

## Capítulo II

## Metodologia

“...pendant l'époque de pierre polie, on pratiquait sur le crâne humain deux sortes d'opérations, les unes pendant en vie, les autres après la mort.”

Paul Broca (1876, p. 236)

Pressupomos que a trepanação e outras manipulações de ossos de cabeça humana constituíram práticas possivelmente decorrentes de actividades sócio-religiosas, ligadas às economias de produção de alimentos (ainda que nos surjam casos conectados a sociedades de caça-recolocção). Todavia, não devemos excluir, liminarmente, a possibilidade de algumas trepanações corresponderem a tentativas de solucionar problemas de saúde física e mental de certos elementos dos grupos humanos de então. Procedeu-se à inventariação de todas as ocorrências de trepanação de ossos cranianos, e outras manipulações existentes no actual território português, recorrendo-se à bibliografia arqueológica e antropológica disponível, assim como a visitas a museus e colecções de Arqueologia.

Na metodologia para o estudo e identificação dos crânios, foram seguidos os critérios descritos em “*The Human Bones Manual*”, de Tim White e Pieter Folkens (2005), “*The Archaeology of Human Bones*” de Simon Mays (1998), o “clássico” “*Standards for Data Collection From Human Skeletal Remains*”, de Jane Buikstra e Douglas Ubelaker (1994), “*Forensic Archaeology*” de John Hunter e Margaret Cox (2005), “*Forensic Recovery of Human Remains – Archaeological Approches*” de Tosha L. Dupras *et alii* (2005), assim como os preceitos elaborados por Pierre Paul Broca (Broca, 1874, pp.542 – 557; 1875a,b; 1876; 1879) para identificação das intervenções.

Para a diagnose sexual, tendo em conta de que só se dispunha do esqueleto craniano para efectuar a referida identificação, utilizou-se o método indicado por Robert D. Hoppa e James W. Vaupel em “*Paleodemography – Age Distribution from Skeletal Samples*” (2008), de diagnóstico do dimorfismo sexual utilizando indicadores de diferenciação patentes a nível craniano (Hoppa e Vaupel recorrem-se eles próprios do trabalho efectuado por Ascádi e Nemeskéri – 1970). Na análise da morfologia craniana seguiram-se os preceitos enunciados por Denise Ferembach, “*Techniques anthropologiques. Craniologie*” (1971).

Na análise da estimativa de idade à morte, utilizou-se o método da Obliteração das Suturas Cranianas segundo as estimativas preconizadas por Claude Masset,

“*Estimation de l’âge au décès par les sutures crâniennes*” (1982) e Paul Broca, “*Instructions Craniologiques et Craniométriques de la Société d’Anthropologie de Paris*” (1875).

Na conjugação de métodos referidos, tentou-se obter uma estimativa de diagnose correcta na ordem dos 80%, sendo estes secundados com a análise das suturas cranianas como proposto por Masset (1982) para a determinação de idade à morte.

O único caso de não adulto registado no levantamento, utilizou-se a identificação proposta por Mary E. Lewis, “*The Bioarchaeology of Children*” (2006, pp. 38 – 59). Sendo que as diferenças de sexo só se encontram demarcadas de forma mais acentuada a partir dos 18 anos, no caso dos indivíduos juvenis é sempre arriscado avançar com um diagnóstico concreto, pois este poderá apresentar resultados equívocos neste segmento populacional. Como só se registou uma única ocorrência nesta faixa etária, pensamos que esse facto não irá causar desequilíbrios na leitura de conjunto de todo o trabalho.

Foi tido em conta que, dispondo somente do esqueleto craniano, assumia-se essa *desvantagem* e avançou-se mesmo assim com identificação de sexo e idade, tendo em conta as circunstâncias em que foram realizadas as identificações, tentou-se ser o mais correcto e científico possível de forma a apresentar dados fidedignos.

Especialmente importantes para o enquadramento antropológico foram “*Archaeology, Ritual, Religion*” de Timothy Insoll (2005) e “*Archaeology of Shamanism*” de Neil Price (2001). A ficha descritiva dos ossos cranianos utilizada foi adaptada a partir do modelo concebido e editado pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 2004 – “*Regras de Descrição Craniana*” (Caracteres descritivos do crânio – DBA/FCUL, AJP/2004).

Efetuada o levantamento nos diversos museus das evidências arqueológicas, desenvolveu-se, em paralelo, pesquisa bibliográfica ao nível das monografias e consulta a demais documentação julgada pertinente, tendo-se registado tal informação em inventário. A localização geográfica é referente ao sistema de coordenadas PT-TM06-ETRS89 – European Terrestrial Reference System 1989 - DGT 2013, actualmente em vigor.

Os descritores cranianos utilizados foram conjugados com factores como dimorfismo sexual, tendo em conta a variável a nível populacional, a contextualização temporal e a localização geográfica de forma a obter análise de diagnóstico o mais correcta possível.

Sempre que foi autorizado, foram efectuadas fotografias e medições, assim como a consulta de inventários dos sítios para melhor compreensão e inserção no período cronológico.

A partir da consulta das monografias, sempre que havia referência a datações absolutas, estas foram compiladas em tabela para fornecer a necessária inserção cronológica.

#### Enquadramento arqueológico

Qualquer trabalho de síntese sobre testemunhos arqueológicos deve assentar em análise que suporte o desenvolvimento interpretativo de tal realidade. Assim, optou-se por seguir o seguinte percurso na investigação:

- a) Levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo. Foi efectuada pesquisa em ambas bibliotecas de Arqueologia (Museu Nacional de Arqueologia e Palácio da Ajuda), biblioteca do LNEC e biblioteca da FCSH (entre outras);
- b) Registo das ocorrências de trepanações e de outras manipulações cranianas pré-históricas em Portugal. Elaboração de fichas;
- c) Análise directa de todas as ocorrências, com registo métrico e fotográfico, segundo as práticas descritas por Paul Broca (1874, 1875 e 1876) e Ubelaker e Buikstra (1994). Na descrição do formato dos crânios, foi seguido o esquema de Sergi (1911). Para os crânios que não foi possível examinar, recorreu-se à bibliografia e aos dados aí apresentados;
- d) Síntese dos dados conhecidos, tendo em vista determinar técnicas de perfuração e corte do tecido ósseo, formas de trepanação e de outras intervenções;
- e) Integração contextual e histórico-cultural das ocorrências registadas;
- f) Interpretações através da antropologia (Maria Lamas, Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade, Bronislaw Malinowski, Timothy Insoll, entre outros);
- g) Material usado: craveira, compasso e compasso de braços curvos, lupas várias, escalas, régua e captação de imagens por fotografia;
- h) Definições usadas na classificação do estado dos crânios:
  - Caveira - crânio completo com mandíbula;
  - Crânio - caveira sem mandíbula;
  - Calvaria - crânio sem os ossos do rosto;
  - Calote - calvaria sem os ossos que compõem a base;
  - Esplanocrânio - ossos faciais;
  - Neurocrânio - os ossos que formam a “caixa” em volta do cérebro;

- Exocrânio - visualização externa dos ossos cranianos;
- Endocrânio - vista do lado interior do crânio (White e Folkens, 2005, p. 77).

Por manipulação de ossos cranianos, deve-se entender todo o processo que envolva a alteração e movimentação de ossos provenientes do esqueleto da cabeça e que tenham sido ou intervencionados em vida, ou na pós-morte, retirados e usados noutros contextos.

Trepanação. A palavra atual deriva do grego *trypanon*, que significava perfurar e em Medicina, significa acto ou efeito de perfurar por intermédio de uma ação cirúrgica, através da qual é efetuada abertura nos ossos cranianos, de forma a aceder à dura-máter e à matéria encefálica, ou para aliviar a pressão craniana resultante de trauma que ocasionasse hematoma ou limpeza de esquirolas de osso resultantes de algum factor traumático. Se na Antiguidade Clássica usavam um instrumento apropriado, o *modiolo*, na Pré-História Europeia, seriam empregues lâminas e furadores de sílex, quartzo hialino ou se houvesse disponível, obsidiana. Dessa maneira proceder-se-ia à abertura no osso de forma a executar a craniotomia. A forma que essas aberturas assumem é, regra geral, oval ou circular. Em época Pré-Histórica, a necessidade de tal intervenção não é evidente e haveria factores sócio-religiosos associados.

Crânios trepanados. A realização de trepanação foi algo de carácter transversal na Pré-História e Proto-História, chegando à Idade Clássica. Tem-se conhecimento da operação no Egipto Pré-Dinástico, nas civilizações do Vale do Indo e Mesopotâmia. Na Grécia era prática divulgada assim como no Período Romano. Mas será a partir do Neolítico acerâmico, no Próximo Oriente, que esta manifestação terá mais significado. Não serão abordados os casos sul-americanos, pois o contexto e época são completamente diversos, embora provem o carácter universal da prática

Quanto às técnicas de trepanação utilizadas durante a Pré-História Portuguesa, foram identificadas as seguintes:

- Raspagem - os bordos surgem como que “*biselados*”; “*erodidos*”, até ser alcançada a tábuca externa do osso craniano, passando na fase seguinte à interna (ex.: Gruta da Casa da Moura);
- Remoção - com instrumento cortante. Usando-se lâmina de sílex excutam-se diversos sulcos ovalados que irão criar uma zona de corte (ex. Covão de José Bruno);

- Perfuração com buril - realização de pequenos orifícios próximos e ulterior levantamento do osso. É também a técnica mais arcaica e a identificada no caso de cronologia mais recuada (ex.: Moita do Sebastião).

Rodelas e placas cranianas. Trata-se de material ósseo, de pequenas dimensões, com contorno circular ou trapezoidal, obtidos a partir de porções de parietais ou de frontais. Por vezes apresentam polimento nas superfícies maiores como nos bordos.

A perfuração cilíndrica é conhecida, pelo menos em dois casos e junto ao bordo. Peças afins, detectadas na Pré-História da França (Broca, 1873, p.18), denominadas *rondelles cranienne* (Prunières, 1874, p. 598), apareceram em reduzido número em Portugal, existindo três casos registados, com a possibilidade de outros provenientes da Anta do Olival da Pega II. Quanto às placas, só se conhece um único exemplar em Portugal, proveniente da Lapa do Bugio, em Sesimbra. Pensamos que teria sido obtida através dos mesmos processos usados para a realização das rodelas.

Máscaras cranianas. À semelhança dos exemplares descobertos em Faïd Souar II na Argélia e na Gruta de Silica Majda-Hrasková na Eslováquia, existem casos similares encontrados em território nacional, da Gruta da Feteira na Lourinhã, Vale Côvo, no Cadaval, Escoural, e da Lapa do Poço Velho em Cascais (esta, tendo a particularidade de ter sido realizada a partir do crânio de um juvenil). A máscara proveniente de Faïd Souar II tem uma cronologia muito mais recuada do que aquelas que apareceram em contexto arqueológico no território hoje português, sendo coeva do Mesolítico em Portugal.

Temos assim evidências de diferentes manifestações do uso e manipulação de ossos cranianos durante a Pré-História. Colocando em contexto os crânios com o restante material associado, os locais onde os mesmos foram encontrados e partindo da inventariação atualizada dos casos conhecidos em território nacional, espera-se oferecer panorama mais nítido acerca da prática da trepanação e manipulação de ossos cranianos na Pré-História Portuguesa.

Poder-se-ia aprofundar os resultados obtidos durante este estudo, caso tivesse sido possível submeter os diversos crânios e peças ósseas a exames complementares, recorrendo à tomografia axial computadorizada e à realização de imagens em raio-X.

## Capítulo III

## **A trepanação na Pré-História Europeia e o caso português. As outras manipulações.**

“[...] we may suppose there was a common fund of surgical knowledge in the populations belonging to the two main currents of Neolithic expansion in Europe. [...]”  
Éric Crubézy *et alii* (2001, p. 422)

O estudo da trepanação em Portugal tem as suas raízes no século XIX e seguiu, com notável actualidade, as investigações ocorridas em França e Inglaterra, contando, pois, com mais de cem de anos de história.

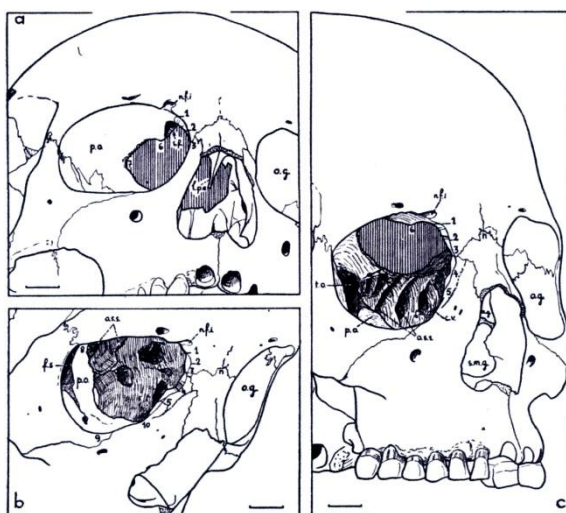
A descoberta e constatação de que as intervenções a nível craniano seriam mais antigas do que se pensava, deve-se a Ephraim George Squier (1821-1888), ao deparar-se em Cuzco no Perú com um crânio que apresentava orifício rectangular (de 15 mm de largura por 17 mm comprimento – o crânio provinha de necrópole incaica datada dos séculos XIV – XV, da zona de Yucay) (Campillo, 2011, p. 2).

Da procura de alguém que o pudesse ajudar a compreender a verdadeira natureza da sua descoberta, resultará o encontro de Squier com o francês Paul Broca (1824-1880), na época já um neurologista afamado. E será então Broca, com o seu trabalho de investigação e comparação com crânios que apresentavam intervenções similares do Neolítico francês, que dará a devida projecção à descoberta. No entanto, o primeiro crânio trepanado pré-histórico de que há referência nos registos, data do século XVII, quando Bernard de Montfaucon (1655-1741), ao encontrar um sepulcro neolítico na vila de Cocherel (França), constituído por mais de vinte enterramentos e um ossário. Montfaucon publicará as suas descobertas em 1685, e os crânios trepanados exumados serão interpretados como sendo indícios de violência e não como intervenção cirúrgica ou ritual. O próprio sepultamento é atribuído aos “*ancient Gaulois*” (Clover e Finger, 2001, pp.1417 – 1423).

Em França, após as comunicações de Paul Broca na Academia das Ciências em 1876, irá assistir-se à “*craniomanie*” (Jamet, 2006), fazendo com que as sessões académicas tornassem-se verdadeiramente concorridas (Broca, 1876). Paul Prunières dará conhecimento a Paul Broca das escavações por si dirigidas nos dólmenes de Lozère, de onde procedem grande número de crânios com evidências de trepanação, assim como rodelas feitas a partir de osso craniano (Prunières, 1874, pp. 185 – 205).

Na localidade de Saint-Martin-la-Rivière, na região de Vienne (França), em necrópole neolítica onde foram exumados sessenta esqueletos, cinco dos crânios aí descobertos apresentavam sinais de terem sido trepanados. Aliás, a França é o país da Europa onde se regista o número mais elevado de trepanações e de discos feitos a partir de ossos cranianos humanos.

Um dos casos mais estranhos de trepanação na Europa é o crânio de indivíduo do sexo feminino proveniente de Collumbey-Muraz, na Suíça, datado do Neolítico Antigo, sendo a trepanação efectuada através da região orbital direita (não existindo casos semelhantes no actual território português) não tendo a paciente sobrevivido à intervenção (Fot. 2).



Fot. 2 O desenho do crânio de indivíduo feminino de Collumbey-Muraz (Suíça), observando-se a trepanação efectuada a partir da cavidade do globo ocular direito, atravessando o osso esfenóide direito. Provém do dólmen de Barnaz II (Baud, 1959, pp. 1 – 17). Para realizar esta intervenção terá sido necessário remover o globo ocular de forma a aceder ao osso esfenóide. Não houve sobrevivência à intervenção (Baud, 1959).

Em Espanha regista-se igualmente um elevado número de casos (entre 80 a 90 casos do Neolítico e Calcolítico, perdurando por grande parte da Idade do Bronze - Campillo, 2007, 2011, pp. 1 – 2), sendo que nas Ilhas Baleares e nas estações arqueológicas datáveis da Pré-História Recente da costa da Catalunha, são os locais onde ocorrem o maior número de registos.

O território português insere-se no restante contexto europeu no que concerne às manipulações e uso de crânios humanos em contextos sócio-religiosos, demonstrando as evidências que o número é considerável e diversificado quanto às diferentes intervenções que se podem observar.

Joaquim Néry Delgado irá identificar em 1879, a quando da sua escavação levada a cabo na Gruta da Furninha, fragmento proveniente de um parietal que ostenta a indícios de intervenção, tendo o investigador associado o mesmo à realização de uma trepanação, tendo o indivíduo terá sobrevivido o tempo suficiente para o osso regenera-

se. Este caso será apresentado em comunicação no Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica realizado em Lisboa em 1880.

As manipulações cranianas pré-históricas não se limitam às trepanações, revestiram-se de diversos aspectos e surgiram de diferentes formas no registo arqueológico. Assim, na Gruta de Ofnet (Baviera, Alemanha), escavação conduzida por R. R. Schimdt em 1909 (Jeunesse, 2012, p.71), encontrará duas deposições de crânios; um covacho com vinte e sete crânios agrupados, e outro com seis crânios (Fot. 3). Do estudo antropológico, constata-se que a morte teria ocorrido de forma violenta e as cabeças decapitadas, não existindo em território português nenhum caso semelhante.



Fot. 3 Um dos ninhos de crânios encontrados na Gruta de Ofnet (Alemanha) (Jeunesse, 2012, p. 71, a partir de fotografia de R. R. Schm.dt, 1912, pl. 14).

Como foi referido, deve-se a Joaquim Néry Delgado as primeiras descobertas de crânios trepanados e a publicação das mesmas. Anos mais tarde, será a vez de Barbosa Sueiro (1933) dedicar artigo que versava o assunto e pela primeira vez, radiografou-se alguns dos crânios conhecidos e que continham sinais da referida prática. Até esta data, é a única monografia, onde tal procedimento foi realizado. Também Octávio da Veiga Ferreira se irá interessar pelo assunto, abordando-o num panorama mais alargado, em artigo intitulado “*Acerca dos conhecimentos de Medicina e de Cirurgia na Antiguidade*” (Ferreira, 1969), continuando o tema a atrair algumas atenções.

Se é um facto que foram publicados artigos diversos onde o tema era tratado, importa mencionar, que o mesmo ou era abordado pelo lado da Antropologia, ou quando mencionado em artigos de Arqueologia, era sempre de forma superficial, normalmente aludindo apenas à possível existência de crânios com trepanação.

Em 2003 e 2007, Ana Maria Silva e Eugénia Cunha, publicam artigos integrados em monografias dedicadas ao tema, mas na perspectiva da Antropologia Biológica.

Ana Maria Silva e Rui Boaventura têm tratado o assunto, quase sempre integrado em trabalhos mais específicos, referindo-se o mérito pela sistematização que têm levado a cabo e pela qualidade científica que apresentam.

Mais tarde, em 2010, sai na revista de Medicina, *Anamnesis*, monografia em três partes, onde os seus autores (Rui Brito Sacadura e Maria João Sacadura, ambos médicos de formação e com ligações ao British Museum) abordam a trepanação e as “*cut-marks*” em ossos humanos, dando enquadramento a nível europeu e possível ligação às ocorrências mais antigas provenientes do Próximo Oriente e Anatólia.

No entanto, a monografia que “*olhasse*” para o conjunto das diversas evidências e as colocasse em contexto, integrando o local de proveniência no panorama cultural e cronológico, ficou por fazer.

Do Mesolítico em Portugal, os exemplos mais significativos foram descobertos nos Concheiros da Moita do Sebastião e do Cabeço da Arruda. Apresentam cronologia mais antiga do que a temática por nós abordada (existindo ainda alguma diferença cronológica entre os dois locais arqueológicos), afigura-se-nos que são importantes para o estabelecimento do quadro geral da prática da manipulação craniana na Pré-História Portuguesa e o respectivo enquadramento do presente trabalho.

Na Moita do Sebastião foram referenciados fundos de cabana, o que indicaria que aquele local, fosse zona de habitat de carácter semi-sedentário, enquanto no Cabeço da Arruda, temos um caso completamente distinto, mesmo em termos de quem lá foi sepultado. Nos vários concheiros mesolíticos europeus investigados pela Arqueologia, foi-se constatando a existência de rituais indiciadores de aspectos culturais transversais, em termos territoriais e muito mais complexos do que era tido em conta em épocas passadas.

Será durante o Neolítico que registamos, em território nacional, a verdadeira exponenciação da manipulação de ossos cranianos nas suas mais variadas manifestações. E inserido nessa multiplicidade intervenções e usos que os ossos cranianos tiveram durante a referida idade, podemos encontrar exemplares de crânios humanos que foram sujeitos à realização de trepanação em vida e já em esqueleto, foram novamente sujeitos à referida intervenção (Vasconcellos, 1981, p.170).

Existem outros indícios demonstrativos do lugar de destaque que o crânio humano terá alcançado no panteão simbólico do Neolítico. Através da leitura das

diversas monografias, sabemos por exemplo que na Gruta do Escoural, no caso das deposições humanas neolíticas, foram utilizados os nichos existentes na cavidade para aí serem colocados crânios humanos (Santos 1971,1985), e no Covão d’Almeida (cavidade que faz parte do grupo cársico das Grutas da Eira Pedrinha em Condeixa) onde os crânios foram depositados em covachos. Na Lapa do Bugio há referências de que alguns dos crânios estariam agrupados num nicho (Monteiro *et alii.*, 1959, p.426; Cardoso, 1992, p.97).

Dos casos encontrados, os mais significativos serão certamente as máscaras cranianas da Gruta da Feteira e do Algar do Poço Velho, não só pela sua raridade em termos de registo arqueológico, como pelo que terão de certo significado (existem grandes semelhanças entre os exemplares portugueses e o proveniente de Faïd Souar na Argélia (Aoudia-Chouakri e Bocquentin, 2008, pp. 171 – 178) (ver fot. 4). Especial menção merece o caso do Covão de José Bruno, pois o fragmento de parietal com indícios claros de dois cortes demonstra talvez o procedimento para obtenção de rodelas cranianas ou o próprio ter-se-á revestido de algum carácter simbólico. A “*placa*” realizada a partir de osso de frontal craniano, proveniente da Lapa do Bugio em Sesimbra é caso único (apesar de as placas identificadas provenientes da Gruta do Escoural apresentarem semelhanças).



Fot. 4 A *máscara* de Faïd Souar (Argélia), observando-se os orifícios que permitiriam a suspensão da mesma (Aoudia-Chouakri e Bocquentin, 2008, p. 172).

## **\Capítulo IV**

## **Inventário das ocorrências**

*“ [...] Dificilmente conseguimos descortinar como e quando o homem primitivo conseguiu descobrir e pôr em prática tal sistema de tratamento com complicada intervenção cirúrgica, mas o que é certo é que o homem primitivo as executou e com utensilagem... [...]”*

Octávio da Veiga Ferreira (1969, p.120)

Inventariados os casos de trepanação e de outras manipulações cranianas de humanos do actual território português, procede-se à sua descrição, registam-se os locais onde foram encontrados e os materiais associados, de modo a oferecer a sua contextualização.

- 1 – Gruta do Lagar – 1 crânio;
- 2 – Gruta da Casa da Moura – 1 crânio;
- 3 – Gruta da Furninha – 1 fragmento de parietal com evidências de intervenção;
- 4 – Gruta do Lugar do Canto – 1 crânio com 2 trepanações e 3 outros também com evidências do procedimento;
- 5 – Gruta das Fontainhas – 3 crânios;
- 6 – Gruta da Eira Pedrinha (ou Covão d’Almeida) – 1 crânio;
- 7 – Vale Covo – 1 máscara craniana;
- 8 – Gruta da Galinha (ou Lapa da Galinha) – 1 crânio;
- 9 – Covão de José Bruno – 1 fragmento de parietal com dois cortes;
- 10– “Castro” de Pragança – 1 crânio;
- 11 – Anta da Capela de Stº Amaro – fragmentos de crânio com indícios de trepanação;
- 12 – Hipogeus de São Paulo – 3 crânios;
- 13 – Hipogeus de São Pedro do Estoril – 1 crânio;
- 14 – Algar do Bom Santo – 4 crânios;
- 15 – Anta de Cavaleiros (ou Anta da Capela) – 1 rodela de osso craniano;
- 16 – Anta do Olival da Pega I – 2 rodelas de osso craniano (provável existência de crânios trepanados e rodelas de osso craniano na Anta do Olival da Pega II);
- 17 – Lapa do Bugio – 1 rodela e 1 placa; 1 crânio com indícios de escalpe e outro com possível trepanação (não localizados);
- 18 – Praia da Samarra – 1 fragmento de osso craniano com indícios de trepanação;

- 19 – Gruta da Feteira - máscara craniana, porção de parietal com trepanação e calvária com indícios de trauma e intervenção;
- 20 – Algar do Poço Velho – 1 máscara craniana e 1 crânio com dupla trepanação;
- 21 – Anta de Carcavelos – 1 fragmento de calote com indícios de escalpe;
- 22 – Gruta dos Ossos – 1 crânio trepanado (não localizado);
- 23 – Moita do Sebastião – concheiro mesolítico – 2 crânios;
- 24 – Cabeço da Arruda – concheiro mesolítico – 3 crânios.
- 25 – Ulmo (Santa Vitória) – crânio com trepanação (não localizado);
- 26 – Gruta do Escoural – 1 crânio com trepanação, 1 crânio com indícios de escalpe, 1 rodela e 1 placa de osso craniano.
- 27 – Gruta do Algarinho – 1 provável crânio com trepanação.

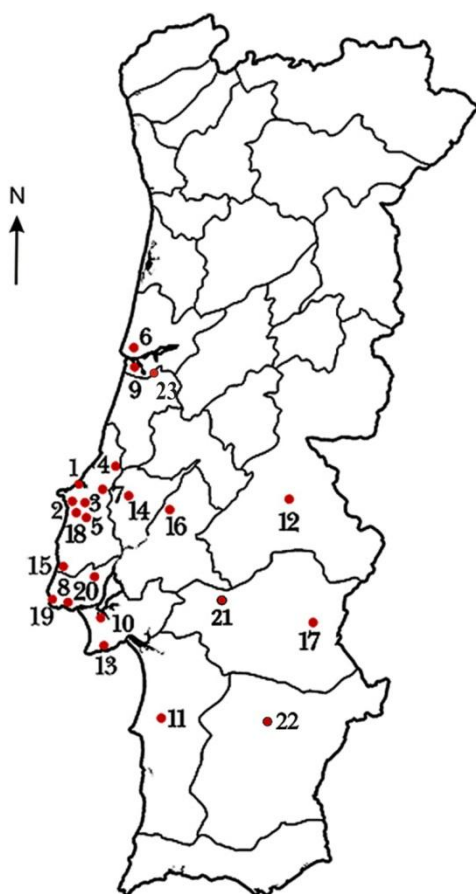


Fig. 1. Distribuição das manipulações de ossos cranianos na Pré-História de Portugal.

- 1 – Gruta da Furninha (Peniche);  
 2 – Gruta da Casa da Moura (Óbidos);  
 3 – Gruta das Fontainhas (Torres Vedras);  
 4 – Lapa da Galinha (Alcanena);  
 5 – Pragança (Vale Covo, *Castro* de Pragança e Covão de José Bruno);  
 6 – Anta da Capela de Santo Amaro (Figueira de Foz);  
 7 – Gruta do Lugar do Canto (Santarém);  
 8 – Hipogeu de São Pedro do Estoril II (Estoril);  
 9 – Gruta da Eira Pedrinha (Condeixa);  
 10 – Hipogeus de São Paulo (Almada);  
 11 – Gruta do Lagar (Santiago do Cacém); 12 – Anta de Cavaleiros (Portalegre); 13 – Lapa do Bugio

(Sesimbra); 14 – Gruta dos Ossos (Tomar); 15 – Praia da Samarra (Sintra); 16 – Concheiros de Muge (Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda -Santarém); 17 – Anta do Olival da Pega (Monsaraz); 18 – Gruta da Feteira (Lourinhã); 19 – Grutas do Poço Velho (Cascais); 20 – Anta de Carcavelos (Loures); 21 – Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo); 22 – Necrópole do Ulmo (Santa Vitória, Beja), 23 – Gruta do Algarinho (Penela).

Nº1

Proveniência: Gruta do Lagar (Freguesia: Melides; Concelho: Grândola; Distrito: Setúbal).

Coordenadas geográficas: 38° 09' 06'' N/ 08° 43' 10'' W.

Descoberta: Augusto Melo Nogueira em 1926.

Depósito: Museu Geológico de Portugal.

Contexto arqueológico: Machados de pedra polida, recipientes em cerâmica, ossos humanos e fauna; lebre (*Lepus europaeus*); cabra (*Capra hircus*) e aves.

Cronologia: Neolítico Antigo, Final.

Bibliografia: Nogueira (1927, pp.41 – 49); Lubell e Jackes (1994, pp.202 – 205); Lubell, Jackes e Meiklejohn (1997, pp.641 – 644); Jackes (2004, pp.23 – 39); Jackes e Meiklejohn (2005, pp.4 – 6).

Descoberta do sítio arqueológico:

Há muito que a população local teria conhecimento da cavidade cársica, dando-lhe um uso que irá ocasionar o seu nome. Serviria como lagar e local de depósito do azeite proveniente das prensas antes de este ser envasilhado. “*Explorada*” por João da Cruz e Silva (residente em Santiago do Cacém) que, de acordo com a bibliografia, teria guardado o espólio encontrado. Após tomada de conhecimento pelas autoridades, de que existiria aí material de carácter arqueológico, é enviado Augusto Melo Nogueira, dos Serviços Geológicos e Mineiros, para “*proceder*” (1927, p.6) a averiguações e se fosse o caso, dar início a intervenção arqueológica, o que viria a acontecer, resultando daí um artigo publicado pelos mesmos serviços. Melo Nogueira irá datar a jazida como sendo do Neolítico Antigo, no que hoje é convencionado chamar-se Neolítico Antigo Evolucionado. A Gruta do Lagar, segundo o mesmo autor, apresentava-se muito modificada. Contudo, foi ainda possível recuperar algum espólio cerâmico e osteológico que permitiu a sua datação. No artigo de Mary Jackes e David Lubell (1994, p.203), “*The Mesolithic-Neolithic transition in Portugal*” é apresentada datação absoluta para material da referida cavidade de 5370<sub>+70</sub> BP (Lubell *et alii*, 1994, p.203), o que a situa nos períodos iniciais da neolitização. No entanto, o conjunto artefactual daí procedente é mais consentâneo com cronologia próxima do Neolítico Médio apresentando semelhanças artefactuais com evidências materiais provenientes das estruturas megalíticas do Alentejo Central.

Coloca-se também o problema de não ser feita qualquer referência ao crânio trepanado na comunicação apresentada. Este aparece no Museu Geológico, como perfeitamente identificado, integrando a colecção de testemunhos da referida proveniência.

Sendo do conhecimento da população (que lhe dava o uso atrás mencionado), à cavidade era ainda associada a certas superstições locais. Por se localizar em posição próxima a uma outra gruta (Gruta da Cerca do Zambujal), a quando dos trabalhos de prospecção e escavação de ambas, terá havido alguma “confusão”, acabando parte dos materiais dos dois locais misturados. Não foi o caso do crânio que é objecto de estudo, que aparece bem referenciado no Museu onde está guardado, tendo ainda etiquetas dos anos 20 do século passado. Esta é uma cavidade natural utilizada como necrópole de inumação, aberta nos calcários cenozoicos (segundo a *Carta Geológica de Portugal*), na margem direita da ribeira de Melides.

Alterações antrópicas:

Foi o primeiro crânio analisado no Museu Geológico e Mineiro (nº de inventário 228). Apresenta-se bastante danificado, seja por processos tafonómicos, seja pela antiguidade em termos de escavação e manuseamento. Não tem o rosto completo, assim como total ausência do maxilar e da mandíbula. Foi datado como Neolítico pelo investigador que o recuperou, em conjunto de material coevo com a cronologia, nomeadamente machados e enxós polidos, e taças de cerâmica com carena baixa. No entanto, não é fornecida mais nenhuma informação nos cadernos de campo de Melo Nogueira (a pequena nota publicada no “*Boletim dos Serviços Geológicos*” também pouco adianta), referente a este crânio, apontando, no entanto, que no interior da gruta existiam evidências de 45 inumações (Nogueira, 1927). Não está referenciado no museu mencionado outro resto osteológico relacionado com este crânio, não sendo por isso possível adiantar algo acerca do esqueleto pós-craniano. No entanto, no que se refere à caveira propriamente dita, esta ostenta nítido indício da prática da trepanação. O procedimento terá ocorrido com o indivíduo em vida, tendo este sobrevivido. A intervenção foi efectuada no parietal esquerdo junto à sutura coronal. Não é possível aferir o real motivo pelo qual terá sido realizada a trepanação. A calote apresenta no osso frontal, na parte central, ligeiramente desviado para a esquerda, pequena depressão, que poderá ter tido origem traumática. Talvez com o intuito de aliviar a pressão que tal trauma teria produzido e assim procurar aceder à massa encefálica, diminuindo a pressão que um eventual coágulo pudesse exercer. Os bordos mostram sinais de regeneração, e, à altura da morte,

o osso estava em pleno processo de remodelação óssea, não existindo indícios de inflamação ou de complicações pós-procedimento. O indivíduo, masculino (segundo os critérios de diagnose sexual através do crânio (Buikstra e Ubelaker, 1994; Ubelaker, 1980; Buikstra, 2006), terá sobrevivido à operação tendo a morte sucedido algum tempo após a referida prática (entre 6 meses a 1 ano), uma vez que o processo de regeneração do osso apresentava já algum avanço. Pela observação e segundo o procedimento de Broca (1867), o crânio tem configuração ovoide. O método usado para a prática da trepanação terá sido a remoção por instrumento de corte, com o provável uso de lâmina de sílex, o que terá permitido a realização de orifício, tendo-se assim acesso ao cérebro em si. O orifício tem as medidas 3,5cm de comprimento por 2,5cm de largura. A depressão no frontal tem 0,2cm de profundidade por 1 cm de largura. Este crânio pode-se designar como um caso *clássico* de trepanação, tendo o indivíduo sobrevivido à prática cirúrgica. Refira-se que no post-mortem, o crânio terá sido polvilhado com ocre, observando-se manchas desse corante no interior da calote, depois de esvaziamento da massa encefálica, correspondendo a segunda manipulação craniana, possivelmente em contexto de carácter ritual.

#### Síntese:

Calote de indivíduo do sexo masculino proveniente de contexto de necrópole de inumação em gruta, provavelmente com mais de 40 anos, com sinais de trauma no frontal e trepanação no parietal esquerdo, com remodelação óssea. O método terá sido a remoção por corte com provável lâmina de sílex.

#### Comentário:

Trepanação de aspecto *clássico*, tendo neste caso uma causa provável para que tal prática tenha sido realizada. Provém de contexto de inumação em necrópole subterrânea, situando-se este caso no Neolítico Médio, inícios da parte final do período referido. A provável causa para a realização da trepanação poderá ter sido a depressão que se observa no frontal, que poderá ter sido ocasionada por objecto contundente e na sequência dessa ocorrência ter sido necessário intervir. Ao depositarem o crânio na gruta terá ocorrido ritual associado ao espalhar pó de ocre, sendo esses vestígios observáveis no interior da calote.



Fot. 5 Crânio da Gruta do Lagar, sendo visível a trepanação junto a sutura coronal do parietal esquerdo. Vista na norma *lateralis* esquerda.



Fot. 6 Pormenor do orifício da trepanação, observando-se a remodelação óssea.



Fot. 7 Norma *facialis*, sendo possível observar a depressão localizada no frontal e mencionada no texto.



Fot. 8 A calote da Gruta do Lagar na norma *basilaris*, observando-se no endocrânio as manchas ocasionadas pela utilização de ocre vermelho.

Nº2

Proveniência: Gruta da Casa da Moura (Freguesia: Olho Marinho; Concelho: Óbidos; Distrito: Leiria).

Coordenadas geográficas: 39° 19' 34'' N/ 09° 15' 54'' W.

Data da descoberta: Joaquim Néry Delgado em 1865 e 1879.

Depósito: Museu Geológico de Portugal e Museu Municipal Leonel Trindade.

Contexto arqueológico: Material diverso de cronologia neolítica, restos humanos dos níveis pós-paleolíticos.

Cronologia: Neolítico Antigo e Final.

Bibliografia: Delgado (1867, p.133); Cartailhac (1886, pp. 81 – 98); Oliveira (1889, pp.109 – 118); Vasconcellos (1897, pp.191 – 192); Choffat (1909, p. 521); Äberg (1921, pp.75 – 79); Sueiro (1933, pp.44 – 45); Almeida e Ferreira (1959, pp.501 – 510); Santos e Ferreira (1969, pp.37 – 62); Ferreira (1970, pp.163 – 174); Bicho (2000, pp.11 – 22); Diniz (2000, pp.105 – 116); Carvalho (2003, p.135 – 154); Cardoso e Carreira (2002, pp.249 – 361); Silva (2003, p.264; 2007, pp.118 – 120); Antunes, Cardoso e Cunha (2009).

Descoberta do sítio arqueológico:

Foi a primeira escavação de Néry Delgado em 1865 com especifica finalidade arqueológica, intervencionando-a novamente em 1879, apresentando-a em comunicado perante a *Société d'Anthropologie de Paris* em 1880.

Barbosa Sueiro também irá examinar este crânio e radiografa-lo em 1933, publicando artigo sobre o mesmo.

A cavidade apresentava-se relativamente imperturbada, mesmo sendo do conhecimento da população local, e segundo os registos de campo, a gruta terá tido ocupações que se estendiam do Paleolítico ao Calcolítico. Foram notadas deposições de artefactos junto a espólio osteológico humano de suposto carácter votivo. Os materiais resultantes da primeira campanha tiveram *vida* atribulada acabando a maior parte deles por desaparecer no incêndio que consumiu a antiga Escola Politécnica ao Príncipe Real, em 1976, então Faculdade de Ciências de Lisboa. Outro desaparecimento a lamentar é o de crânio humano procedente dos níveis paleolíticos e que seria pertencente a indivíduo com o morfotipo Cro-Magnon. Este terá sido enviado para a Alemanha antes da 2ª Guerra Mundial e aí terá desaparecido. Resta hoje um molde em gesso no Museu Geológico e Mineiro. Alguns dos materiais referenciados como mais significativos

eram, machados de pedra polida, enxós, micrólitos, lâminas, lamelas (sílex e quartzo hialino), pendentes (alguns em dentes de carnívoros), botões de osso e marfim (com forma antropomórfica), contas em azeviche e alfinetes de cabeça postiça, e ainda placas de xisto. A presença de placas de xisto nesta zona (onde ele está ausente) leva a considerar a existência de redes de troca e comércio a longa distância. Refira-se também, os quatro esferoides em calcário e de superfície rugosa, que já apareceram noutros lugares de cronologia neolítica, tendo o próprio autor recolhido dois em povoado de Lisboa. Existem datações diversas obtidas a partir de material proveniente da Gruta da Casa da Moura. Interessa-nos particularmente aquelas que “afinam” a cronologia neolítica e fornecem portanto, uma “baliza temporal”. Segundo dados publicados por João Luís Cardoso e António F. Carvalho (2010, p.394) no artigo “*A cronologia absoluta das ocupações funerárias da Gruta da Casa da Moura*”, estas variam entre 5990± 60 BP (TO-953) e os 4600±90 BP (OxA-5506), o que está de acordo com as conclusões a que chegou Néry Delgado no século XIX, colocando correctamente a ocupação do nível superior da cavidade no Neolítico Antigo indo até ao Neolítico Final.

#### Alterações antrópicas:

Proveniente de contexto cársico, a calote, apresenta-se formada pelos *parietais*, *occipital* e *frontal*. Referenciada como proveniente de nível atribuído ao Neolítico, danificada por acção tafonómica, não estando no entanto muito fragilizada. A trepanação foi feita no parietal esquerdo, tendo o processo ficado pela fase inicial de raspagem do osso (sendo este o método usado para a execução do procedimento, com recurso a possível utensílio de sílex (dado que os traços que o osso ostenta assim o confirmam), de forma a realizar a abertura. São ainda observáveis outros sulcos, que sugerem o levantamento do escalpe para a realização da intervenção. Barbosa Sueiro (1933), publica artigo e radiografa alguns dos crânios suscetíveis de mostrarem sinais de trepanação. O da Casa da Moura é um deles, sendo perfeitamente visível na radiografia os traços do procedimento. E aqui coloca-se uma questão que já tinha sido *despertada* ao analisar a referida calote. Não é discernível na radiografia o mínimo sinal de regeneração óssea e os próprios traços de raspagem, sugerem que tenham sido efectuados com carácter post-mortem, pois não só não existe nenhum sinal de recuperação óssea, como o facto de o processo não ter sido completado pode levantar a questão do porquê de aquele ter sido iniciado e não concluído.

Seria de um indivíduo com carácter particular, ou que tivesse alguma função ao nível do mundo espiritual? É provável, mas será algo que ficará no campo do conjectural. Ou seja, não é possível adiantar o porquê do procedimento ou o que terá levado a isso.

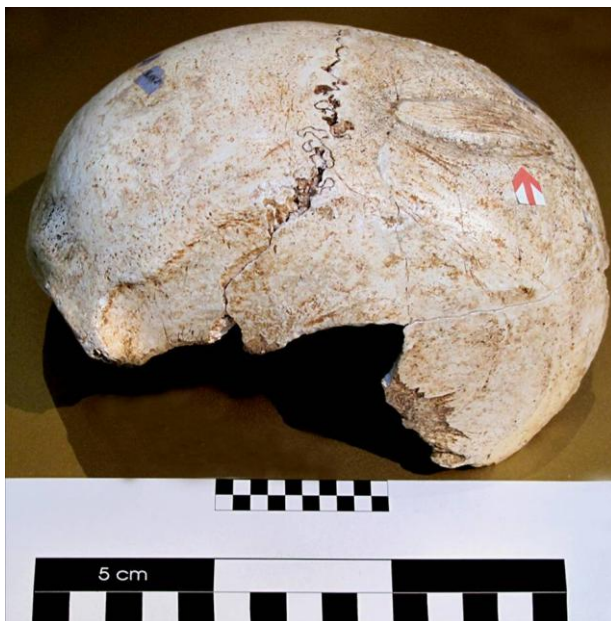
A calote em causa terá pertencido a um adulto masculino com idade à morte compreendida entre os 25 e os 35 anos (Buikstra e Ubelaker, 1994), apresentando configuração romboide na forma da calote (esquema de Sergi) e doliocéfalo ao nível do índice cefálico (Broca, 1867), sendo perfeitamente visíveis as suturas sagital e coronal, não existindo ossos wormianos.

#### Síntese:

Calote procedente de contexto de necrópole em ambiente cársico, de indivíduo do sexo masculino, com idade compreendida entre os 25 e os 35 anos, com indícios de trepanação por raspagem, sem sinais de sobrevivência à prática. Existem traços que indiciam provável levantamento do escalpe. Uso de lâmina bastante afiada, de sílex ou quartzo hialino. Possibilidade de o procedimento ter sido efectuado *post-mortem*.

#### Comentário:

Trepanação por raspagem onde fica a dúvida se terá sido efectuada ou não em vida. Indícios do procedimento de corte do escalpe. Sem a mínima indicação de trauma que pudesse levar a que a intervenção fosse necessária. O formato em elipse da trepanação não é comum. Pelas indicações fornecidas na bibliografia, haveria deposição de espólio votivo junto dos restos humanos.



Fot. 9 A calote proveniente da Gruta da Casa da Moura em norma *lateralis*, tendo a indicação no parietal esquerdo da referida intervenção.



Fot. 10 A calote craniana da Gruta da Casa da Moura visto na norma *verticalis*, observando-se a trepanação por raspagem.



Fot. 11 Pormenor da trepanação, podendo ver-se diversos sulcos, para além dos da trepanação, que poderão ter sido efectuados para levantamento do escalpe ou derivados a outras causas que desconhecemos.

Nº3

Proveniência: Gruta da Furninha (Freguesia: São Pedro; Concelho: Peniche; Distrito: Leiria)

Coordenadas geográficas: 39° 21' 21''N/ 09° 24' 01'' W.

Data da descoberta: Joaquim Néry Delgado em 1865 e 1879.

Depósito: Museu Geológico de Portugal.

Contexto arqueológico: Espólio osteológico humano. Cerâmica, indústria lítica e óssea relacionada com os níveis neolíticos.

Cronologia: Neolítico Antigo e Final.

Bibliografia: Delgado (1884, pp.207 – 278); Vasconcellos (1897, pp.192 – 194; 1906, pp.321 – 322); Ferreira (1964, pp.39 – 59; 1969, pp.119 – 130; 1982); Guilaine e Ferreira (1970); Cardoso e Soares (1995, pp.10 – 13); Cardoso (1997, pp.13 – 23); Jackes (1997; 2002, pp.23 – 39); Carvalho (2003, pp.135 – 159); Cardoso e Carvalho (2011, pp.333 – 392).

Descoberta do sítio arqueológico:

A primeira intervenção de Néry Delgado data de 1865, escavando-a na íntegra em 1879. Foi o primeiro sítio arqueológico em Portugal onde se utilizou o método estratigráfico. Pode-se considerar uma intervenção pioneira para a época, pois Delgado procedeu aos trabalhos em atenção à estratigrafia e referenciando o local de proveniência dos diversos achados.

O contexto da gruta forneceu datações do Paleolítico Inferior até ao Calcolítico (Zilhão, 1993, p.12). No estrato correspondente aos níveis do Neolítico ao Calcolítico, o investigador original deparou com extensa presença osteológica humana, com os respectivos artefactos e elevado número de ossos animais. O número mínimo de indivíduos seria de cerca de 140, tendo em conta a quantidade de maxilares inferiores. O espólio correspondente ao Neolítico caracteriza-se por alfinetes, espátulas, furadores, cabos, estiletos, cilindros, contas, lâminas, lamelas, facas e raspadeiras de sílex, quartzo e quartzito. Machados de anfibolito, xisto anfibólico, placas trapezoidais em xisto, gravadas e com orifícios de suspensão. Acompanhavam ainda, recipientes de cerâmica com ou sem asas. Alguns destes ofereciam decorações, incisadas e plásticas, nomeadamente, recipiente globular, com asas para suspensão, característico do Neolítico Antigo.

Alterações antrópicas:

O fragmento de calote craniana, onde se observa a trepanação num dos parietais, foi o primeiro caso a ser descoberto em Portugal e comunicado por Néry Delgado em 1880, tendo sido recolhido em contexto de ossário. Devido à sua reduzida dimensão, não é possível adiantar nem sexo, nem configuração do crânio a que pertencia. Foi encontrado em contexto cronológico datável do Neolítico Final. Na época da sua descoberta, foi referido como a primeira evidência da prática da trepanação em território português. Barbosa Sueiro irá radiografa-lo e comenta-lo no seu artigo de 1933.

O osso apresenta perfuração com remodelação, com 20 mm de diâmetro e 5 mm de profundidade, assim como sinais inequívocos de cicatrização (denominado na literatura técnica de *woven bone* ou remodelação óssea). Ter-se-á usado a perfuração por *punção*, com sobrevivência, pois o tecido ósseo esponjoso está recoberto pelo tecido compacto do perióstio. A datação por  $^{14}\text{C}$  deu um resultado de 6.900-5.000 a.C. (Jackes *et alii*, 1997, p.642). Na observação visual à lupa do fragmento, outra hipótese se adianta, pois aparenta mais ser resultado de um golpe com objecto contundente, do que possível trepanação. Acresce que a forma côncava da depressão é coincidente com a forma dos machados de pedra característicos do Neolítico.

Síntese:

Fragmento de parietal, onde se pode observar provável trepanação ou resultado de trauma. Poderá ter sido transformado no seu reduzido tamanho com vista à obtenção de amuleto.

Comentário:

Devido ao grande profissionalismo e argúcia de Joaquim Néry Delgado, temos a clara certeza do estrato de proveniência deste fragmento de crânio. Infelizmente é demasiado diminuto para que seja possível extrair mais ilações. No entanto é o suficiente para servir de testemunho das práticas de manipulação craniana existentes no Neolítico. As datações obtidas a partir dos estratos de ocupação inseríveis naquele período são consentâneas com o Neolítico Antigo Evolucionado (Cardoso e Carvalho, 2011, p.386). Segundo dados de Néry Delgado, e pela interpretação dada por João Luís Cardoso (Cardoso e Carvalho, 2011, pp.337 – 338), terão existido fogueiras associadas aos rituais de enterramento e deposição, como também foi observado na Lapa do Fumo

(Serrão e Marques, 1971). Avança-se com a opinião, de que tal fragmento não terá resultado de factores tafonómicos, mas antes, de que terá sido *transformado* numa porção mais reduzida e guardado, devido ao trauma ou à possível trepanação, ligado a eventuais caracteres votivos.



Fot. 12 O fragmento de parietal da Gruta da Furninha. Mede na sua largura máxima 50 mm.

Nº4

Proveniência: Gruta do Lugar do Canto (Freguesia: Alcanede; Concelho: Santarém; Distrito: Santarém)

Coordenadas geográficas: 39° 46' 51" N/ 08° 86' 16" W.

Data da descoberta: Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, em 1975.

Depósito: Museu Geológico de Portugal.

Contexto arqueológico: Restos osteológicos humanos, braceletes e contas de conchas marinhas, micrólitos e lâminas de sílex, machados e enxós de pedra polidas, indústria óssea e poucos fragmentos de cerâmica.

Cronologia: Neolítico Médio.

Bibliografia: Ferreira, Leitão, North, Norton e Zbyszewski (1987, pp.50 – 60); Cardoso e Carvalho (2008, p.278); Boaventura, Ferreira, Neves e Silva (2014, p.189).

Descoberta do sítio arqueológico:

Gruta contendo necrópole neolítica, descoberta por acidente pelo abatimento do tecto de galeria, quando se fazia a abertura de poço. Caracteriza-se por ser cavidade em corredor com orientação E-W, voltada para a entrada actual, dirigida para o centro do vale onde se localiza a povoação de Valverde. À superfície dos sedimentos foram encontradas ossadas humanas, algumas ainda com conexão anatómica, com espólio associado. Encontra-se nos dias de hoje coberta por barracão construído pelo proprietário do terreno, tendo o mesmo cimentado o solo.

Os enterramentos ascendiam a um total de 48 indivíduos (*número mínimo* segundo os apontamentos de Zbyszewski *et alii*, 1987, p.50), com a indicação de serem “*adultos jovens*” (id., p.58). O espólio associado aponta para cronologia consentânea com o Neolítico Médio, caracterizando-se por cerâmica lisa (sem decoração), lâminas de sílex, adornos de conchas de moluscos marinhos e contas discoides de xisto. Alguns dos ossos longos observados, apresentavam “*cut-marks*”, constituindo-se a hipótese mais provável para tal, a descarnação dos tecidos moles e desmembramento.

Alterações antrópicas:

No total das deposições foram identificadas cinco trepanações em quatro crânios, representando um dos mais elevados número de tais ocorrências em necrópoles pré-históricas do actual território português.

- Um dos crânios apresentava duas trepanações incompletas e terá pertencido a adulto jovem, com idade compreendida entre os 25 e os 30 anos, tendo o procedimento sido efectuado no parietal direito, mostrando sinais de cicatrização, pois o tecido compacto da tábua externa recobriu o tecido esponjoso. Sobrevivência à intervenção, apesar da não finalização do processo. O método usado terá sido o da raspagem, não se observando qualquer trauma que justificasse a intervenção.
- Crânio de adulto, este com idade compreendida entre os 30 e os 40 anos de idade à morte, ostentava trepanação também incompleta, sem sinais de cicatrização. Uma vez mais o método usado terá sido o da raspagem e apresenta orifício arredondado no temporal esquerdo com 26 cm de diâmetro, provavelmente não tendo sobrevivido à intervenção.
- A calote identificada com o número de inventário LC 1137.45 apresenta trepanação completa, por raspagem, com sinais de regeneração óssea no topo do parietal direito (passando a linha de sutura e alcançando o parietal esquerdo).
- O último crânio trepanado pertencia a adulto do sexo masculino, idade provável entre os 45 ou 55 anos de idade à morte, que por meio do método de incisão foi submetido ao procedimento no parietal esquerdo, não mostrando quaisquer sinais de cicatrização, o que será indicador mais do que provável, daquele não ter sobrevivido ao processo, tendo sido removida parte do osso (Ferreira *et alii*, 1987, p.52).

Além das trepanações, muitos dos ossos longos mostravam também marcas de corte (Ferreira *et alii*, 1987, p.51) e colorações avermelhadas e laranjas devido aos ossos terem sido polvilhados com ocre. Os autores referem que era particularmente notórios nos ossos cranianos frontais e parietais (id.).

Apesar de termos tido acesso ao espólio, tanto artefactual como osteológico, a observação dos crânios teve origem indirecta, não tendo sido possível determinar onde estarão os referidos crânios, o que contribuiria para uma análise mais detalhada.

#### Síntese:

Quatro crânios trepanados, ostentando um deles duas intervenções. Os métodos usados para a realização das intervenções são os mais comuns na Pré-História Portuguesa, a raspagem e a incisão.

Comentário:

Mais um testemunho da prática da trepanação durante o Neolítico em Portugal e novamente de necrópole em gruta. Constitui o maior número de casos reunidos num único lugar, observando-se remodelação óssea em dois deles, o que indicará sobrevivência após a intervenção. Estas foram realizadas em indivíduos adultos e o facto de existirem crânios intervencionados com recurso a mais do que uma técnica, indicia que teriam conhecimento das diversas práticas disponíveis de forma a procederem às intervenções. Este conjunto de crânios com trepanações constitui um dos casos com cronologia mais recuada para o Neolítico. No artigo dos autores da escavação e no posterior de J.L. Cardoso e A. Carvalho (2008), apontam ambos para uma cronologia de transição entre o Neolítico Antigo Evolucionado e inícios da etapa média do período referido.

De notar o comentário de George Zbyszewski, ao facto de as ossadas aparentemente serem de “*adultos jovens*” (1987,p. 58).



Fot. 13 Imagem de época da intervenção na gruta do Lugar do Canto (Ferreira *et alii*,1987, p.59).



Fot. 14 Pormenor de um dos ossos longos com marca feita pela equipa original de Georges Zbyszewski, em 1975.



Fot. 15 Um dos crânios intervencionados proveniente da Gruta do Lugar do Canto, -número de inventário LC 1137.45. É perfeitamente visível a trepanação no parietal direito com sinais de remodelação (Boaventura e Silva, 2014. fig.5, p. 189).

Nº5

Proveniência: Gruta das Fontainhas (Freguesia: Cercal; Concelho: Cadaval; Distrito: Lisboa.

Coordenadas geográficas: 39° 11' 6.12" N/ 09° 03' 36.57" W.

Data da descoberta: Carlos Ribeiro (1878) e Joaquim Néry Delgado em 1880.

Depósito: Museu Geológico de Portugal.

Contexto arqueológico: Espólio osteológico humano, indústria lítica, óssea e cerâmica, objectos de adorno, espólio malacológico (*Pecten maximus*), restos de fauna.

Cronologia: Neolítico Antigo, Médio.

Bibliografia: Sueiro (1933, pp.45 – 47); Zbyszewski (1963, pp.45 – 47); Ferreira (1969, pp.119 – 141); Pereira (1977, pp.49 – 95); Gonçalves (1992, pp.41 – 201).

Descrição do sítio arqueológico:

Gruta que terá servido de necrópole durante o Neolítico, comprovado pelas ossadas humanas presentes e espólio associado. Mostrava, à data da descoberta, grandes revolvimentos. Há notícia de uma peça de época paleolítica, documentando assim ocupação mais antiga. Restos osteológicos de fauna do Quaternário (urso, hiena, cavalo, pantera, lobo, javali e veado).

A descrição sumária dos artefactos recuperados dá-nos machados de anfibolito, enxós de xisto anfibólico, recipientes de cerâmica, com decoração impressa, incisa e pontilhada inseríveis em contextos do Neolítico (o grande interesse reside, contudo, nas datações e materiais do Neolítico Médio, contemporâneo do Megalitismo), um alfinete de osso, furador de osso, contas de calaíte, anfibolito, azeviche e calcário. Valvas de *Pecten maximus*, *Glycimeris glycimeris* e *Dentalium*. Regista-se também, ocupação do Calcolítico Médio (Gonçalves, 1992, pp. 109 – 111). Dos esqueletos humanos encontrados, alguns estavam em completa conexão anatómica.

A necrópole foi intervencionada, talvez em 1878, por Carlos Ribeiro e novamente por Néry Delgado em Setembro de 1880. Existe alguma confusão quanto ao espólio desta gruta, pois se os restos de fauna estão bem identificados e já foram alvo de análise por parte de João Luís Cardoso (1997, pp.13 – 23), algum do restante material poderá ser proveniente de outras grutas circundantes e que foram pesquisadas na mesma altura. Barbosa Sueiro publicará um artigo onde refere explicitamente crânio trepanado proveniente da cavidade cársica em questão (1933, p.45). Também, Zbyszewski o irá mencionar (1963, pp.45 – 46).

Apesar de não existirem, referências a outros restos osteológicos associados ao crânio, temos indicações de que junto a um dos crânios trepanados, foram encontrados machados de pedra polida e uma concha de *Conus sp.* (Cardoso e Guerreiro, 2002, pp. 363 – 373).

Seria interessante dispormos da correcta disposição do crânio na gruta, assim como da relação dos objectos a ele associados, pois poderiam fornecer informação acerca de rituais associados à deposição de mortos no interior da cavidade natural.

Alterações antrópicas:

Os trabalhos na Gruta das Fontainhas permitiram recuperar três calotes e um crânio com indícios de trepanação. No Museu Geológico de Portugal, foi possível localizar as três calotes (uma das quais faz parte da exposição permanente), mas não o crânio.

Segundo Barbosa Sueiro, o crânio seria de adulto masculino, apresentando na lateral esquerda do frontal, depressão resultante de intervenção não finalizada. Na radiografia ao crânio presente na monografia é possível observar diminuição da espessura óssea, ficando realmente a ideia de que terá ocorrido alguma operação com sobrevivência do sujeito (1933, p.45).

Uma das calotes pertenceu a indivíduo adulto do sexo masculino, sendo as outras duas, ambas de adultos, atribuídos, a indivíduo do sexo feminino. Na calote nº1, onde as suturas praticamente tinham desaparecido, e pela restante análise, aponta para indivíduo feminino, que na sua idade à morte, teria entre os 45 e os 50 anos (o que para a época, seria alguém já com uma extensa vivência, não sendo despiciendo considerar que se tratasse de pessoa com algum carácter distintivo no seio da restante população). Apresenta danos provocados por factores tafonómicos. As marcas que ostenta em ambos os parietais, no entanto, não são de origem natural. A depressão pronunciada do lado direito aparenta ser osso regenerado após trepanação. No parietal oposto, ter-se-á iniciado uma tentativa de trepanação, tendo esta ficado pelo estágio inicial de raspagem e abrasão do osso, não mostrando este quaisquer sinais de regeneração. Apresenta assim dupla trepanação, sendo que entre as duas intervenções terá decorrido intervalo de tempo significativo. Enquanto na intervenção no parietal direito ocorreu total remodelação, o mesmo não se terá passado naquela que foi efectuada no parietal esquerdo, e muito provavelmente terá sido causa de morte. A calote apresenta formato esferoide, segundo a classificação de Broca.

A calote nº2 de individuo de sexo feminino e que teria mais de 35 anos. Muito fragilizados, em parte devido aos já mais de cem anos que leva em museu. No artigo de Barbosa Sueiro (1933, pp.45 – 47), pode-se observar em ambos os parietais um ligeiro adelgaçar do osso. As trepanações (efectuadas por cima da linha de sutura sagital) surgem quase centrais em relação a ambos parietais. O processo não foi completado. Existe remodelação óssea, e sinais de que ocorreu uma inflamação durante o processo de cicatrização. Como refere Barbosa Sueiro, a intervenção terá sido em T-sincipital (processo raro nos contextos portugueses, sendo a única referenciada e mesmo a nível da Pré-História da Europa, os casos contabilizados são igualmente escassos – Manouvrier, 1895, 1902, 1903 e 1904).

Tem formato ovoide (esquema de Sergi), apresentando índice cefálico mesocrânio e com avançado grau de obliteração das suturas, exceptuando a lambdoide.

A última calote (nº3) encontra-se quase coberta por concreções e terra da altura em que foi recuperada da gruta onde se encontrava, dificultando a sua análise. Pertenceu a individuo do sexo masculino, com mais de 40 anos. Apresenta provável trepanação no parietal esquerdo, quase na junção com o occipital, com sinais de regeneração óssea. De formato elipsoide e mesocrânio ao nível do índice cefálico. Linhas de sutura muito obliteradas tal como no exemplar nº2.

#### Síntese:

Necrópole neolítica em cavidade de carácter cársico, de onde foram recuperados um crânio e três calotes, apresentando uma deles, duas trepanações. Evidência do uso de duas das técnicas mais comuns de trepanação no território português; raspagem e incisão e de outra bastante rara, a intervenção em T – sincipital.

#### Comentário:

A calote com dupla trepanação além das marcas de intervenção, mostra possíveis sinais de trauma, sendo causa provável para a intervenção e uma outra bastante incomum no panorama das manipulações cranianas da Pré-História Portuguesa. Possível associação entre um dos crânios e deposição machados em anfíbolito e de concha de *Conus sp.* Segundo os vários autores, e pela descrição artefactual, será mais consensual o seu enquadramento num Neolítico Médio do que mesmo num Neolítico Antigo.



Fot. 16 Norma *verticalis* da calote nº1 da Gruta Fontaínhas, observando-se as marcações do Museu Geológico e Mineiro indicando a dupla trepanação.

Fot. 17 Plano aproximado da trepanação no parietal esquerdo, observando se a não regeneração óssea.



Fot. 18 Grande plano da trepanação no parietal direito da calote nº1.



Fot. 19 A calote nº 2 de indivíduo sexo feminino, na norma *verticalis*, observando-se por cima da sutura sagital e desviado para o parietal esquerdo, a trepanação em T – sincipital, com regeneração óssea.

Na radiografia efectuada por Barbosa Sueiro observa-se com mais detalhe este tipo de intervenção (único identificado nos casos portugueses).



Fot. 20 A radiografia da calote nº2 observando-se ao longo de toda a linha de sutura a zona de intervenção (Sueiro, 1933, Pl. VII, Fig. 9).



Fot. 21 A terceira calote identificada, pertencente a indivíduo adulto masculino. Na parte posterior do parietal esquerdo (apesar de estar quase ocultada por concreções), iniciou-se trepanação, mas sem completar o procedimento.



Fot. 22 O crânio radiografado e descrito por Barbosa Sueiro em 1933, como tendo pertencido a indivíduo do gênero masculino, adulto. Observa-se no lado esquerdo do frontal depressão causada por trepanação, iniciada mas não concluída, registrando-se no entanto sobrevivência e remodelação óssea (Sueiro, 1933, pr. IV, fig. 6).

Nº6

Proveniência: Covão d'Almeida/Eira Pedrinha (Freguesia: Condeixa-a-Velha; Concelho: Condeixa-a-Nova; Distrito: Coimbra)

Coordenadas geográficas: 40° 06' 58" N / 08° 28' 54" W.

Descoberta: Carlos Teixeira e Mendes Corrêa em 1940.

Depósito: Museu de Arqueologia e Antropologia Mendes Corrêa; Museu Machado de Castro e Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Contexto arqueológico: Cerâmica impressa e incisa, espólio osteológico, material votivo diverso, indústria lítica e óssea, fauna mamológica e malacológica.

Cronologia: Neolítico Antigo, Final e Calcolítico.

Bibliografia: Corrêa e Teixeira (1949, p.65); Monteiro e Ferreira (1968, pp.55 – 60); Soares e Silva (1977, pp.101 – 112), Carvalho (2003, pp.135 – 154); Cunha e Gama (2003, pp.131 – 136).

Descoberta do sítio arqueológico:

O complexo cársico da Eira Pedrinha foi intervencionado por Carlos Teixeira dos Serviços Geológicos de Portugal, contando com a participação de Mendes Corrêa. O referido conjunto de cavidades situava-se nas várzeas de Eira Pedrinha, próximo da estrada para Condeixa, sendo denominada a cavidade onde se situava a necrópole de “Covão d'Almeida”. Trata-se de largo abrigo natural com mais de 5 m de altura, cerca de 10 m de boca e 6 m de largura. Segundo os investigadores mencionados, teria contido os restos de mais de 150 indivíduos, numa estratigrafia com potência arqueológica medindo mais de 3 m. Terá sido deixada uma zona em reserva para “testemunho”. Os pesquisadores indicam que o período da gruta será o do “*Eneolítico*” (o que se designa actualmente por Neolítico Final/Calcolítico Inicial). Espalhados pela chamada “camada de ossos”, existiam diversos ossos de vertebrados (aves, cervídeos, etc.), conchas de molusco e lascas de quartzito. É referido que a maior parte dos objectos de cerâmica estavam inteiros. As pontas de seta são consideradas como de tipo “*Palmela*”. Existe distinção entre a cerâmica procedente da “camada de ossos” e a proveniente da camada superior. As da “*camada de ossos*” são de fabrico manual em barro grosseiro com muitos elementos não-plásticos de quartzito ou calcário. Predomina a cerâmica lisa, com fundos hemisféricos, tendo apenas três motivos ornamentais (Corrêa e Teixeira, 1949, estampa VII, Fig. 8 – 15; tem paralelos em Palmela). Segundo os investigadores mencionados, um dos “*mais belos recipientes*” (Corrêa e Teixeira,

1949) procede de camada superior (quase à superfície) e pode-se dizer que é do Calcolítico Campaniforme. Dos exemplares cerâmicos, um dos mais interessantes, é o grande recipiente para suspensão e que jazia num dos “buracos” do lado direito do covão (Corrêa e Teixeira, 1949, pp. 18 - 21, Est. V, Figs. 1 e 2). Encontravam-se virados para baixo, juntamente com outro material e diversos crânios. O vaso de suspensão da Est. VI, fig. 1 estava por cima de um dos crânios. Os autores estabelecem paralelos com recipientes (“vasos”), provenientes de Aljezur e descritos por Estácio da Veiga (1886, p. 200) e com outro proveniente do dólmen da Folha das Barradas - Sintra (descrito por Carlos Ribeiro e Estácio da Veiga). Segundo Mariana Diniz, existiriam figuras de orante em algumas cerâmicas, realizadas por impressão com concha de *Cardium edule* (2009, p.165).

#### Alterações antrópicas:

Depositados em “covachos”, estavam vários crânios humanos, acompanhados por pontas de seta e facas de sílex, machados de pedra e alfinetes de osso e um grande vaso com orifícios de suspensão. No fundo de um dos “buracos” (Corrêa e Teixeira, 1949), foi retirado um fragmento de maxilar de javali. Os crânios talvez estivessem colocados em *recôncavos* da caverna (existe uma situação algo similar na Gruta do Escoural para os enterramentos neolíticos, onde alguns crânios estavam em situação individualizada e colocados em nichos). Um recipiente de pequeno tamanho (4 cm de altura por 9 cm de bojo - Corrêa e Teixeira, 1949, Est. VII, Fig. 7) estava depositado conjuntamente com diversos crânios. De referir que foi ainda notado, que valva de *Pecten*, continha uma faca de sílex, e que concha de *Cypraea* foi encontrada numa das cavidades oculares de um dos crânios (nº101). A concha apresentava duas perfurações (provavelmente por ter servido como *conta* de colar ou fio). Os crânios foram estudados por Mendes Corrêa, Amândio Tavares e A. Salvador Júnior, do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Porto, que os descreveram como “*pertencentes a população de crânios doliocéfalos e subdolioscéfalo de contorno ovóide, predominância dolicoide.*” Nota-se ao ler o estudo antropológico que a preocupação predominante era estabelecer tipos rácicos e se teriam características que fossem prevaletentes na população portuguesa da altura, assim como, se seriam aparentados do *Homo Afer Taganus* ou se existiria miscigenação com tipos de *Homo Alpinus*, problemática que Mendes Corrêa desenvolvia.

Da leitura da monografia sobre a Eira Pedrinha, fica a ideia de que num primeiro momento terão existido deposições individuais com ritual associado, assim como abertura de covas onde foram depositados crânios e vários artefactos como oferenda, mas as repetidas deposições e revolvimentos acabaram por misturar os restos ósseos. Note-se que nessas covas, alguns dos crânios tinham recipientes de cerâmica por cima (uma caixa sobre a *caixa*?). Refira-se, também, que alguns dos crânios estavam inseridos em concavidades do *Covão* e a observação de que, no interior de um deles se encontrava concha de *Cypraea*. Todo este momento de actividade ritual deverá corresponder muito provavelmente ao Neolítico Final. Temos então uma ritualização constante, onde o uso do crânio, como objecto de devoção ou de culto estaria associado às práticas funerárias ou a contextos mágico-religiosos naquele momento da Pré-História Recente.

A calote que apresenta sinais de intervenção está marcada com as indicações de “*crânio n°87*”. Apresenta pequeno osteoma no frontal, em localização superior à intervenção. A trepanação está 48 mm acima da arcada supraciliar, tendo uma abertura subcircular de 20mm e uma profundidade de 5 mm. Terá pertencido a indivíduo adulto, provavelmente masculino, com mais de 45 anos e a técnica empregue terá sido a incisão por buril. Por altura da morte, a intervenção estaria completamente cicatrizada, tendo-se formado grande calosidade óssea na tábula interna.

Da deposição de recipientes cerâmicos juntamente com crânios humanos refira-se o caso do Algar do Barrão onde em nicho da cavidade cársica, encontravam-se dois crânios humanos (um deles pertencendo a indivíduo do sexo feminino) juntamente com vaso esférico depositado com a “boca” para baixo e de forma a parecer-se com calote craniana (Carvalho *et alii*, 2003, pp. 101 – 119).

#### Síntese:

Local algo singular a nível de deposições e espólio que acompanha. Além da trepanação, é de referenciar outras patologias de particular interesse, mas que saem fora do âmbito deste trabalho.

#### Comentário:

Para além do facto de ser o sítio mais a norte onde há registo de aparecer uma trepanação, o ritual de deposição em *covachos* no interior da cavidade acompanhado de espólio diverso constitui referência no quadro da actividade simbólica no Neolítico. Os

agrupamentos de crânios e o aparecimento de uma concha de *Cypraea* numa das cavidades oculares aparentam semelhança com casos oriundos do Próximo-Oriente, como os crânios de Jericho. Todo o conjunto material que se encontrava no mesmo nível dos crânios humanos é consentâneo com o período do Neolítico Final.



Fot. 23 Imagem parcial da cavidade por altura da sua intervenção, sendo possível observar um dos crânios provenientes do referido contexto (Teixeira, 1949, p.21).



Fot. 24 O crânio 87 da Eira Pedrinha, em norma *verticalis*, observando-se a trepanação no lado esquerdo do osso frontal.



Fot. 25 O referido crânio, onde se pode ver no endocrânio, a calcificação resultante da intervenção, e também, a coloração resultante do uso de ocre vermelho, o que terá acontecido em momento posterior.



Fot. 26 Um dos recipientes de cerâmica, provido de furos para suspensão, estaria sobre um dos crânios (Teixeira, 1949, Est.VI, Fig.1).

Nº7

Proveniência: Vale Covo (Freguesia: Lamas; Concelho: Cadaval; Distrito: Lisboa)

Coordenadas geográficas: 39° 11' 52''N/ 09° 03' 33''W.

Descoberta: Leonel Trindade em 1949.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Furador, “*faca*” de sílex, fragmento de cerâmica.

Cronologia: Calcolítico (?).

Bibliografia: Faria (1957); Castelo-Branco (1962, pp.303 – 307); Machado (1965); Ferreira (1973, pp.295 – 305); Gonçalves (1990, pp.13 – 24); Melo (2002, pp.97 – 118); Senna-Martinez (2002, pp.77 – 93); Silva (2003, pp.122 – 124).

Descrição do sítio arqueológico:

São abundantes na zona as *lapas* e os *covões*, até grutas, contendo vestígios arqueológicos, que M. Heleno mais tarde haveria de referir, como “*grutas naturais*” de Montejunto associadas ao “*Eneolítico*” (Heleno, 1956, p. 230).

O crânio foi descoberto por Leonel Trindade, por alturas de prospecções efectuadas naquela região. O mesmo vem referenciado no Caderno 1 de Manuel Heleno, referente à zona de Torres Vedras, tendo como designação TV 2 – 1949, diz, escrito manualmente: “*Colecção/Leonel Trindade/e/escavações complementares feitas em 1941/Pragança/e Serra de Montejunto*”, lendo-se em duas das suas páginas, não numeradas, sobre Pragança: “*b) Do Vale Covo no Vale de Tomates, perto do Castro no vale que corre do lado do nascente, a cerca de 500 m, um craneo trepanado, que apareceu dentro duma gruta com um furador, uma faca e caco com decoração ondulada (Calcolítico ou ferro).*”

*O craneo apareceu a 30 cm de profundidade numa espécie de prateleira na rocha”.*

Devemos sublinhar a importância da presença de elementos da cultura material associados ao crânio, permitindo conferir-lhe provável datação relativa e a desejada integração cultural.

O crânio só deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia no ano 2000. De referir, que apesar da ausência de indicações relativas ao achado do mesmo, e devido a encontrarem-se em depósito outros crânio procedentes da mesma zona e aos quais foi

possível atribuir data, não será de todo displicente colocar este no Calcolítico (uma vez que próximo da zona onde terá sido encontrado, localiza-se o povoado fortificado de Pragança, que apresenta diacronia de ocupação que vai desde o Neolítico Final/Calcolítico até à Idade do Ferro. No entanto, a correcta atribuição de uma data só será possível caso se proceda a análise de Carbono 14 ao mesmo.

Alterações antrópicas:

A peça chegada até nós corresponde a caixa craniana humana ou mesocrânio, conservando o frontal, ambos temporais, os parietais e o occipital, faltando-lhe os ossos da face e a mandíbula, ou seja, o chamado maciço frontal ou esplanocrânio. O seu estado de conservação é excelente, atendendo a não ter sofrido significativamente com o processo tafonómico, para o que muito terá concorrido a sua deposição em cavidade com ambiente calcário, pois para além dos ossos em falta, que podem dever-se a acção antrópica, apenas apresenta as superfícies ligeiramente degradadas, talvez devido à acção dos ácidos húmicos. A forma da calote craniana integra a categoria pentagonóide (Sergi, 1911) e o índice cefálico, que relaciona a largura com o comprimento máximo, indica tratar-se de braquicrânio (Broca, 1879). O seu comprimento ântero-posterior máximo é de 16 cm e a largura transversal máxima, de eurion a eurion, mede 12 cm. As linhas de sutura são meandriformes, bem pronunciadas, do grau 4 da escala de Broca.

Dado que aquelas começam a diluir-se em torno aos quarenta anos, permite-nos propor tratar-se de indivíduo adulto, com idade superior aos vinte e cinco anos, mas não ultrapassando aquela primeira. Apresenta pequeno osso supranumerário mediano (vórmio), na sutura lambdoide, entre o occipital e os parietais, embora descentrado mas onde aqueles se encontram com maior frequência. Eles são, também, conhecidos como “osso inca” ou “ossículo de Goethe” (Wafae *et alii*, 2007, p. 67). Perante a ausência da mandíbula, recorreremos aos critérios de Acsadi e Nemeskeri (1970), que tentam a definição sexual através da morfologia craniana, concluindo-se que aquele pertenceria a indivíduo do sexo masculino. De facto, a crista supra-orbital corresponde ao nível 4, tal como a nucal, enquanto o processo mastoide é classificável no grau 3. A parte superior das órbitas, de estrutura com tendência quadrangular, sugere ainda espécimen masculino. No parietal esquerdo observam-se duas incisões rectilíneas, paralelas entre si e ao eixo maior do crânio, largas e profundas, com aspecto fusiforme, ultrapassando a sutura coronal e atingindo o frontal, quase atravessando o osso, dado apenas cortarem a

tábua externa e o diploe, marcando a tábua interna. Medem 38 mm e 30 mm de comprimento. Corte igualmente profundo e largo, com um bordo recto e outro em largo zig-zague, sobrepõe-se ao sector superior da sutura coronal, alcançando, no lado direito, a *sutura squamosal*. Este só parcialmente amputou a totalidade da tábua interna, dela permanecendo alguns restos. Mede 13 mm de comprimento e 16 mm de largura máxima. Um quarto corte, oblíquo aos restantes, ainda de aspecto fusiforme, faz a ligação entre aquele último e os dois primeiramente descritos. Mede 35 mm de comprimento, sendo menos largo e profundo que os restantes, embora atinja a tábua interna.

As incisões observadas foram realizadas com artefacto resistente e cortante, muito possivelmente faca de sílex. A lâmina de sílex que compõe parte do espólio que acompanhava o crânio, encaixa-se perfeitamente nos cortes efectuados. Aquela foi utilizada em movimentos de vai e vem até se atingirem os objectivos requeridos. Não se detectam quaisquer sinais de infecção ou de remodelação óssea, pelo que as incisões terão sido efectuadas *post-mortem*.

Em torno daquelas observam-se outras linhas incisivas, curtas e pouco profundas, dado não alcançarem o diploe, que parecem corresponder ao início de cortes abandonados. As grandes dimensões das incisões, relativamente às trepanações conhecidas, tal como a disposição daquelas, apesar de se conhecerem trepanações quadrangulares (Mogliazza, 2009, p.188), conduz a pensarmos tratar-se de cortes tendo em vista a obtenção de máscara craniana.

Terá a vítima em questão sido alvo de algum ritual ou de situação, do tipo execução? Dada a escassez de dados não é no entanto possível adiantar quais terão sido os motivos ou o contexto da manipulação descrita.

#### Síntese:

Possível tentativa de realização de máscara craniana. O osso não mostra sinais de regeneração, pelo que os cortes terão sido efectuados *post-mortem*.

Comentário:

Um dos casos mais atípicos entre os analisados é também um dos mais interessantes. Por todo o conjunto da própria situação da descoberta, da referência num dos cadernos pessoais de uma figura incontornável da Arqueologia portuguesa e não menos importante, por talvez a gruta onde foi encontrado o crânio, fosse na realidade um santuário onde aquele teria sido depositado. Pelo material encontrado em contexto (pequena lâmina de sílex e fragmento de cerâmica com decoração “penteada”), insere-se num momento do Calcolítico Inicial.



Fot. 27 O crânio de Vale Covo, a partir do qual se terá tentado obter máscara facial craniana, visto na norma *lateralis* direita.



Fot. 28 Pormenor do grande corte efectuado entre o frontal e os parietais.

Nº8

Proveniência: Lapa da Galinha (Freguesia: Vila Moreira; Concelho: Alcanena; Distrito: Santarém).

Coordenadas geográficas: 39° 28' 52'' N/ 08° 40' 20'' W.

Descoberta: Félix Alves Pereira e José de Almeida Carvalhais em 1908.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Micrólitos, pontas de seta, alabardas, punhais e lâminas de sílex, enxós, machados e goivas de pedra polida, furadores de osso, placas de xisto gravadas, objectos de adorno, cerâmicas. Espólio osteológico humano.

Cronologia: Neolítico Final.

Bibliografia: Pereira (1908, pp.382 – 384); Vasconcellos (1925, pp.11 – 14); Sá (1959, pp.117 – 128); Gonçalves e Pereira (1977, pp.49 – 87); Gonçalves (1978, pp.147 – 162); Oosterbeek (1987, p.101).

Descrição do sítio arqueológico:

Gruta natural, composta por sala ampla com duas entradas, uma lateral, onde se encontrou nível arqueológico que contendo várias tumulações individuais (sessenta e uma no total) datáveis do Neolítico Final, dados os materiais associados. O espólio era diverso e composto por, lâminas, lamelas, contas de osso e azeviche, alfinetes de osso, pontas de flecha de base côncava ou com pedúnculo, pontas de lança, placas trapezoidais com decorações e baculiforme de xisto, tal como figurações antropomórficas. As placas de xisto foram consideradas como dos exemplares mais “*exuberantes*”, e o báculo do mesmo material, foi interpretado por Manuel Heleno como a “*representação mais típica*” de um machado encabado. A cerâmica encontrada era lisa, de cor vermelha, alguma mamilada, outra com decoração em sulcos horizontais ou com três linhas paralelas em “*zigzag*”. A escavação foi efectuada por José de Almeida Carvalhais, do então Museu Etnológico com a orientação científica de Félix Alves Pereira.

Alterações antrópicas:

O crânio de adulto feminino, de formato doliocéfalo, tinha associado artefactos diversos como, lâminas de sílex e uma placa em xisto. Leite de Vasconcellos (1925, pp.11-14) referencia este crânio como um *indício clássico de trepanação* no seu “*A Medicina dos Lusitanos*”.

A trepanação terá sido efectuada com sucesso, quase na zona de fronteira entre o frontal e o parietal esquerdo, ao longo da sutura sagital e perto do bregma. À altura da morte, o orifício (de contornos elipsoidais) encontrava-se em pleno processo de remodelação óssea, como se observa nos bordos daquele. O método usado terá sido o da raspagem e perfuração. O motivo que terá levado à referida intervenção, não é possível de determinar. De notar que o seu estado de conservação é muito frágil e está danificado por processos tafonómicos. Maria Cristina de Sá (1959, p.118) ao examinar o espólio osteológico procedente desta gruta, chamou a atenção para o facto de os crânios se encontrarem colocados em cavidades e saliências no interior da referida cavidade.

#### Síntese:

Crânio que se tornou numa referência clássica na bibliografia nacional e que apresenta trepanação com regeneração óssea.

#### Comentário:

Um dos casos de trepanação, em que o indivíduo sujeitado à prática era do sexo feminino. Será dos poucos casos onde existe uma clara associação entre um indivíduo específico e uma placa de xisto decorada, sendo que, pelo conjunto de artefactos coevos, insere-se no período Neolítico, quando o megalitismo estaria no seu auge.



Fot. 29 Norma *verticalis* do crânio proveniente da Lapa da Galinha.

Fot. 30 Pormenor da trepanação.



Nº9

Proveniência: Covão de José Bruno (Freguesia: Lamas; Concelho: Cadaval; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 39° 11' 52'' N / 09° 03' 33'' W.

Descoberta: António Maria Garcia em 1893 (?).

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Lâminas de sílex, pontas de flecha, instrumentos de osso, artefactos em pedra polida e recipientes em cerâmica.

Cronologia: Neolítico Final; Calcolítico.

Bibliografia: Vasconcellos (1895, p.37; 1905, pp. 65 – 71; 1918, pp.356 – 369; 1920, pp.301 – 304); Apolinário (1897, pp.86 – 95); Faria (1957); Castelo-Branco (1962, pp.303 – 305); Machado (1965, p.514); Ferreira (1973, pp. 295 – 305); Gonçalves (1990, pp.13 – 24); Melo (2002, pp.97 – 118); Senna-Martinez (2002, pp.77 – 93); Silva (2003, pp.122 – 128).

Descrição do sítio arqueológico:

Este fragmento de crânio encontrava-se referenciado como tendo dado entrada no Museu Ethnographico em 1893, sendo proveniente da zona de Pragança, de contexto de necrópole cársica. Terá resultado dos trabalhos de prospecção e escavação em zona próxima ao chamado *Castro de Pragança* (povoado fortificado com fundação no Neolítico Final e muralhado já no Calcolítico), conduzidos por António Maria Garcia ao qual se juntou mais tarde José Leite de Vasconcellos. O *Covão* localizar-se-ia nas imediações do povoado fortificado de Pragança. Não existem muitas mais referências acerca do local exacto de origem do crânio, para além de se saber que existem uma série de cavidades naturais, nas encostas que rodeiam o povoado referido. O *Covão de José Bruno* seria certamente uma dessas aberturas criadas pela particularidade das rochas que compõem o solo daquela zona. O que de concreto podemos dizer é que na parte interna do fragmento de calote está uma etiqueta antiga, que contém a menção “*António Maria Garcia Junior. Pragança. Lapas. Cadaval. Covão de José Bruno. 14-4-1893*”. No Museu Nacional de Arqueologia, o espólio que tem associado ao mesmo local de origem, apresenta alguma amplitude cronológica, mas inserindo-se no período Calcolítico, pelo que extrapolamos a ideia de que parietal recortado tenha a mesma proveniência do espólio artefactual.

Alterações antrópicas:

Não sendo exactamente um crânio, nem sequer uma calote, mas sim parte do parietal esquerdo, afigura-se como bastante interessante e peculiar devido às características que apresenta, residindo tal nos inusitados cortes que apresenta e do porquê de terem sido efectuados.

Estará aqui a prova da obtenção das *rodela*s cranianas utilizadas como *amuleto*, como refere Leite de Vasconcellos em “*Religiões da Lusitânia*” (vol. I, pág. 396)?

A observação indica que o osso foi alvo de corte, com provável objecto em sílex, mas não se coaduna com os outros procedimentos habituais de trepanação. Este caso não é uma trepanação. Os cortes terão sido realizados *post-mortem*, não sendo possível sobreviver a tal intervenção, com ablação de tal quantidade de osso craniano, pelo que não será de afastar a obtenção de uma parte do crânio como objecto de culto. Seria o crânio pertencente a alguém importante na sociedade da época? Um xamã, feiticeiro ou *medecine-man*?

Os cortes no osso foram efectuados de forma precisa, pela maneira como se apresentam, um mais angular, parte da sutura lambdoide, inflectindo e terminando na sutura sagital. O outro tem forma subcircular, quase em *meia-lua*.

Fica a hipótese de terem usado o crânio (como é pressuposto) como matéria-prima de onde se terá extraído “*rodela*s-*amuletos*” ou do próprio parietal ter servido como objecto de funções simbólicas.

Síntese:

Fragmento de parietal esquerdo com dois cortes *post-mortem* com vista à provável obtenção de “*amuletos em osso craniano humano*”.

Comentário:

Com base nos artefactos associados, este é possivelmente, um dos testemunhos com cronologia menos recuada no que concerne a manipulações cranianas da Pré-História Recente de Portugal e também um dos que mais questões coloca quanto à sua finalidade.



Fot. 31 O fragmento de parietal esquerdo em vista exocraniana, sendo possível observar cortes de ambos os lados.



Fot. 32 Pormenor de um dos cortes, neste caso, o mais triangular.

Nº10

Proveniência: *Castro* de Pragança (Freguesia: Lamas; Concelho: Cadaval; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 39° 11' 52'' N / 09° 03' 33'' W.

Descoberta: António Maria Garcia em 1893 (?).

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Arqueológico do Carmo; Museu Municipal do Cadaval e Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique.

Contexto arqueológico: Pontas de flecha de base, machados, alfinetes de osso, cerâmica com decoração a pontilhado (material identificado no MNA como tendo a mesma origem do que o crânio) e ídolos cilíndricos de calcário.

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Apolinário (1897, pp.86-95); Vasconcellos (1895, p.37; 1905, pp.65-71; 1918, pp.356-369; 1920, pp.301-304;1927); Äberg (1921, pp.92-93); Faria (1957); Machado (1965, p.51); Arnaud, Jorge, e Oliveira, (1971, pp.97-132); Ferreira (1973, pp.295-305); Gonçalves (1990, pp.13-24); Melo (2002, pp.97-118); Senna-Martinez (2002, pp.77-93); Silva (2003, pp.123-125; 2007, pp.268-270).

Descrição do sítio arqueológico:

Calote procedente da zona de Pragança, também de contexto funerário de gruta e concretamente do Castelo de Pragança, de provável atribuição ao Calcolítico. Procederá das explorações que António Maria Garcia (professor primário em Pragança) e de José Leite de Vasconcellos. Terá sido encontrado numa das várias cavidades naturais que rodeiam o monte onde se situa o povoado. Infelizmente, não foi dada atenção ao registo da localização dos sítios, sendo hoje em dia informação definitivamente perdida. O chamado *Castro* de Pragança tem níveis arqueológicos que vão desde o Neolítico Final (época em que terá sido fundado) até Período Romano Republicano, altura em que terá sido abandonado definitivamente. O local foi alvo de campanhas diversas e nem sempre bem conduzidas, resultando na dispersão dos materiais (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal do Cadaval, Museu Arqueológico do Carmo e Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique em Faro). A classificação de castro que Leite de Vasconcellos lhe atribuiu, contribuiu para o prolongar das interpretações erróneas em relação ao povoado e esse estado de coisas acabou por *contaminar* as explorações das cavidades circundantes ao morro do povoado. O material examinado

que consta no Museu Nacional de Arqueologia como tendo a mesma proveniência que o referido crânio é cronologicamente integrável no Neolítico Final.

Alterações antrópicas:

Não existem registos que possam esclarecer de que covão específico provém o crânio. Sabe-se que está em depósito no Museu Nacional de Arqueologia e que será procedente dos trabalhos levados a cabo pelo próprio Leite de Vasconcellos em conjugação com António Garcia. Os materiais em depósito e que lhe estão associados correspondem a larga cronologia compatível com os estádios finais do Neolítico, início do Calcolítico. O crânio apresenta-se bastante danificado na zona do rosto, tendo sofrido a acção de processos tafonómicos. Terá pertencido a uma mulher adulta, mais de 45 anos de idade à morte. A trepanação foi efectuada no parietal direito e pelos indícios, terá morrido pouco depois do procedimento, pois a recuperação do osso estava em fase ainda incipiente. O procedimento para a trepanação terá sido o de raspagem. A configuração da calote é ovoide. Pela análise, não foram detectadas motivos evidentes para que a trepanação tenha tido lugar.

Síntese:

Calote de individuo do género feminino, com trepanação efectuada no parietal direito por raspagem. Sinal de regeneração óssea, mas o tempo de sobrevivência terá sido curto.

Comentário:

Proveniente de um local abundante em pequenas grutas e encimado por povoado fortificado, contabilizando-se em três, o número de ocorrências afins provenientes da mesma zona. Todos os casos são de diferente natureza, sendo este o mais *tradicional*.



Fot. 33 O crânio de Pragança observado em norma *verticalis*.



Fot. 34 Pormenor do orifício causado pela trepanação, sendo visível o osso trabecular e o início de alguma regeneração.

Nº11

Proveniência: Anta da Capela de Santo Amaro (Freguesia: Buarcos; Concelho: Figueira da Foz; Distrito: Coimbra).

Coordenadas geográficas: 40° 11' 43'' N/ 08° 53' 07'' W.

Descoberta: Santos Rocha e Goltz de Carvalho, 1895.

Depósito: Museu Municipal Dr. Santos Rocha.

Contexto arqueológico: Cerâmica com decoração, placas de xisto, contas pétreas, pontas de flecha, ossos humanos.

Cronologia: Neolítico Final.

Bibliografia: Guerra e Rocha (1969, pp.261 – 284); Rocha (1969, pp.189 – 194); Guerra e Ferreira (1974, pp.133 – 138); Silva (2003, pp.120 – 121).

Descrição do sítio arqueológico:

Anta descoberta em 1895, por alturas de obras na Capela de Santo Amaro, na Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz, intervencionada por Santos Rocha e Goltz de Carvalho. Apesar de bastante danificada pela construção da igreja, foi possível recuperar espólio significativo e realizou-se a sua planta detalhada. O material encontrado é consentâneo com o Neolítico Final, demonstrado pelas placas de xisto encontradas (que terão *viajado* do Alentejo até à Beira Litoral), as contas de colar de material pétreo diversificado, assim como pela cerâmica incisa e impressa.

Alterações antrópicas:

Composto por parte do frontal, temporal direito, parietal e também do occipital. Pelo aspecto das suturas cranianas, terá pertencido a indivíduo adulto. Santos Rocha (1949, p.292) identificou no parietal vestígio de trepanação. Junto da sutura coronal direita existe uma profunda incisão com 28 mm, 4 mm de largura e 2 mm de profundidade, e lados oblíquos. A operação terá sido iniciada, mas não terminada, observando-se, no entanto, sinais de cicatrização, o que mostra que terá sido feita em vida havendo sobrevivência, pois o diploide encontra-se coberto pelo tecido ósseo. O que resta do crânio, não apresenta nenhum sinal de lesão, nem motivos para a prática da trepanação, o que vem no seguimento das ideias propostas por Broca, de que esta teria carácter mágico-ritual. Foi também recolhido o maxilar, os dentes incisivos, os caninos e um molar, todos eles gastos até à raiz, o que sugere um “*indivíduo muito velho*” (Guerra e Rocha, 1969, p. 283). Santos Rocha relata que uma fiada de contas estaria *in situ*, em

conexão e junto ao crânio. Na análise à lupa é bem visível o sulco efectuado, assim como as suas margens oblíquas, mas também perfeitamente notórios os sinais de cicatrização.

**Síntese:**

Fragmento de calote com trepanação incompleta por raspagem e possível sobrevivência. Visíveis os sulcos de raspagem. Proveniente de um contexto dolménico.

**Comentário:**

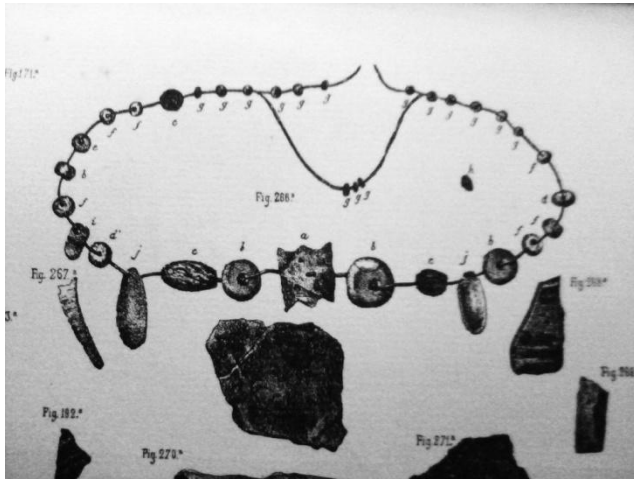
Trata-se do exemplar proveniente de contexto dolménico situado mais a norte. A trepanação, efectuada pelo método de raspagem, não foi completada notando-se a existência de regeneração óssea.



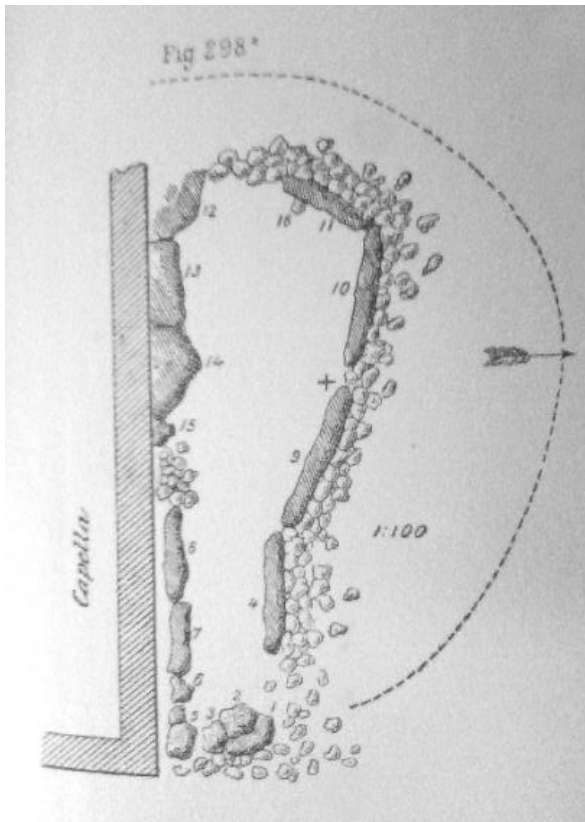
Fot. 35 A calote da Anta da Capela de Santo Amaro, sendo observável os sulcos de raspagem efectuados por provável lâmina de sílex.



Fot. 36 O fragmento, onde é visível na parte inferior esquerda a anotação “Stº Amaro”.



Fot. 37 As *contas* constituintes do colar, que estaria em associação com o crânio, segundo a imagem de Santos Rocha (1969, p.282).



Fot. 38 A planta da anta (Santos Rocha, 1969, p.281).

Nº12

Proveniência: Hipogeus de São Paulo II (Freguesia: Almada; Concelho: Almada; Distrito: Setúbal).

Coordenadas geográficas: 38° 40' 51'' N/ 09° 09' 48'' W.

Descoberta: Luís de Barros em 1988.

Depósito: Centro de Arqueologia de Almada/ Museu Municipal de Almada.

Contexto arqueológico: Pontas de flecha, micrólitos triangulares e trapezoidais, lâminas de sílex, machados e enxós, materiais votivos, ídolos de calcário, placas de xisto. Cerâmicas com horizonte cronológico diverso. Vestígios de fauna malacológica.

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Gonçalves, Andrade e Pereira (2004, pp.73 – 96); Silva (2003, pp.124 – 126; 2004, pp.270 – 272; 2011, pp.1 – 29).

Descrição do sítio arqueológico:

Necrópole formada por *hipogeus* com utilização durante a segunda metade do 4º milénio e 3º milénio A.C. (enquadrada pelos materiais aí recuperados num *horizonte megalítico* tardio) e mais tarde perturbada por uma lixeira datada da Idade do Ferro. Apresentava, ainda, indícios de intrusão durante o Período Romano e pelo cemitério da antiga Igreja e Convento de S. Paulo. Segundo os investigadores encarregues da intervenção, a necrópole teria contido um *número mínimo de indivíduos* de cerca de 255 deposições (Silva, 2011,p.3). Ficava situada no adro com o mesmo nome, próximo da arriba fóssil. Na gruta artificial, foram ainda detectadas duas deposições individualizadas, muito remexidas, contendo algum material lítico. Realce para o pequeno vaso de cerâmica com a provável imagem pintada de um *orante* (Fig.29), assim como para os ídolos de calcário e as várias placas de xisto, com origem exógena (Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004, p.78 – 85). O pequeno recipiente cerâmico com a figura de orante vem de encontro ao expresso por Mariana Diniz (2009, pp.159 – 167) como elemento de *estatuto divino* (id. p.167), e parte integrante do simbólico no Neolítico.

#### Alterações antrópicas:

Entre o vasto espólio material osteológico humano foram encontradas três calotes com indícios de trepanação.

Os fragmentos cranianos, compostos por parte do parietal direito e parte do frontal, com o número de inventário SP.1 (Fig.30), apresentam-se muito danificados, sendo no entanto, perfeitamente visíveis os traços originados pela tentativa de trepanação. O método usado terá sido o da raspagem e não existem sinais de remodelação óssea. Pode ser colocada a hipótese de trepanação *post-mortem*. O indivíduo teria mais de 45 anos. Quanto a determinação de sexo, o fragmento de calote é insuficiente para extrair essa informação.

O segundo caso, o crânio SP.65, terá pertencido também a indivíduo adulto já maduro de sexo indeterminado. A trepanação localiza-se no seu ponto *bregma*, apresenta sinais de remodelação óssea, estando o *díploe* parcialmente coberto por tecido ósseo compacto. Houve sobrevivência após a intervenção, mas esta não terá sido prolongada. Pela análise dos bordos da abertura, a técnica usada terá sido a raspagem.

O terceiro e último caso, SP.111, é também uma calote, e terá pertencido a adulto jovem. A intervenção foi realizada no parietal direito atingindo a sutura lambdoide. O provável método usado terá sido o da raspagem e houve sobrevivência à intervenção, ainda que os sinais disso sejam ténues.

Em nenhum dos casos (e pese o facto de nenhum apresentar o crânio completo), era observável qualquer alteração ou lesão que levasse à necessidade de intervenção.

#### Síntese:

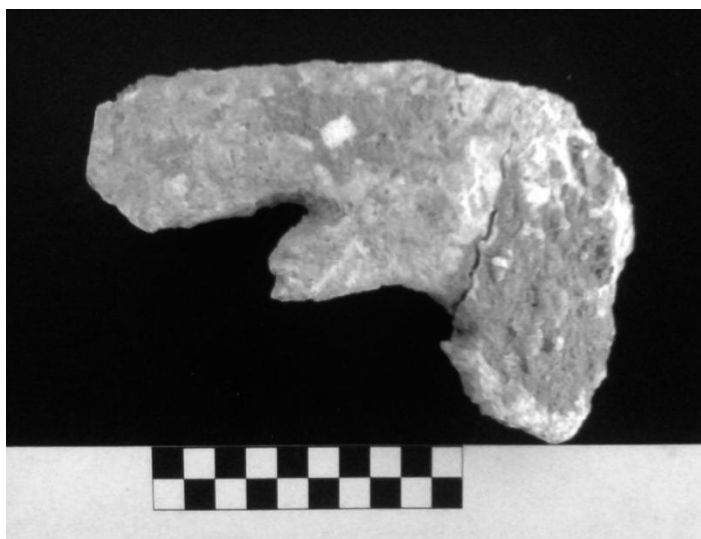
Três calotes humanas com claros indícios de trepanação, sendo que um dos casos terá sido realizado *post-mortem*. Provenientes de contexto arqueológico de *hipogeu*.

#### Comentário:

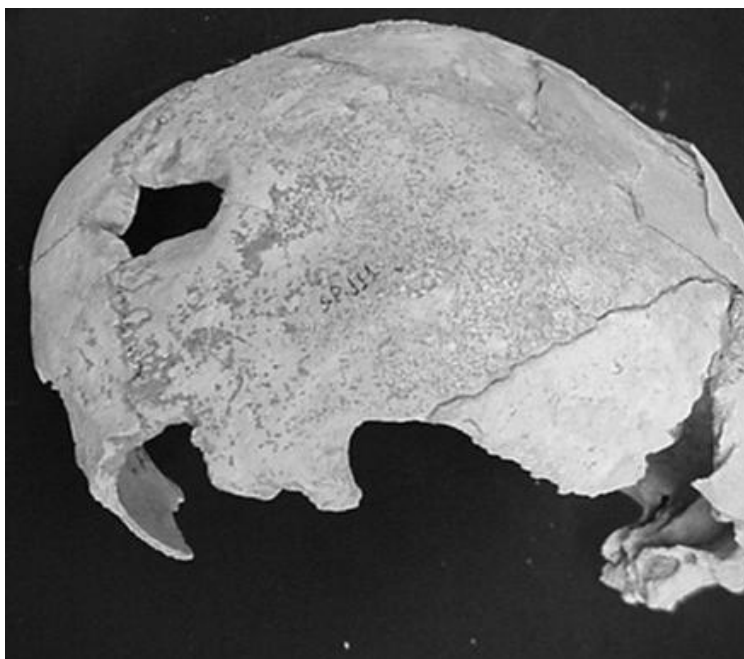
Provenientes de necrópole em gruta artificial, as calotes mostram marcas de intervenção por trepanação. Nos três casos, terão sido usados dois métodos diferentes, raspagem e abrasão. Ainda que não tenha sido possível a determinação do sexo, os três terão pertencido a indivíduos adultos. O contexto de onde provêm é do período do Neolítico Final, havendo ainda a salientar, a presença de pequeno recipiente com figura do orante pintado de cor vermelha.



Fot. 39 Pequeno recipiente em cerâmica com figura de orante. Semelhanças com figuras da arte rupestre do Vale do Tejo, nomeadamente com as do *período estilizado-dinâmico*, segundo os ciclos identificados por Mário Varela Gomes para esse complexo rupestre (Gomes, 1987, pp.32-34).



Fot. 40 Fragmento do parietal direito, identificado como Crânio SP.1. São visíveis as duas áreas intervencionadas.



Fot. 41 A calote SP.111 onde se pode observar a abertura no parietal direito, atingindo a sutura e quase o occipital (Silva, 2011, p.15).

Nº13

Proveniência: Hipogeus da Pedra do Sal (São Pedro do Estoril; Freguesia: Estoril; Concelho: Cascais; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 38° 41' 36'' N/ 09° 22' 19'' W.

Descoberta: Leonel Ribeiro e Vera Leisner em 1944.

Depósito: Museu Condes de Castro Guimarães.

Contexto arqueológico: Sílex, objetos de adorno, votivos, machados e enxós em pedra polida, lâminas de sílex lascadas, taças de pé alto no estilo campaniforme, anéis de ouro em forma de espiral e restos osteológicos humanos.

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Ribeiro (1953, p.547); Cunha (1956, pp.123 – 137); Paço (1964, p.29); Leisner, Paço e Ribeiro (1964, p.78); Ferreira (1966); Savory (1969, pp.118 – 140); Cabral (1987, pp.59 – 66); Carvalho (1989, pp.75 – 150); Gonçalves (2003, pp.138 – 158; 2005, pp.29 – 31 e pp.62 – 195).

Descrição do sítio arqueológico:

Descobertas a 25 de Abril de 1944, quando Leonel Ribeiro procedia a prospeções nas arribas de São Pedro do Estoril, ao recolher uns seixos, deparou-se com um “*muro*” de contenção sendo visíveis vários artefactos espalhados num pequeno patamar, provenientes de um dos hipogeus (gruta artificial I), visto que parte da sua câmara tinha já colapsado devido à erosão da arriba.

Ambos os hipogeus apresentam cronologia ligeiramente diferenciada. Na *Gruta I*, são quase inexistentes os machados e as enxós, o que, segundo os autores, está de acordo com o quadro cultural apresentado por outras necrópoles do Neolítico transição para o Calcolítico de “*feição costeira*” tais como Alapraia, Ermegeira e Carenque (Leisner *et alii*, 1964). A *Gruta II* (sepulcro de cúpula escavado na rocha da arriba) apresenta cronologia do Neolítico Final, tendo-se registado uma “intrusão” campaniforme, como em Monge, São Martinho de Sintra, Agualva, Folha das Barradas e Samarra. Segundo os escavadores do sítio, algum do material proveniente de níveis mais recentes seria idêntico ao proveniente do “*castro*” de Vila Nova de São Pedro (id. p.53). Todavia, a cerâmica canelada é de tipo posterior à que surge em Vila Nova de São Pedro, mas idêntica a Alapraia, Trigache e Conchadas, (p.54). A referida cerâmica encontrava-se em níveis distintos da *cerâmica lisa* “*grosseira*” (ibid. p.54).

A *Gruta I* – gruta artificial de câmara circular (hipogeu) com cúpula, faltava-lhe o corredor, motivado pelo recuo da arriba, sendo aquela que se apresentava com maior destruição. O seu espólio revelou-se de considerável importância arqueológica, tendo particular interesse duas taças campaniforme de pé alto (*fruteiras*). Os corpos estavam depositados em decúbito dorsal, os mais recentes e os mais antigos em posição fetal.

*Gruta II* – cavidade do mesmo período, e ligeiramente mais bem conservada à data da descoberta; os enterramentos eram menos numerosos que na anterior e com espólio mais pobre. Esta terá sido construída primeiro do que a *I* (Gonçalves, 2003, p.144). Infelizmente, devido ao aluimento da arriba, a parte que corresponderia ao uso da *Gruta I* no mesmo período correspondente ao da *II* desapareceu. Ambas cavidades artificiais constituíram local de inumação e deposição primária como secundária.

#### Alterações antrópicas:

O crânio com trepanação é proveniente da “*Gruta II*”, e pertenceu a indivíduo adulto, do género masculino (idade provável compreendida entre os 20 e os 25 anos), tendo a intervenção sido completada, apresentando sinais de regeneração óssea. Deverá ter sobrevivido de entre seis meses a um ano após o processo. A trepanação foi executada no osso parietal direito, junto à junção das suturas coronal e sagital. O orifício tem aproximadamente 4,5 cm de comprimento, por 5 cm de largura e apresenta forma ovalada, sendo visíveis os indícios de remodelação óssea. O método usado para a remoção do osso foi o da incisão. Não são visíveis sinais de trauma, ou que possam indicar que tenha sido necessária realização da trepanação como terapêutica. No lado direito do osso frontal é possível observar sulcos resultantes de incisões realizadas com lâmina de sílex e que poderão indicar a tentativa de execução de trepanação com diâmetro mais alargado, mas que por motivo desconhecido terá ficado pelos passos iniciais do processo de raspagem.

#### Síntese:

Proveniente de contexto de hipogeu, o crânio apresenta trepanação completa com regeneração e o método usado terá sido o da raspagem.

#### Comentário:

Local com grande enquadramento paisagístico (ao qual não terá por certo, sido estranha a presença do lapíás em sulcos da Pedra do Sal), sofreu com a erosão da vertente onde

se encontrava implantado e alterações posteriores. De lamentar o deplorável estado de conservação da memória que resta no local. O crânio é proveniente da “Gruta II”, que segundo os investigadores teria sido construída em período anterior ao da “Gruta I”. Não dispomos de informação concreta acerca de que estrato provém.



Fot. 42 Imagem retirada do trabalho de Vera Leisner e Leonel Ribeiro (1964, estampa VI, fig.15), de um dos crânios da “Gruta II”.



Fot. 43 O crânio proveniente da “Gruta II”, observando-se a abertura quase triangular provocada pela trepanação, vendo-se o tecido esponjoso. A intervenção situa-se no parietal direito, apanhando as suturas coronal e sagital, chegando quase ao ponto bregma.

Nº14

Proveniência: Algar do Bom Santo (Freguesia: Abrigada; Concelho: Alenquer; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 39° 10' 39'' N/ 09° 01' 53'' W.

Descoberta: Cidália Duarte e José Morais Arnaud em 1994.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Ossadas humanas, alguns com indícios de fogo e mesmo queimados, machados polidos e enxós, lâminas de sílex, geométricos sobre lâmina, indústria óssea e cerâmica muito escassa. Braceletes feitas com conchas de *Glycymeris*. Conchas de *Trivia*.

Cronologia: Neolítico Médio - Final.

Bibliografia: Duarte (1998, pp.107 – 118); Carvalho (2007, pp.185 – 196; 2009a, pp.33 – 68; 2009b, pp.61 – 67); Carvalho, Gonçalves, Granja e Petchey (2012, pp.77 – 90).

Descrição do sítio arqueológico:

Complexo cársico descoberto em 1993 por uma equipa de prospeção espeleológica. Na altura da sua descoberta e constatada a sua relevância, em termos arqueológicos, a equipa de prospeção deu conhecimento às autoridades, vindo todo o contexto a ser intervencionado pelos responsáveis acima mencionados. A cavidade não se encontrava perturbada. Será intervencionada em 1994 por Cidália Duarte e José Morais Arnaud.

A entrada original da gruta estava bloqueada por grande laje, provavelmente colocada para encerramento da necrópole que se encontrava no seu interior.

Caracterizada como tendo um contexto semelhante às Grutas do Lugar do Canto e da Herdade da Sala - Escoural (Duarte, 1998, p. 108), é referida a escassa presença de cerâmica. Aquela que apareceu não tem qualquer decoração. Registou-se a descoberta de várias contas, braceletes de *Glycymeris sp.*, e conchas de *Trivia sp.* perfuradas. António Carvalho dedicará extenso trabalho acerca da indústria laminar proveniente desta cavidade subterrânea, assim como estudo antropológico das suas práticas funerárias (Carvalho *et alii*, 2012). Das datações absolutas realizadas, deduz-se um intervalo de ocupação com a data mais antiga de 3.930-3870 BC. a 2σ e a mais recente 3170-3110 BC. cal. a 2σ. (Duarte, 1998, p.113).

Alterações antrópicas:

É referida a hipótese de algumas ossadas terem estado cobertas por “*material perecível e a possível existência de estruturas de delimitação nos lugares de deposição das ossadas*” (Duarte, 1998, p.108). Este tipo de ocorrências é mencionado na Gruta da Eira Pedrinha em Condeixa e na Lapa do Bugio em Sesimbra. Muitos dos crânios estavam cobertos por uma camada de concreção carbonatada (Carvalho, 2014, p.25).

No trabalho de análise e pesquisa, efetuado no Museu Nacional de Arqueologia, ao espólio osteológico proveniente do Algar do Bom Santo, foi possível identificar três crânios com evidências claras de trepanação e um outro possível com trepanação.

Os crânios estavam já numerados e identificados desde a altura em que transitaram da necrópole para o MNA, tendo essa mesma numeração sido a usada na sua referenciação. Crânio ABS 231 – este será um dos mais interessantes crânios provenientes do Algar. As linhas de sutura praticamente desaparecidas apontam para uma idade superior aos 40 anos e terá pertencido a indivíduo adulto do género masculino. Foi efetuada trepanação na zona esquerda do frontal, imediatamente acima da arcada supraciliar, tendo sido utilizado o método da incisão. Apresenta sinais de regeneração e osteoma no occipital, na zona de fronteira com o parietal direito. Sendo o único local para o qual se dispõe deste género de informação, o Algar do Bom Santo, regista uma alta variabilidade genética mitocondrial, pois em nove indivíduos analisados aparecem oito haplogrupos distintos, e dentro desses, uma alta percentagem deles possuem os mesmos indícios que o haplogrupo associado às populações dos Concheiros de Muge. Ou seja, existiam naquela população sepultada no Algar de Bom Santo, pessoas com uma ancestralidade bem arraigada e outros vindos de diferentes pontos da Europa (comunicação de António Faustino de Carvalho durante o congresso “*O Neolítico em Portugal, antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*”, organizado pela Associação de Arqueólogos Portugueses no passado dia 21 de Fevereiro de 2015 no auditório da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa).

Crânio ABS 293 – Calote danificada, composta por frontal, parietais e occipital. Segundo o esquema de Sergi, é um crânio de formato romboide e com formato de mesocrânio na classificação de índice cefálico. A intervenção foi efectuada na junção do frontal com ambos parietais, como se pode observar na imagem na sua *norma verticalis*. Nota-se depressão que “corre” ao longo de toda a antiga linha de sutura coronal. A área intervencionada tem formato elíptico e terá sido realizada por raspagem. Apresenta remodelação óssea e oclusão quase total à excepção de um pequeno orifício. Existem

indícios de que terá ocorrido alguma infecção por altura do processo regenerativo. Pertenceu a indivíduo do género masculino, com mais de 40 anos de idade, tendo sobrevivido vários anos após a intervenção.

Crânio ABS 329 – Apresenta trepanação na junção do temporal esquerdo com o respectivo parietal. O método usado terá sido a incisão. Seria indivíduo do género feminino, com mais de 30 anos de idade, tendo as suturas cranianas praticamente desaparecido, por altura da morte. Apresenta formato pentagonóide segundo o esquema de Sergi.

#### Síntese:

Necrópole em ambiente cársico, descoberta intacta e que providenciou dados importantes para a compreensão do Neolítico em Portugal. Entre o espólio osteológico daí proveniente, registam-se três crânios com indícios de trepanação.

#### Comentário:

O facto de a necrópole ter sido descoberta intacta desde a altura em que foi encerrada, conjugado com o facto de ter sido intervencionada em época recente com recurso a técnicas específicas e apropriadas, proporcionou dados relevantes e permitiu a conservação de uma série de vestígios importantes. Apesar de ter sido registado alguns crânios cobertos de concreções carbonatadas, foi possível no entanto recolher bastante espólio osteológico. Registo para a ocorrência de três crânios com indícios claros de trepanação. Dado que também nos parece importante, é o facto de ter sido notada a possibilidade de alguns dos ossos terem estado cobertos por algum material perecível.



Fot. 44 Crânios do núcleo I da “Sala dos ossos queimados”, cobertos por concreções carbonatadas (C. Duarte/DGPC, 1994).



Fot. 45 Crânio ABS 231 visto em norma *verticalis*.



Fot. 46 Plano aproximado da trepanação no crânio 231.



Fot. 47 Crânio 293 em norma *verticalis*.



Fot. 48 Crânio 329 em norma *lateralis* esquerda, observando-se a trepanação no temporal esquerdo.



Fot. 49 Plano aproximado da trepanação do Crânio 329.

Nº15

Proveniência: Anta de Cavaleiros 1 ou Anta da Capela (Freguesia: Valongo; Concelho: Avis; Distrito: Portalegre).

Coordenadas geográficas: 39° 09' 43'' N/ 07° 55' 19'' W.

Descoberta: José Leite de Vasconcellos em 1889.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Restos osteológicos humanos, material lítico (pontas de flecha, lâminas em cristal de rocha e sílex), e fragmentos de cerâmica.

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Vasconcellos (1897, p.195; 1925, p.14); Cardoso (1988, pp.133 – 135).

Descrição do sítio arqueológico:

Monumento do qual se conserva a câmara, o corredor e *tumulus* bem demarcado na paisagem. Dos esteios da câmara dois evidenciam marcas para o corte e aproveitamento da pedra. Apenas três esteios estão inteiros, os outros estão partidos ou caídos. Entrada do monumento voltada a nascente. Da pesquisa no MNA, foram identificados vários artefactos procedentes do referido dólmen, sendo por análise e comparação integráveis em contexto do Neolítico Final, embora alguns fragmentos de cerâmica possam corresponder ao Calcolítico Inicial. Apesar de se atribuir a intervenção a Leite de Vasconcellos que terá realizado a escavação terá sido na realidade Matos Silva, amigo e colaborador do fundador do Museu Nacional de Arqueologia.

Alterações antrópicas:

Leite de Vasconcellos descreve rodela craniana e publica o respectivo desenho no primeiro volume de *“Religiões da Lusitânia”*, sendo a primeira peça do género encontrada e descrita em Portugal - *"no meio de muitos fragmentos de ossos humanos, um pedaço de osso parietal, mais ou menos arredondado, em cuja superfície interna, junto à orla, se vê o começo dum orifício, feito com instrumento cortante", que ficou inacabado*” (Vasconcellos, 1897, p.193). Foram feitos todos os esforços e efectuada pesquisa diligente nos depósitos do Museu Nacional de Arqueologia, no entanto não foi possível localizar a peça óssea. Observando-se o desenho publicado, é notória a similaridade com as rodela encontradas em França por Prunières (Campillo, 2007, p.288) e às quais Paul Broca dedicou monografia (Broca, 1876, pp.106 – 107). Terá sido executada a partir de osso frontal ou de um dos parietais. Leite de Vasconcellos

terá enviado o espólio osteológico humano a Vieira Natividade para este o estudar, não se sabendo muito mais. Esperamos que este esteja integrado nas colecções de arqueologia que integram o espólio da actual casa-museu de Vieira Natividade em Alcobaça.

Síntese:

Dólmen de câmara intervencionado por Leite de Vasconcellos onde foi encontrada a primeira rodela craniana registada no território português sendo publicada no Vol. I de “*Religiões da Lusitânia*”.

Comentário:

Na área onde está implantada a Anta de Cavaleiros, existe significativo aglomerado de construções megalíticas, podendo indiciar a existência de uma paisagem *sacralizada* naquela região.



Fot. 50 A rodela craniana publicada por Leite de Vasconcellos em “*Religiões da Lusitânia*”(Vasconcellos, 1897, p.195).

Nº16

Proveniência: Anta do Olival da Pega I (Freguesia: Monsaraz; Concelho: Reguengos de Monsaraz; Distrito: Évora).

Coordenadas geográficas: 38° 27' 06'' N/ 07° 04' 06'' W.

Descoberta: Georg e Vera Leisner em 1951.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Material lítico diverso, espólio osteológico humano (entre este, dois discos cranianos), objectos de carácter votivo (pequena estatueta de raposa, falanges afeioadas, tendo uma delas vestígios de pintura, placas e báculos de xisto, ídolo almeriense). Esteios com *covinhas*. Cerâmica votiva.

Cronologia: Neolítico Final e Calcolítico.

Bibliografia: Leisner e Leisner (1951, pp.155 – 167); Cardoso (1988, pp.133 – 135); Gonçalves (1999, pp.73 – 89).

Descrição do sítio arqueológico:

Monumento de grandes dimensões (a câmara e o corredor têm cerca de 20 m) integrado numa estrutura tumular complexa com cerca de 40 m de diâmetro. É constituído por uma câmara fechada, ainda coberta por laje pétreia (*chapéu*). O corredor teria cerca de 8,6 m de comprimento. Terá sido construído seguindo “*uma fórmula clássica no megalitismo alentejano*” (Gonçalves, 1999, p.73).

A Anta I do Olival da Pega foi intervencionada pelo casal Leisner em 1951, sendo a Anta II do Olival da Pega, na época, somente prospectada.

Victor S. Gonçalves, a partir de 1990, dará início a novo período de escavações, tendo situado a data inicial de construção do conjunto megalítico, na segunda metade do 4º milénio a.C.. De referir o aparecimento de cerâmica com os “*símbolos característicos da Deusa de Olhos Solares*” (id. p.113).

Georg Leisner classificou a Anta I do Olival da Pega como “*anta neolítica*” (Leisner e Leisner, 1951, p.45) devido ao material aí recolhido durante a intervenção (taças em calote, com decoração mamilada, ou ainda os vasos de colo estrangulado). Victor Gonçalves, observa que parte do espólio proveniente da Anta do Olival da Pega I seria “*correlacionável com os achados em grutas artificiais e tholoi na Península de Lisboa [...]*” (Gonçalves, 1999, p.73), o que poderá indicar não só circulação de ideias como extensão de área cultural.

Alterações antrópicas:

Do material ósseo recolhido constam dois fragmentos realizados em osso craniano humano, verificando-se ainda, outros fragmentos de ossos cranianos tingidos com ocre “*vermelho-vivo*” (Gonçalves, 1999, p.164).

Dos fragmentos em questão, um aproxima-se da forma descrita por Leite de Vasconcellos (1897, p.195; 1925, p.14), apesar de se ficar com a ideia de que o mesmo não terá sido acabado, ou que foi feita mais do que uma tentativa para dar uma forma semicircular ao pedaço de osso craniano humano, notando-se diversos sulcos elípticos, chegando o mais interno a atravessar toda a espessura do osso.

O segundo fragmento em questão surge-nos com o formato de “*meia-lua*”. Se foi feito de forma intencional ou se fracturou ao longo dos séculos, não há maneira de se saber. Mas não descartamos a hipótese de ter sido pensado naquele formato inicialmente.

Barthélemy Prunières publica monografia em 1874 acerca das escavações levadas a cabo nos dólmenes da região de Lyon (França) e onde relata a sua descoberta de rodela cranianas humanas e de crânios trepanados daí provenientes. Nesse mesmo trabalho (Prunières, 1874, pp.1-39), descreve a rodela por si encontrada (que se assemelha à primeira rodela da Anta do Olival da Pega I) e chama à atenção para fragmentos ósseos cranianos com marcas de raspagem, provavelmente feitas com lâminas de sílex (id., pp.14-17) e outro fragmento também ele com a forma de “*meia-lua*” (ibid., pp.12 – 14). Existem diferenças substanciais entre as duas peças do Olival da Pega I. Enquanto a mais completa apresenta uma face exterior “*polida*”, a outra mostra-se mais rugosa, como se não tivesse sido submetida a qualquer tratamento de polimento.

Victor Gonçalves menciona a existência de discos cranianos e possíveis trepanações na Anta do Olival II (refere-se ao monumento como “*um verdadeiro complexo funerário*” – Gonçalves, 1999, p.90; p.96 e comunicação pessoal do arqueólogo responsável pela escavação).

Síntese:

Escavado, intervencionado e inventariado pelos Leisner na década de 50, desses trabalhos resultou a descoberta de bastante material associado à “*cultura dolménica de Monsaraz*” (Leisner e Leisner, 1951, p.164). Entre o espólio osteológico encontraram-se as duas peças realizadas a partir de osso craniano humano.

Comentário:

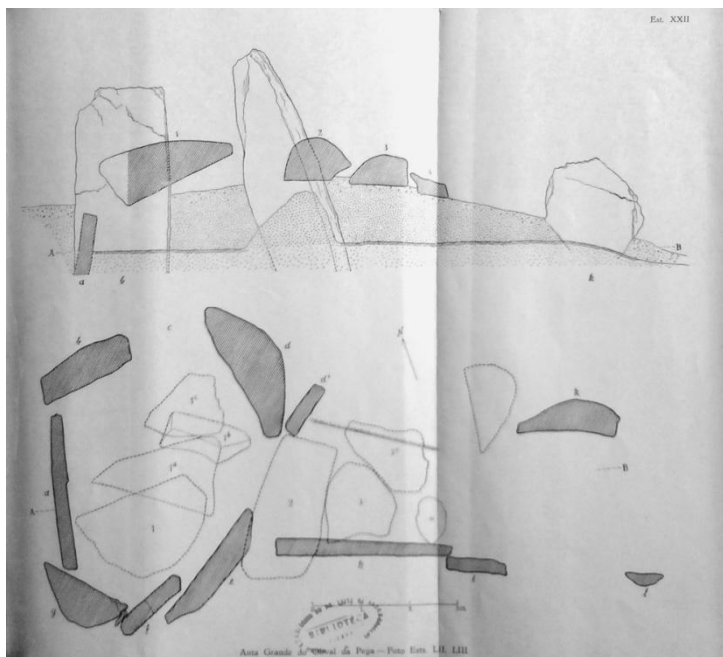
Provenientes de contexto dolménico alentejano, a rodela em osso craniano e o semi-círculo feito do mesmo material, são peças únicas na Pré-História Portuguesa.



Fot. 51 O *disco craniano* proveniente da Anta do Olival da Pega I.



Fot. 52 O semi-círculo de osso craniano humano, que remete para a forma de “*meia-lua*”.



Fot. 53 Planta e corte da Anta I do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXII).

Nº17

Proveniência: Lapa do Bugio (Freguesia: Castelo; Concelho: Sesimbra; Distrito: Setúbal).

Coordenadas geográficas: 38° 25' 43'' N/ 09° 10' 28'' W.

Descoberta: Rafael Monteiro e Eduardo da Cunha Serrão em 1957.

Depósito: Museu Municipal de Sesimbra, Museu de Arqueologia e Antropologia Mendes Corrêa, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Contexto arqueológico: Restos osteológicos humanos, material lítico (pontas de flecha, lâminas em cristal de rocha e sílex, placas de xisto e de grés, machados e enxós), taças carenadas e de bordo denteado.

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Monteiro e Serrão (1959, pp.407 – 429); Isidoro (1964, pp.221 – 284; 1968, pp.347 – 355); Monteiro, Zbyszewski e Ferreira (1971, pp.107 – 120); Cardoso (1988, pp.133 – 135); Cardoso (1992, pp.89 – 225); Silva e Marques (2010, pp.185 – 189).

Descrição do sítio arqueológico:

Como muitos outros casos da Arqueologia Portuguesa, também a Lapa do Bugio teve um processo conturbado de investigação. Não iremos alongar sobre este aspecto, mas parece-nos relevante mencionar esse facto. A referida cavidade cársica apresentava-se intacta à data da descoberta, vindo a revelar-se uma importante estação para o estudo e conhecimento do Neolítico Final, transição para o Calcolítico. Apresenta três níveis de ocupação:

1º - Corresponde talvez “à ocupação mais importante, tendo analogias com o horizonte *dolménico*” e onde se obteve datação de 2.800 ± 45 a.C. (Serrão, 1978 *in* Cardoso, 1992, p.90);

2º - Nível pertencente aos momentos iniciais do Calcolítico, representado pelos “*ídolos*” de calcário, de osso e marfim (id.);

3º - Será o período final de ocupação e pertence já ao Calcolítico Final – Campaniforme, onde se incluem as cerâmicas do Grupo Palmela e Incisas procedentes do referido contexto.

Do ponto de vista de inserção arqueológica no território onde a jazida foi localizada, a mesma insere-se em zona de numerosos testemunhos de ocupação neolítica e calcolítica.

Alterações antrópicas:

Apesar de todos os esforços envidados, não foi possível localizar as peças mencionadas. Referidas e descritas na monografia dedicada à Lapa do Bugio, por João Luís Cardoso, publicado na revista “*Setúbal Arqueológica*”, fica-se com a ideia de que as mesmas estariam no Museu de Sesimbra. Em deslocação ao referido Museu, verificou-se que os materiais em questão não constam do actual inventário do espólio procedente da gruta à guarda da instituição. Lamentamos assim a sua não localização, não só pelo impedimento de as analisar, como pelo seu carácter único. Restam-nos, assim, as descrições publicadas por João Luís Cardoso, no referido trabalho.

A cavidade subterrânea de origem natural, mede de 9 m de comprimento por 5,5 m de largura, abrindo-se no alto da falésia calcária, sobranceira ao mar, apresentando um desnível de 150 m em relação ao nível médio das águas marítimas.

Na primeira intervenção registada na Lapa do Bugio, foi possível identificar tumulações individualizadas, definidas por pequenas lajes (Cardoso, 1992, p. 92) e a existência de ossários.

É referido também, que a gruta possuía uma espécie de “*átrio*” que seria coberto por mamoa de forma a encerrar a entrada da câmara sepulcral (id., p.94). Segundo os autores da intervenção de 1966 (Octávio da Veiga Ferreira e Rafael Monteiro), esta teria sido afeiçoada à maneira das grutas artificiais (ibd.). Uma das menções mais interessantes, é o facto de os crânios das sepulturas 1 e 3 estarem orientados para a entrada da gruta (Monteiro *et al*, 1959, p.426), assim como a placa de xisto identificada na Est. 19, fig.2 (tem gravado no centro da placa “*ídolo almeriense*”), que estaria em “*posição ritual*” (Monteiro *et al*, 1967 in Cardoso, 1992, p.97). Associado à sepultura nº1, estava um depósito votivo constituído por machados e enxós, “*dispostos cuidadosamente uns por cima dos outros*” (ibd., p.98), lâminas de sílex, artefactos de osso e recipiente cerâmico de paredes finas com duas pequenas asas para suspensão (uma das enxós apresentava vestígios de pintura a ocre ao longo de toda a superfície).

No total existiriam 12 estruturas no interior da Lapa do Bugio, mas apenas a sepultura nº1, o ossário e o “*esconderijo*” (ibd.) estavam intactos após os vários remeximentos. Do contexto de ossário foram recuperadas conchas de *Dentalium* sp., contas de cerâmica e de azeviche.

A rodela craniana é em tudo semelhante à descoberta por Leite de Vasconcellos na Anta da Capela em Avis (mencionada nesta mesma dissertação). João L. Cardoso refere que a mesma apresenta marcas de corte à semelhança das encontradas na já referida Anta da Capela e na Anta do Olival da Pega I (Leisner e Leisner, 1951, p.147; Cardoso, 1992, p.117). As rodela cranianas poderiam ser o resultado directo da prática da trepanação, mas também podem ter sido feitas intencionalmente, usando-se crânio específico para a sua criação.

Se as “*rodela cranianas*” são objecto raro na Arqueologia Portuguesa, então o caso de uma *placa* executada a partir de uma calote craniana humana, ainda mais o é. Segundo a descrição constante na monografia que João Luís Cardoso dedicou ao estudo da estação arqueológica em causa, este fragmento de calote humana, encontra-se alisado na sua face externa e afeiçoado de tal forma, que remete para o formato de uma placa. Tem ainda orifício de suspensão. É efectivamente peça única dentro do universo mágico-religioso no que respeita a artefactos associados a enterramentos do Neolítico. Seria de todo o interesse poder analisar a peça, pelo que o desenho sugere pode-se tratar de parte de frontal, pois só com análise visual e dos cortes que apresentaria seria possível adiantar algo mais. A “*placa*” é proveniente da sepultura nº8, e integrada cronologicamente no Neolítico Final.

Não tendo sido possível aceder ao espólio levado para o Porto por Farinha Isidoro, recorreremos por isso às monografias publicadas nos “*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*” (Isidoro, 1964; 1968 e 1981, Est.III, fig.6), onde é referida a existência de ossos longos com indícios de talhe e de outro crânio também com incisões laterais no frontal.

Síntese:

Necrópole em contexto cársico muito próximo do litoral, já na área da Península de Setúbal. Do local foi recuperado importante material para a compreensão dos contextos de ocupação neolítica e interações a nível regional mais alargado. Diversas singularidades em termos de manipulação de ossos cranianos humanos.

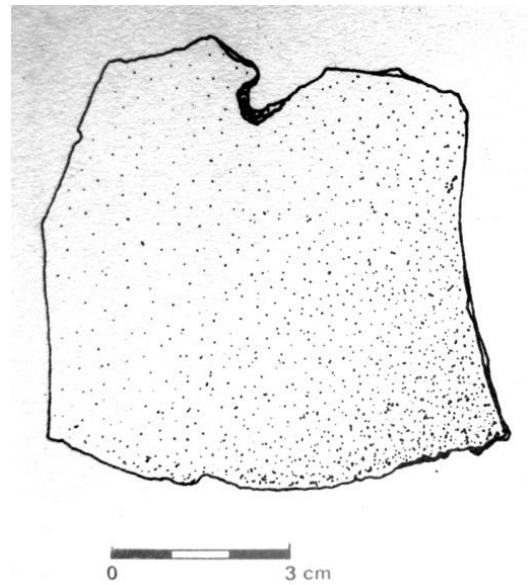
Comentário:

Cavidade cársica de onde foi possível recuperar rodela craniana e a rara “*placa*” feita a partir do osso de frontal humano. Apesar de todas as tentativas feitas para encontrar os

referidos crânios, as buscas revelaram-se infrutíferas. Fica o registo em imagem constante na monografia de Farinha Isidoro.



Fot. 54 A rodela craniana proveniente da Lapa do Bugio. É possível observar a semelhança com a proveniente da Anta de Cavaleiros (Cardoso, 1992, Est. 18, fig.7).



Fot. 55 A placa feita a partir de frontal humano e aparentando semelhanças às placas de xisto gravadas também presentes no mesmo contexto cársico (Cardoso, Est. 7,fig.3).

Nº18

Proveniência: Samarra (Freguesia: São João das Lampas; Concelho: Sintra; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 38° 53' 51'' N/ 09° 26' 03'' W.

Descoberta: Camarate França e Octávio da Veiga Ferreira em 1948.

Depósito: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas e Museu Geológico de Portugal.

Contexto arqueológico: enterramento coletivo em fossa (?),

Cronologia: Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: França e Ferreira (1958, pp. 61 – 98); Silva, Ferreira e Codinha (2006, pp.157 – 169); Silva e Ferreira (2008, pp.633 – 635).

Descrição do sítio arqueológico:

Descoberta em 1948 por comunicação do então presidente do Instituto de Sintra, Sebastião de Pessanha, aos Serviços Geológicos, será intervencionada por J. Camarate França e Octávio da Veiga Ferreira.

Localizada numa depressão existente no lapiás nos basaltos do Cenomaniano que caracterizam a zona, fazendo um “*quase degrau*”, a abertura no solo tinha as condições adequadas a sepulcro, resultando assim em fossa de inumação. Esta encontrava-se intacta à época da descoberta e foi afectada por trabalhos de construção de uma casa sob a arriba. É mencionado que a mesma de encontrava selada por uma “*tampa de pedra*” de calcário (França e Ferreira, 1958, p.63), que foi removida antes da vinda dos arqueólogos. De referir que, a coroar a zona onde estaria o acesso ao enterramento, existiam pequenos menires (ainda no local, mas não *in situ*, ver fig.48). Camarate França e Octávio da Veiga Ferreira consideraram a cerâmica descoberta na altura no sepulcro como de “*tipo dolménico*”, apontando a total ausência de cerâmica campaniforme a existência de uma cerâmica de cultura megalítica associada a outra “*almeriense*” (França e Ferreira, 1958, p.80). Encontradas em contexto do sítio arqueológico, havia diversos exemplos de fauna malacológica, como *Mytillus*, *Patella* e *Gibulla*. Na última camada do sítio arqueológico, havia depositado diversos “*calhaus ovoides*” de basalto porfiroide (id., p.73).

Provável conexão entre o enterramento colectivo e povoado situado no cabeço fronteiro, tendo os investigadores na época ali realizado prospecção sumária, mas não uma verdadeira intervenção. O material recolhido do singular contexto tinha diversidade e

características próprias. Lâminas de sílex e de quartzito, artefactos de osso e marfim e cerâmica. Objectos de uso votivo como a enxó de calcário, cilindros também em calcário (ostentando um deles “*tatuagens faciais*” – França e Ferreira, 1958, Est VI, fig.5), “*ídolos almerienses*” de marfim (e que os investigadores associaram aos ídolos de período Pré-Dinástico Egípcio – Neolítico Final da região do Delta).

#### Alterações antrópicas:

O material ósseo humano proveniente do sepulcro da Praia da Samarra já estava muito fragmentado à data da descoberta, sendo recolhido intacto somente uma tíbia (França e Ferreira, 1958, p.72). Décadas depois da escavação, o conjunto de material ósseo acabará à guarda do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde se encontra o fragmento de osso parietal, mostrando sinais de intervenção e possível trepanação. O número mínimo de indivíduos aí sepultados seria de 130 (França e Ferreira, 1958, pp.72 – 73).

O referido parietal direito (com a referência de inventário PS 2215), está incompleto, não permitindo a determinação do género do indivíduo adulto (Silva e Ferreira, 2006, pp.164 – 165). Mostra vários indícios de intervenção, seja sob a forma de incisões, ou diminuição da espessura devido a corte. Observa-se incisão completa com 6 mm de extensão (prolongar-se-ia, mas o facto de o osso estar danificado interrompe essa mesma linha) e outra perto da sutura coronal mas não completada, alcançando só a tábua externa, existindo sinais de remodelação óssea (indicada pela diminuição de espessura do osso nos bordos da intervenção). Este aspecto indica que as incisões terão sido realizadas em vida e que o indivíduo terá sobrevivido meses a seguir ao procedimento (Silva e Ferreira, 2006, pp.164 – 165). Efectuada datação sobre amostra de osso humano (PS 5024), a mesma deu o resultado de  $3820 \pm 60$  BP, Sac – 1827, 2399 – 2144 cal. BC  $1\sigma$ , 2465 – 2042 cal BC  $2\sigma$  (Silva e Ferreira, 2006, p.159), o que nos remete para o Calcolítico.

#### Síntese:

Fragmento de parietal direito com vestígios de provável trepanação por raspagem, com sobrevivência do indivíduo, proveniente de contexto de sepulcro colectivo implantado em lapiás.

Comentário:

Um dos sepulcros de enterramento colectivo mais diferenciado que foi possível observar. O espaço onde se situaria a abertura da fossa de enterramento no lapiás seria delimitado por pequenos monólitos.



Fot. 56 O fragmento de parietal direito de indivíduo adulto, observando-se as incisões (Silva e Ferreira, 2006, p.634).



Fot. 56 Os pequenos monólitos que deveriam delimitar a zona do sepulcro da Praia da Samarra (França e Ferreira, 1958, Est. II, fig.3).

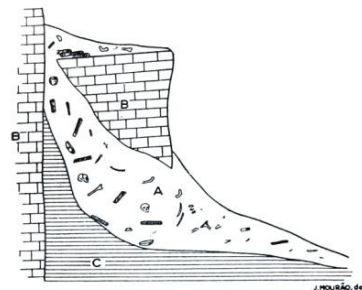


Fig. 2 — Corte da jazida. A — depósito arqueológico; B — Calcário do cretácico; C — Depósito de areias quartzosas arqueologicamente estéreis

Fot. 58 Corte do sítio arqueológico da Samarra apresentado por Camarate França e O. da Veiga Ferreira (França e Ferreira, 1958, fig.2, p.64).



Fot. 59 Foto com a localização do sepulcro da Samarra (a) e a possível localização do povoado associado — zona da Pedranta (b) (França e Ferreira, Est.I, fig.1).

Nº 19

Proveniência: Gruta da Feteira (Freguesia: São Bartolomeu de Galegos; Concelho: Lourinhã; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 39º 16' 43'' N/ 09º 15' 60'' W.

Descoberta: João Zilhão e Fernando Real em 1981.

Depósito: Museu da Lourinhã e Museu Nacional de Arqueologia.

Contexto arqueológico: Machados de pedra polida, indústria de pedra lascada (lâminas, lamelas, micrólitos e pontas de seta), adornos em osso, fragmentos de placas gravadas em xisto, recipientes de cerâmica com decoração incisa e impressa, presas de javali e fauna malacológica (principalmente *Cardium edule*). Espólio osteológico humano.

Cronologia: Neolítico Médio, Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Zilhão e Real (1984, pp.24 – 35); Lucas (2002, pp 50 – 51).

Descrição do sítio arqueológico:

Descoberta acidentalmente em 1981, no decorrer de obras para a edificação de aviário, teve pronta intervenção de emergência por parte da Tutela em conjunto com o Grupo de Espeleologia e Arqueologia da Lourinhã. Revelou pequena cavidade cársica utilizada como necrópole de Idade Neolítica.

Todo o trabalho de escavação revelou-se complicado, não só devido a contingências em redor da sua descoberta, como as condições meteorológicas complicaram bastante a intervenção.

A gruta revelou bastante espólio osteológico humano, e a particularidade de os ossos estarem assentes em cima de um *pavimento* constituído por grandes lajes de pedra, sendo este delimitado por outras pedras, que dessa forma individualizavam duas áreas distintas de ossário, encontrando-se a maioria do espólio osteológico concentrado nesses locais. As estruturas foram designadas de *Sepultura 1* e *Sepultura 2* (Zilhão, pp. 18 – 19). Os investigadores consideraram à época, “*pobreza de espólio*” (id., p.24), que é injustificada, face às constatações e evidências encontradas na necrópole ao nível de ritualizações. Saliente-se que é o único local a fornecer uma trepanação e uma máscara facial óssea (os casos de Pragança são genericamente diferentes). Apesar de partilharem a mesma proveniência, aqueles testemunhos provêm de diferentes estratos e existirá alguma diferença entre eles em termos cronológicos.

Em 1992, será descoberta nova cavidade, que se comprovou estar em conexão com a Gruta da Feteira I. A intervenção desta vez, ficará a cargo de Cidália Duarte. O espólio

recolhido era em tudo idêntico ao da primeira cavidade e mais uma vez apareceram as estruturas de delimitação (núcleos de pedras definidas a partir das paredes idênticas ao encontrado na primeira cavidade), onde estavam depositados diversos ossos humanos, de indivíduos de ambos os sexos e de variados grupos etários, confirmando assim o carácter único deste local e as evidências encontradas por altura da primeira intervenção.

Segundo João Zilhão (1984, p.24), na sequência estratigráfica da Gruta da Feteira, seria possível observar ocupações que iam do Neolítico Antigo Cardial, ao Neolítico Médio e Final. Atribui ainda o espólio daí proveniente a uma “*cultura de grutas ou cultura de cerâmicas impressas, com paralelos na Gruta da Casa da Moura e da Gruta da Furninha*” (id.). É possível que tenha existido alguma ligação entre o monumento do Paimogo e a Gruta da Feteira.

Alterações antrópicas:

Do material proveniente da Gruta da Feteira, as honras cabem indubitavelmente à máscara facial humana. Peça de inequívoco valor simbólico, é referido que foi descoberta a “*encimar ossário constituído por ossos humanos longos*” e rodeado de diversos recipientes de cerâmica - vasos hemisféricos pequenos, vasos carenados e vasos esféricos de colo (Zilhão, 1982, p.23). A partir de crânio humano e seguinte um quase perfeito plano facial e plano de Frankfurt, seguindo a sutura coronal, partindo do ponto bregma, seccionou-se o osso frontal, temporais e parietais, ficando só com os ossos do rosto até ao nível do maxilar superior. Obteve-se assim máscara facial humana a partir dos ossos que compunham o rosto de crânio humano. O crânio terá pertencido a indivíduo do sexo feminino, que teria mais de 35 anos de idade à morte. Os cortes terão sido efectuados *post-mortem* e o interior polvilhado de ocre vermelho (prática recorrente, já encontrada em outros casos descritos). A forma das órbitas é quadrada, na relação altura superior da face/largura bizigomática, é meseno e a forma da abertura nasal é elipsóide. A sutura coronal estava em fase de quase completa absorção, sendo ainda perceptível no lado esquerdo do frontal-parietal.

Além da referida máscara facial craniana, da escavação efectuada na cavidade, foi também encontrado fragmento de parietal direito com sinais de intervenção por acção de trepanação. A zona intervencionada do parietal tem um diâmetro de 3 cm, sendo perceptível a presença de “*owen bone*” o que indica que tenha existido sobrevivência após a intervenção, e que a mesma estaria em fase de regeneração à altura da morte. Na

parte superior do parietal (por cima da intervenção), apresenta pequena incisão de 1,5 cm de comprimento por 0,5 cm de largura. O fragmento de parietal é demasiado diminuto para que se possa avançar com identificação de género, mas pela análise do osso, tratar-se-ia de indivíduo já adulto.

Calvária procedente também da Gruta da Feteira, composta por frontal e ambos os parietais (apesar de nenhum destes ossos estarem completos) evidencia sinais de trauma. Está muito incompleta, mas é possível extrair informação. A depressão de origem traumática situa-se na parte central do frontal e mostra sinais de recuperação. A depressão sugere que possa tratar-se de trepanação com regeneração completa. Fractura provocada por motivos tafonómicos, que percorre toda a junção do frontal com os parietais, passando pelo meio da depressão. Também parte da arcada supraciliar esquerda encontra-se destacada dos restantes ossos. Seria de indivíduo adulto, provavelmente do sexo feminino e com mais de 40 anos na idade à morte.

#### Síntese:

Necrópole neolítica em contexto cársico, mais uma vez procedente da zona da Estremadura, não muito distante do litoral, de onde foi possível recuperar máscara facial craniana e duas evidências de trepanação. A máscara facial foi a primeira a ser explicitamente referida em bibliografia portuguesa.

#### Comentário:

A forma como as deposições ósseas tinham sido feitas na cavidade, levaram João Zilhão (1982, p.29) a encontrar algumas semelhanças entre o contexto por si intervencionado e outros locais como a Gruta dos Carrascos, Gruta do Escoural ou a do Zambujal (Melides). Salientou ainda, as semelhanças entre o panorama encontrado na Feteira e algumas estações arqueológicas norte-africanas (Faïd-Souar e Taforalt – Zilhão, 1982, p.21). Cavidade encontrada intacta, que apesar de ter sido intervencionada com carácter de emergência e de escavação atribulada, forneceu um contexto único para a compreensão das práticas culturais do Neolítico.



Fots. 60 e 61 A máscara facial craniana da Gruta da Feteira, em norma *facialis* e norma *lateralis* esquerda.



Fot. 62 Em norma *occipitalis* (ainda que neste caso seja mais correcto aplicar a designação de endocrânio. Observem-se as manchas causadas pelo ocre vermelho e a forma como foi executado o trabalho de corte.



Fot. 63 O fragmento de parietal direito, vendo-se na parte inferior a trepanação.



Fot. 64 A calvária procedente da Gruta da Feteira, vendo-se a depressão com manchas resultantes da utilização de ocre vermelho polvilhado por cima dos ossos.

Nº20

Proveniência: Algar do Poço Velho (Freguesia: Cascais; Concelho: Cascais; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 38° 42' 01" N / 09° 25' 14" W.

Descoberta: Carlos Ribeiro em 1879.

Depósito: Museu Geológico de Portugal e Museu dos Condes de Castro Guimarães.

Contexto arqueológico: Caverna cársica em galeria com espólio osteológico humano. Indústria lítica (lâminas, lamelas, micrólitos), artefactos votivos pétreos (ídolos cilíndricos de calcário, placas de xisto), cerâmica lisa e decorada, elementos de adorno, restos de fauna.

Cronologia: Neolítico Médio, Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Cartailhac (1886, pp.100 – 110); Äberg (1921, pp.71 – 74); Antunes-Ferreira (2005, p.88); Gonçalves (2003, pp.27 – 49; 2005, pp.27 – 31; 2008, p.161; 2009, pp.485 – 492).

Descrição do sítio arqueológico:

Descobertas em 1879, o conjunto de galerias que virá a ser designado por *Algar do Poço Velho*, viriam a ser intervencionadas em Maio desse ano por António Mendes, a mando de Carlos Ribeiro. O referido complexo cársico conhecerá bastante divulgação por altura da realização do 9º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas em 1880, realizando-se visita ao local das personalidades envolvidas, sendo o relato da intervenção efectuada publicado nas *Actas* do referido encontro (1884). As Grutas do Poço Velho constituem-se como umas “quase” galerias com várias aberturas ao nível do solo, o que permitia um fácil acesso, e registando uma ocupação de quase mil anos como espaço fúnebre.

As datações de <sup>14</sup>C mostram uma especial utilização durante a segunda metade do 4º milénio e inícios do 3º milénio (Gonçalves, 2008, p. 485). O material proveniente do Poço Velho foi revisto e analisado em monografia dedicada à estação arqueológica, sendo a algumas das peças cerâmicas aí encontradas, atribuído paralelo com o material proveniente de contextos dolménicos do grupo “*megalítico de Reguengos de Monsaraz*”, em especial as taças com decoração incisa (IGM-248) e as com o bordo denteado (IGM-361, IGM-271 e IGM-381), assim como os pequenos recipientes cerâmicos com furos de suspensão, têm semelhanças com outros encontrados que também são características de lugares megalíticos do sul de Portugal (Gonçalves, 2009,

p.390; p.402-403). Os elementos de colares encontrados no algar são particularmente interessantes pelas peças que os constituíam, assim como a pequena placa de osso gravada (Gonçalves, 2005, p.110).

Alterações antrópicas:

A necrópole localizada no interior das Furna do Poço Velho teria um número mínimo de indivíduos de 93 adultos e 22 não-adultos (Antunes-Ferreira, 2009, p.29). Do material proveniente do referido contexto em depósito no Museu Geológico e Mineiro, faz parte máscara facial realizada a partir dos ossos de rosto e frontal com não-adulto, com idade provável compreendida entre os 5 e os 8 anos. Observa-se ainda canino por eclodir, mas grande desgaste na restante dentição primária. O frontal e os ossos do rosto foram seccionados de forma a realizar-se máscara facial de provável uso ritual. Terá sido encontrada na furna 2. É em tudo semelhante à máscara facial proveniente da Gruta da Feteira na Lourinhã. O formato geral dos ossos é grácil. Na parte central do frontal é possível observar depressão de formato circular com 30 mm de circunferência e 0, 5 mm de profundidade, de origem traumática, e profundo golpe no lado esquerdo do frontal que corta toda espessura do osso, com 5 cm de comprimento e 1,5 largura. É provável que tenha sido a causa de morte para a posterior execução de máscara. A execução da “*máscara*” segue quase a norma do plano de Frankfurt.

O crânio com a identificação de inventário nº233.2821 IGM pertenceu a indivíduo do género masculino, com mais de 30 anos (White e Folkens, 2005, pp.386-391). Aparece em desenho em monografia de F. de Paula e Oliveira, mas sem referência às trepanações (Oliveira, s.d., fig. 12<sup>a</sup>).

As linhas de sutura apresentam-se esbatidas, sendo ainda visíveis partes da sutura coronal. A sutura sagital está praticamente absorvida, assim como a sutura coronária. Apresenta forma de calote ovoide (esquema de Sergi). A nível do índice cefálico é classificável como mesocrânio. O aspecto geral é grácil, mas de indivíduo robusto. O que se regista a nível de manipulação e alterações ósseas são os indícios de uma dupla trepanação, seguido de uma terceira intervenção. Esta situa-se no temporal esquerdo, sendo a dupla trepanação a mais antiga. Evidenciam sinais de regeneração óssea e terá sobrevivido entre seis meses a um ano após a última intervenção. O método usado terá sido o da incisão.

### Síntese:

Local celebrizado pelo Congresso de 1880, intervencionada sob direcção de Carlos Ribeiro. Além da máscara facial (de juvenil, caso único registado até agora), salienta-se o crânio com dupla trepanação. Existem indícios de os ossos terem sido polvilhados com ocre (Antunes-Ferreira, 2005), do uso de pequenos recipientes provavelmente associados a rituais e de terem sinais de ocre.

### Comentário:

Único caso de utilização de ossos de indivíduo não-adulto, podendo o trauma localizado no frontal ter sido a causa de morte. Coloca-se a hipótese de ser o resultado de acto sacrificial. Também proveniente da necrópole em contexto cársico do Algar Velho, crânio onde se observa no temporal esquerdo indícios de múltipla trepanação, tendo o indivíduo sobrevivido.



Fots. 65 e 66 A máscara facial de osso craniano em normas *facialis* e *occipitalis*, vendo-se o endocrânio, efectuada a partir do crânio de um juvenil. A seta indica trauma sofrido e que poderá ter sido a causa de morte.



Fot. 66 Norma *lateralis* esquerda da máscara craniana proveniente do Algar do poço Velho.



Fot. 68 O crânio nº 233.2821 IGM, proveniente das Grutas do Poço Velho. São visíveis a dupla trepanação efectuada no temporal e parietal, esquerdos e em localização superior a terceira intervenção (Gonçalves, 2005, p.79, fig.04.09).

Nº21

Proveniência: Anta de Carcavelos (Freguesia: Lousa; Concelho: Loures; Distrito: Lisboa).

Coordenadas geográficas: 38° 53' 10" N / 09° 13' 03" W.

Descoberta: Florbela Estêvão e Gustavo Marques em 1994.

Depósito: Museu Geológico de Portugal e Museu Municipal de Loures – Quinta do Conventinho.

Contexto arqueológico: Espólio osteológico humano, indústria laminar de sílex; ídolo cilíndrico de calcário, cerâmicas lisas e decoradas.

Cronologia: Neolítico Médio, Neolítico Final, Calcolítico.

Bibliografia: Ferreira (1959, p.219); Zbyszewski (1964, folha 2); Leisner (1965); Estêvão e Deus (2000, pp.473 – 483); Antunes-Ferreira (2005, pp.23 – 26); Estêvão e Oliveira (2005, pp.13 – 22); Hillier, Boaventura, Antunes-Ferreira e Estêvão (2009, pp.257 – 267).

Descrição do sítio arqueológico:

Monumento megalítico inserível cronologicamente no Neolítico Final, tendo-se obtido datação de <sup>14</sup>C que coloca um momento da sua utilização no Calcolítico Pleno.

Referenciado por Georg Leisner e mais tarde por Octávio da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, seria somente em 1994 que se daria início à primeira das intervenções arqueológicas. O dólmen composto actualmente por seis esteios de calcário situa-se em encosta suave, voltado para a ribeira do Tufo, em zona de solos com aptidão agrícola. Existem várias lajes calcárias espalhadas em redor da anta que poderão ter feito parte de outra de maiores dimensões, que constituiria o antigo “*chapéu*” de cobertura. Do espólio material recolhido na altura, salientam-se as cerâmicas de formato semiesférico de pequenas dimensões, lisas e cerâmica com decoração. Objectos de adorno vários, como as contas de calaíte e os alfinetes de cabelo ou os botões em osso. Registo para o conjunto de “*ídolos*” cilíndricos lisos de calcário (Oliveira e Estêvão, 2006, p.19).

Alterações antrópicas:

O dólmen apresentava um número mínimo de enterramentos de 80 indivíduos (Hillier *et alii*, 2009, p.258). Procedem desse contexto três fragmentos de crânio provenientes de trabalhos realizados na Anta de Carcavelos em 1993. É referido que os parietais estavam “*por debaixo da laje*”, sendo que em ambos os parietais é visível as marcas

efectuadas com objecto de corte (provavelmente lâmina de sílex), resultante de provável escalpe.

Fragmento 1 – parietal esquerdo, apresenta três das incisões quase paralelas, sendo mais aprofundadas perto da sutura, tendo os sulcos entre 7 e 5 mm de comprimento, por 0,5 mm de profundidade.

Fragmento 2 – parietal direito, sutura sagital-obelion, apresenta múltiplas incisões, de comprimentos variáveis, tendo a mesma profundidade dos anteriores.

Fragmento 3 – É o mais pequeno de todos. Sem marcas visíveis.

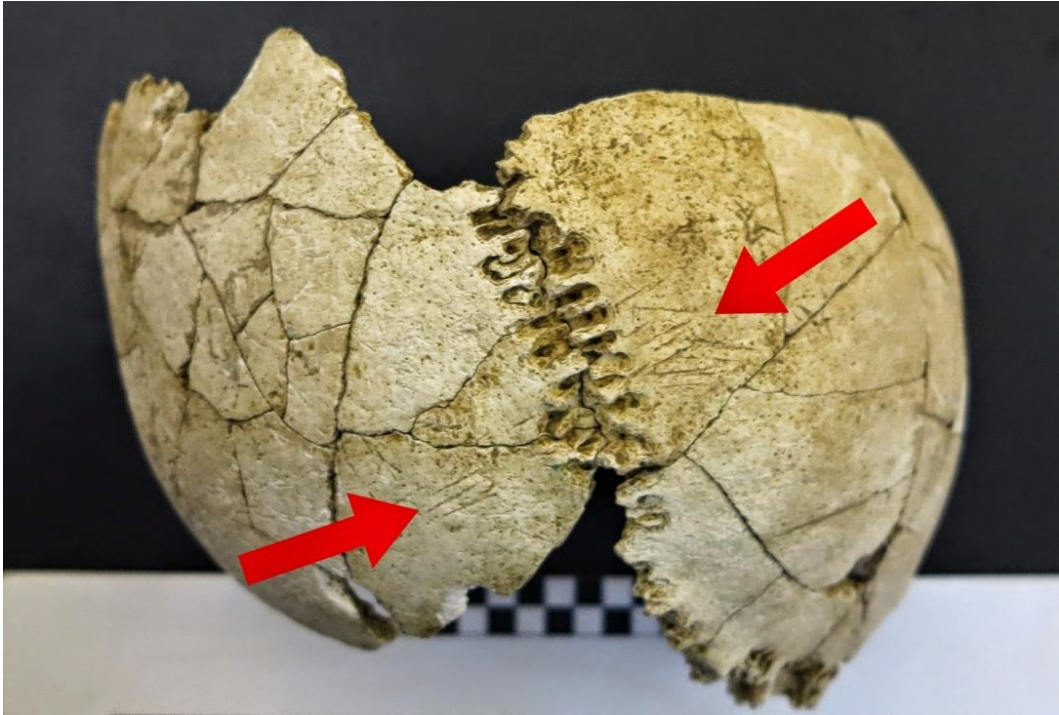
Ao todo apresenta vinte marcas, com diferenças entre os 2 mm e os 11 mm de comprimento. As marcas de corte em crânios humanos (em regra situadas nas zonas laterais do frontal e inícios dos parietais) têm sido interpretadas em contexto arqueológico, como sinais de violência, obtenção de troféus, processos ligados a deposições secundárias e descarnação dos ossos ou obtenção de escalpe (Hillier *et alii*, 2009, p.260).

Síntese:

Proveniente de contexto tumular em dólmen, ambos parietais mostram claros indícios de escalpamento. O número de cortes é significativo da existência de clara intencionalidade e terão sido efectuados *post-mortem*.

Comentário:

Ao contrário de outros casos analisados durante este trabalho, as incisões aparecem na perpendicular da sutura sagital (outros exemplos observados, cortes idênticos aparecem sempre nas laterais de osso frontal – Lapa do Bugio ou Concheiro do Cabeço da Arruda), sendo assim um caso singular. Terá existido uma manifesta intenção para tal manipulação. Se para obtenção de escalpe ou de outro “troféu”, não é possível de determinar.



Fot. 69 Os parietais provenientes da Anta de Carcavelos, em Loures, onde se percebem as incisões efectuadas sobre os mesmos. A causa mais provável terá sido a obtenção de *troféu* ou escarpamento.

Nº22

Proveniência: Gruta dos Ossos ou Lapa dos Ossos (Freguesia: Além da Ribeira; Concelho: Tomar; Distrito: Santarém).

Coordenadas geográficas: 39° 39' 34'' N/ 08° 25' 03'' W.

Descoberta: Octávio da Veiga Ferreira e Vítor Guerra em 1972.

Depósito: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar.

Contexto arqueológico: Necrópole em gruta. Forneceu espólio diversificado (enxós, lâminas de sílex, percutores, material osteológico humano, ossos de cervídeos e taças cerâmicas em calote).

Cronologia: Neolítico Final.

Bibliografia: Guerra e Ferreira (1974, pp.133 – 138); Ferreira e Leitão (1981); Oosterbeek (1991, pp.269 – 291; 1993, pp.11 – 18; 1994, pp.137 – 149); Zilhão (1992, pp.120 – 169); Cruz (2000, pp.61 – 179); Tomé (2006); Figueiredo (2008, pp.1 – 15).

Descrição do sítio arqueológico:

Cavidade cársica natural (ou lapa), situada na margem esquerda do rio Nabão. Mencionada por Octávio da Veiga Ferreira e Victor Guerra em 1972, será novamente referida por Veiga Ferreira e Manuel Leitão em 1980. A partir de 1986 até 1999 registar-se-á intervenção sistemática por Luís Oosterbeek do Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar que serão levados a cabo trabalhos intensivos de escavação arqueológica. Nas monografias publicadas acerca da Lapa dos Ossos, é referido que “*apresenta um ritual funerário com levantamento dos ossos e deposição posterior em ossário acompanhado de material lítico e pouca cerâmica*”. O ossário era delimitado por estrutura pétreia (Oosterbeek, 1987, p.80). João Zilhão integra o contexto arqueológico presente nesta cavidade no Neolítico Antigo (Zilhão, 1992).

Alterações antrópicas:

Octávio da Veiga Ferreira, em conjunto com Victor Guerra, apresentaram comunicação acerca de trepanações onde referem o crânio trepanado proveniente da Gruta dos Ossos, durante as II Jornadas Arqueológicas organizadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e que se realizou em Lisboa em 1972.

O. da Veiga Ferreira irá novamente referir-se a esse crânio com trepanação e incluí-lo na listagem por si publicada no “*Portugal Pré-histórico*” em 1980. No entanto mais nenhuma informação é avançada e o paradeiro do referido crânio é desconhecido. Existe

no entanto, informação acerca dos rituais associados aos enterramentos e deposições, com a indicação de NMI é de  $19 \pm$  adultos e de 7 não-adultos (Tomé, 2006, p.28). Na cavidade cársica fronteira ao rio, existia na camada 1 identificada na estratigrafia, ossário neolítico, notando-se a “*arrumação dos crânios*” (Oosterbeek, 1987, p.80). Estes estariam orientados para sudoeste e polvilhados de ocre, apresentando a maioria lesões traumáticas (Tomé, 2006, pp.28-29). À época da intervenção de Veiga Ferreira e Vítor Guerra na Gruta dos Ossos, o segundo responsável exercia o cargo de director do Museu Santos Rocha da Figueira da Foz. Poderá o crânio estar lá guardado? Não foi possível esclarecer cabalmente acerca do seu paradeiro.

#### Síntese:

Necrópole em contexto cársico onde foi possível verificar o manuseamento de crânios de forma a ficarem em posição distinta em relação ao ossário

#### Comentário:

Lamenta-se a não localização do crânio com indícios de trepanação referido por Octávio da Veiga Ferreira. É referido que no contexto intervencionado que os crânios estariam dispostos e arrumados de forma diferenciada em relação aos restantes ossos.



Fot. 70 Crânio proveniente da Lapa dos Ossos (Oosterbeek, 1988).



Fot. 71 Pormenor da intervenção realizada em 1988 na Lapa dos Ossos (Oosterbeek, 1988).

Nº23

Proveniência: Gruta do Escoural (Freguesia: Santiago do Escoural; Concelho: Montemor-o-Novo; Distrito: Évora).

Coordenadas geográficas: 38° 32' 39'' N/ 08° 08' 17'' W.

Descoberta: Manuel Farinha dos Santos em 1963.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Regional de Évora e Museu do Convento de S. Domingos (Montemor-o-Novo).

Contexto arqueológico: Necrópole neolítica em gruta. Forneceu espólio diversificado (material lítico, material osteológico humano e objectos de uso ritual associados à necrópole neolítica). Galerias com núcleos de arte rupestre paleolítica.

Cronologia: Neolítico Antigo a Neolítico Final.

Bibliografia: Santos (1964, pp.5 – 47; 1967, pp.18 – 34; 1971, pp.95 – 97; 1972, p.175; 1985, pp.135 – 142); Isidoro (1981, pp.5 – 46); Ferreira e Leitão (1981, pp.132 – 137); Gomes (1983, pp.60 – 61; 1989, pp.225 – 269; 1991, pp.17 – 74; 1994, p.49); Gomes, Gomes e Santos (1983, pp.287 – 307); Jorge (1986, pp.27 – 50); Gomes, Cardoso e Santos (1991, pp.75 – 94); Araújo, Santos e Cauwe (1993, pp.51 – 90); Soares (1995, pp.111 – 119); Araújo e Lejeune (1995, pp.57 – 116).

Complexo cársico composto por rede de galerias, descoberto acidentalmente durante actividade de pedreira em 1963 e nesse mesmo ano intervencionado por Manuel Farinha dos Santos. Encontrou-se aí importante núcleo de arte parietal paleolítica (onde se destacam as figurações de equídeos e as de carácter abstracto). Posteriormente serviu de necrópole durante o Neolítico, sendo a ocupação mais expressiva durante o Neolítico Final, de que a necrópole é exemplo. Aspecto significativo é o facto de ter sido encontrado em conjunto com outro material neolítico alguns exemplares de fauna malacológica como *Pecten maximus*, *Mitylus*, *Ostrea*, bracelete de concha de *Glycimeris* e botão feito a partir de *Cerastoderma edule*, tendo em conta a localização relativamente interior da Gruta do Escoural face à distância da linha de costa.

Na área envolvente da gruta existem diversas manifestações que se reportam ao Neolítico Final, sendo de particular relevo o santuário rupestre (que em momento posterior foi dessacralizado com o assentamento de povoado de época calcolítica) ou a *tholos* do Escoural.

#### Alterações antrópicas:

Existem referências explícitas nos desenhos de campo e nas fotografias de Farinha dos Santos que permitem perceber que existiu prática de manipulação do esqueleto craniano humano, nas deposições funerárias que ocorreram em idade neolítica na Gruta do Escoural. Consultando os desenhos das diversas escavações levadas a cabo, nota-se que há locais onde foram realizadas deposições primárias e secundárias. Nas secundárias, observam-se aglomerações de ossos longos e a colocação intencional de crânios em nichos e recantos da cavidade cársica. Um dos nichos no interior da gruta tinha cinco crânios agrupados e “*entaipados*”, na sala 1 (Santos, 1985, p.137).

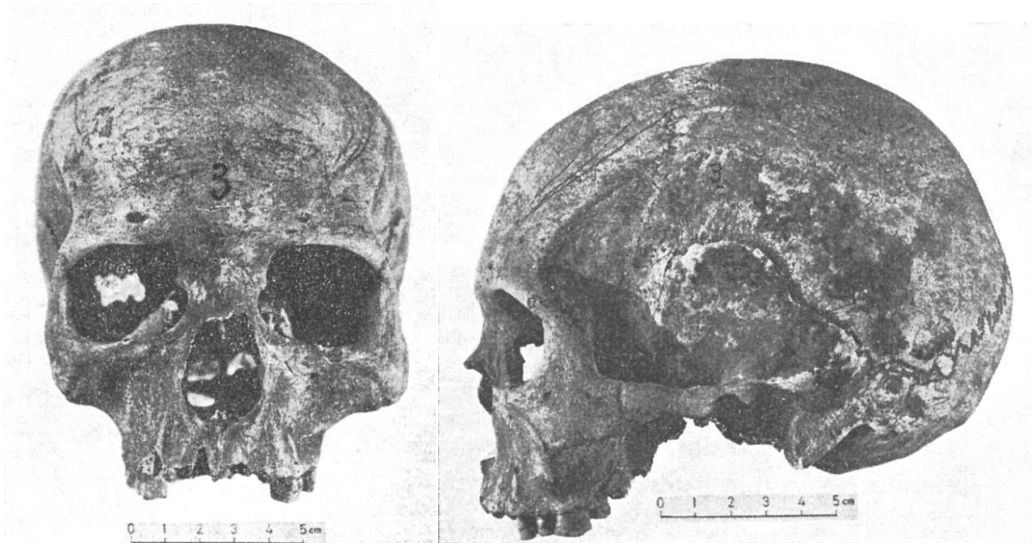
Augusto Farinha Isidoro publica em 1981 trabalho onde analisa alguns dos crânios provenientes da Gruta do Escoural. Um desses crânios, o nº3, apresenta cortes nas laterais do osso frontal, que terão sido efectuados por acção humana, recorrendo-se a provável lâmina de sílex. A intenção mais provável terá sido a obtenção de escalpe. Pela análise das imagens e leitura do texto de A. Farinha Isidoro, a calote pertenceu a indivíduo do sexo feminino, com cerca de 20 anos de idade à morte (Isidoro, 1981, p.10 e aplicação dos critérios de Broca para estimativa da idade a partir das linhas de sutura craniana - grau de obliteração de cada segmento - Broca, 1875). O formato do crânio é pentagonal, dolicocefalo e ovoide no esquema de Sergi. Não é mencionada informação acerca do esqueleto pós-craniano que pudesse estar associado ao mesmo.

#### Síntese:

Complexo de galerias subterrâneas emblemáticas da Arqueologia Portuguesa onde foi possível observar rituais diversos associados à necrópole neolítica. No espólio osteológico humano proveniente das intervenções realizadas por Farinha dos Santos nos anos 60, guardado no Museu Nacional de Arqueologia, foi possível identificar máscara craniana e placa realizada a partir de osso frontal. Do espólio que estava à guarda do Instituto Antropológico da Universidade do Porto identificou-se duas rodela de osso craniano humano.

#### Comentário:

Colocação de crânios em nichos e “*inumação de crânios num nicho entaipado*” (Santos, 1971). Crânio descrito em monografia por Farinha Isidoro apresenta marcas associadas à prática de escalpe. Máscara craniana realizada a partir de crânio de provável indivíduo do sexo feminino.



Fots. 72 e 73 O crânio 3 da Gruta do Escoural em normas *facialis*.e *lateralis* esquerda, Observando-se as marcas de raspagem resultantes de provável escalpamento (Isidoro, 1981, p.49).



Fot. 74 Fotografia da escavação de 1963 vendo-se um dos crânios colocados em nicho (Arquivo Farinha dos Santos, 1963 *in* Cardoso, 2007, p.219).

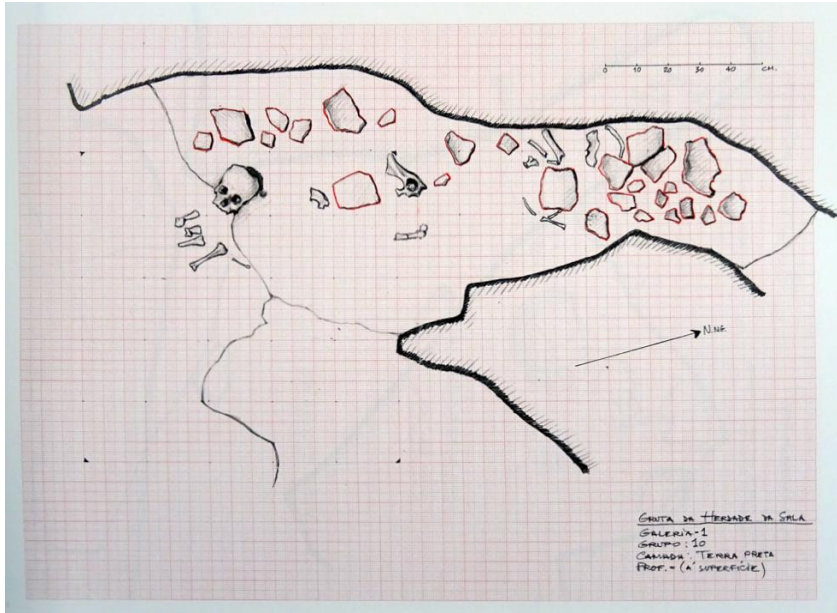
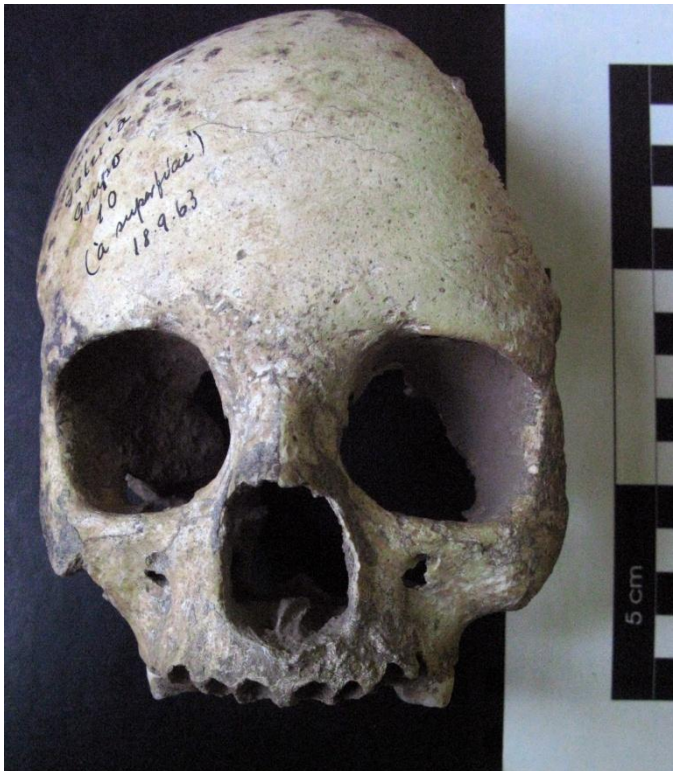


Fig. 2 Desenho original de Farinha dos Santos em 1963, da galeria 6, percebendo-se a colocação em nicho da máscara craniana (Arquivo Farinha dos Santos, 1963 in Araújo e Lejeune, 1995, p.81).



Fot. 75 A máscara craniana identificada no espólio osteológico humano guardado no Museu Nacional de Arqueologia.

Nº24

Proveniência: Necrópole do Ulmo ou Herdade do Ulmo (Freguesia: Santa Vitória e Mombeja; Concelho: Beja; Distrito: Beja).

Coordenadas geográficas: 38° 59' 12.52" N, 08° 22' 56.95" W.

Descoberta: Fernando Nunes Ribeiro em 1941.

Depósito: Museu Regional de Beja.

Contexto arqueológico: Necrópole de cistas.

Cronologia: II Idade do Bronze.

Bibliografia: Vasconcellos (1906, pp. 179 – 189); Ribeiro (1960, p. 65; 1965, p. 32), Ribeiro e Viana (1956 p. 56; 1960, p. 46).

Descrição do sítio arqueológico:

As primeiras notícias acerca da necrópole de cistas da Herdade do Ulmo datam de 1892, publicando José Leite de Vasconcellos sobre aquela, artigo, em 1906, no *Archeólogo Português* (Vasconcellos, 1906, p. 180).

Em 1941, quando trabalhos de revolvimento dos solos colocaram a descoberta estela com decoração, onde sobressai figura de ancoriforme, danificando várias cistas. Fernando Nunes Ribeiro foi chamado à Herdade do Ulmo procedendo a intervenções nos anos de 1943 e 1956. Dedicou-lhe monografia e posterior menção no seu trabalho *“Pré-História e origem de Beja”* (Ribeiro, 1960), onde apresenta estudo acerca da Idade Bronze na zona meridional de Portugal.

Alterações antrópicas:

Fernando Nunes Ribeiro refere explicitamente a descoberta de um crânio trepanado numa das cistas da necrópole e o posterior envio juntamente com outro material osteológico para análise ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, e assim como o seu posterior desaparecimento (Ribeiro e Viana, 1956, p. 52). Pelas fotos da época que foi possível visionar, afigura-se que o crânio pertenceria a um adulto, contudo nada mais é possível adiantar. O referido crânio apresentaria *“trepanação perfeitamente cicatrizada [...] os ossos foram enviados para um Instituto Antropológico e infelizmente nada mais se soube deles”* (Ribeiro, 1965, p.32). As anotações acerca deste crânio são escassas (Ribeiro e Viana, 1956, p. 56; Ribeiro, 1965, p. 32), referindo-se que os materiais aí encontrados apresentariam semelhanças com a cultura de *El Argar* e que os mesmos *“teriam sido manufacturados por um povo com um modo de*

*vida essencialmente pastoril mas com arreigada feição guerreira”* (Ribeiro, 1965, p. 32).

O facto de ser proveniente de contexto de necrópole de cistas, culturalmente inseríveis no Bronze do Sudoeste, sublinha a importância da sua menção, não só por demonstrar a continuidade do acto de trepanar durante a Idade do Bronze, como a sua localização geográfica o coloca como um dos casos mais a sul do actual território assim como um dos mais tardios.

#### Síntese:

Proveniente de contexto de necrópole de cistas e datável da II Idade do Bronze do Sudoeste. Haveria todo o interesse em analisar o referido crânio de forma a poder compará-lo com os provenientes de contextos Neolíticos.

#### Comentário:

Lamenta-se a não localização do referido crânio para o qual foi referida de forma explícita a trepanação, tal como demais material osteológico proveniente da escavação das cistas da necrópole da Herdade do Ulmo, enviado, nos anos 40, para o Instituto de Antropologia do Porto. Nunes Ribeiro descreve claramente a trepanação vista num dos crânios.



Fot. 76 Imagem publicada por Fernando Nunes Ribeiro de uma das cistas da Necrópole do Ulmo. Observam-se pelo menos quatro crânios e ossos longos diversos (Viana e Ribeiro, 1960, p. 46).

Nº25

Proveniência: Gruta do Supradouro do Algarinho / Algarinho / Gruta da Nascente do Algarinho (Freguesia: St<sup>a</sup> Eufémia e Rabaçal; Concelho: Penela; Distrito: Coimbra).

Coordenadas geográficas: 37° 56' 36'' N/ 08° 01' 40'' W.

Descoberta: 1998 pelo grupo dedicado à espeleologia “Colectivo Dueça”.

Depósito: Instituto de Arqueologia e Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra e Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia.

Contexto arqueológico: Provável necrópole em contexto cársico, materiais líticos rolados, ponta de lança de bronze.

Cronologia: Neolítico Final (?), Idade do Bronze (?)

Bibliografia: Vilaça e Carvalhos (1999 – relatório inédito); Pessoa (2003); Cunha, Wasterlain e Ferreira (2008 – relatório inédito).

Descrição do sítio arqueológico:

Gruta natural inserida no complexo cársico do “*Sistema Espeleológico do Dueça*” (Neves *et alli*, 2003), a Gruta do Algarinho foi descoberta em 1998 pelo agrupamento de espeleólogos “Colectivo Dueça”. A cavidade encontrava-se obstruída por *grande laje calcária*, indicando intencionalidade no encerramento da mesma (relatório do GPS, 2006, p.2).

Foi identificada grande laje de calcário que indiciava *intencionalidade* no encerramento da cavidade (relatório inédito do grupo GPS, 2006, p. 2).

A gruta teve intervenção de Raquel Vilaça em 1999, identificando-se na altura *no interior desta cavidade contam-se duas estruturas artificiais; uma primeira sala com parede artificial com cerca de 5m de comprimento e 30cm de altura, mas em zona assoreada; e uma segunda sala com uma construção artificial aproveitando uma elevação natural do terreno. Estas construções não apresentam semelhanças com quaisquer outras conhecidas* (Vilaça e Carvalhos, 1999 – relatório inédito). A segunda estrutura encontrada e que aproveitava a elevação natural do solo da cavidade cársica é identificada com *possível altar* (relatório do GPS, pp. 2 – 3), tendo sido desmantelada por altura dos trabalhos de arqueologia levados a cabo por Raquel Vilaça e colaboradores em 1999 (Vilaça e Carvalhos, 1999 – relatório inédito).

Em 2003 é reportado que à superfície do chão da gruta foi encontrado ponta de lança de bronze, cronologicamente inserível no Bronze Final (Pessoa, 2003, pp. 319-325).

#### Alterações antrópicas:

No parecer consultado na Biblioteca de Arqueologia do Palácio da Ajuda (Informação nº 0208/2006/ IPA Pombal) relata-se que dois membros do grupo de espeleologia *GPS* encontraram em 2006 à superfície do solo da cavidade três crânios humanos. No relatório apenso ao parecer do extinto IPA, é possível observar nas fotografias os referidos crânios encontrados na Gruta do Algarinho. Em um dos crânios, na zona onde a sutura sagital converge para o ponto Lambda, no encontro do parietal esquerdo com o occipital observa-se orifício de formato elíptico compatível com provável trepanação. Da análise das imagens, sugere-se que o referido crânio tem formato ovoide (Sergi), mesocrânio, com ligeira *projecção* do occipital, apresentando formato geral meseno e órbitas quadradas. Pela observação o crânio parece ter pertencido a indivíduo do sexo feminino. Tem cobertura fina de calcite.

#### Síntese:

Possível crânio feminino com indícios de trepanação em mais uma cavidade na região estremenha. Provável *altar* no interior da gruta.

#### Comentário:

Pela consulta dos relatórios não é possível extrapolar muito mais informação do que a foi adiantada. Fica por apurar a inserção cronológica dos crânios encontrados na Gruta do Algarinho. Lamenta-se o desmonte da estrutura pétrea semelhante a *altar* e não divulgação de resultados.

Foram envidados todos os esforços para a localização dos referidos crânios, não se tendo obtido quaisquer respostas acerca do paradeiro dos mesmos.

## Capítulo V

## Síntese

*“Ritual elements can be used to infer belief systems, just as knowledge of the mythology of a particular society can be used to investigate its rituals.”*

Lars Fogelin (2007, p. 56)

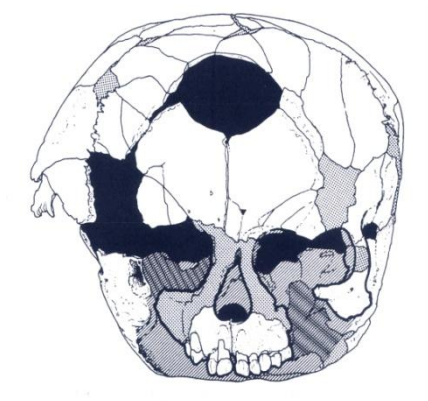
É provável que, desde muito cedo, tenha existido a percepção da relação entre problemas como a epilepsia, enxaquecas, alterações comportamentais ou convulsões, com a actividade cerebral e, por consequência, com o que se passava no interior do crânio, percebendo-se ainda que os traumas cranianos podiam eventualmente produzir patologias sérias, tais como a perda da consciência, danos na memória, etc.

Assim, seria um passo quase natural que a inerente curiosidade humana levasse a querer entender o que ocorria no interior daquela “caixa”. O passar da curiosidade à acção, terá sido uma evolução lógica, dando-se início à prática que seria designada por *trepanação*. Um dos aspectos a ter em conta é o facto de cerca de 450 crânios descobertos em contexto arqueológico na Europa mostrarem provas dessa manipulação. As evidências apontam para a realidade de que muitos dos indivíduos submetidos a ela evidenciavam indícios de terem sobrevivido.

Obviamente que a ausência de registos escritos impede que se possa determinar, com exactidão, qual o tipo de conhecimento que as culturas pré-históricas possuíam acerca da relação entre o cérebro e as suas funções mentais, mas também dos possíveis objectivos da trepanação. A análise dos crânios trepanados conhecidos, através de escavações arqueológicas, são o único elemento a partir do qual é possível inferir da importância que o homem pré-histórico atribuía ao cérebro humano, tanto em termos funcionais como simbólicos. Como foi referido ao longo do trabalho, se casos houve, em que uma outra razão tenha sido justificação para que a intervenção se efectuasse, na maioria dos exemplares analisados, essa mesma *causa*, estava ausente. Temos, assim, uma prática que se inseriria sobretudo em contexto simbólico, associado a provável ritualização ou a rituais, por certo complexos.

No actual território português existem exemplares de crânios trepanados datados do Mesolítico a par de outras manipulações diferenciadas provenientes do referido período. O exemplo de cronologia mais recente (conhecido) data de Período Romano<sup>1</sup>. Todo o seu contexto e envolvente encontram-se de acordo com o que tem sido arqueologicamente registado e detectado em locais similares, ou seja, enterramentos em concheiros de elementos integrados em sociedades humanas com economias de caça-

recolecção e armazenamento, demonstram que em termos de mentalidade social seriam muito mais complexas do que inicialmente se pensava, observando-se em muitos dos crânios provenientes dos concheiros mesolíticos, marcas que patenteiam inegável violência interpessoal, ou que a sua morte tenha ocorrido por motivos rituais, sendo o contexto do Cabeço da Arruda diferente dos restantes concheiros da área de Muge (Antunes e Cunha, 1993; 2009). Em épocas anteriores teria existido a prática da manipulação de ossos cranianos humanos conforme testemunhos conhecidos do Paleolítico Superior Europeu<sup>2</sup> (ver Fotos 76 e 77).



Fot. 77 O crânio de criança magdalenense encontrado na Gruta de Rochereil (França). Em *Norma Facialis*, observando-se o orifício resultante de trepanação no osso frontal (Valois, 1971, p. 490, Mafart *et alii*, 2007, p. 574).



Fot. 78 O crânio de indivíduo feminino proveniente da Gruta de Mas d’Azil. A jovem mulher terá sido morta por decapitação e a parte da maxilar superior afeiçãoada. Na sua localização original na gruta, o crânio da jovem mulher estava colocada em cima de uma rocha, no meio de uma das salas da cavidade cársica. Nas órbitas foram inseridos placas de osso de cervídeo (Musée de Préhistoire du Mas d’Azil).

Para o território hoje português, a informação empírica indica que a maioria das manipulações que envolvem ossos cranianos humanos é datável do Neolítico (sendo larga percentagem do Neolítico Médio – ver tabela com datações Carbono 14 no Anexo II, p. XVIII), sendo que uma larga percentagem provém de enterramentos ou necrópoles em contexto cársico (56% do total de casos registados).

Existiram afinidades culturais durante o Neolítico Médio-Final, em especial por quase todo o litoral-centro, desde as faldas da Arrábida, até Peniche e zona de Leiria

(grosso modo a faixa litoral da actual Estremadura), mostrando características próprias de cultura regional, nomeadamente, no ritual de enterramento, em cavidades subterrâneas naturais, diferenciando-se pela utensilagem lítica e cerâmica, em relação a outras regiões, podendo servir de indicador em conjugação com a ideia de simbólico que acompanhou o chamado “*pacote neolítico*” (Zilhão, 1998, pp.27 – 32; Bicho *et alli*, 2003, pp. 15 – 21).

Mas quais seriam os motivos que levavam a esse procedimento e as consequências que a manipulação de crânios humanos poderia implicar? De carácter ritualístico, “*medicinal*” ou ambos? Seria essa operação realizada por *xamãs*, *medicine-men*, ou mesmo homens que se tivessem de alguma forma especializado nesse tipo de prática<sup>3</sup>? (Price, 2001, p.7)

Identificaram-se espécimes em que o procedimento se justificaria devido aos diversos traumas ou contusões que alguns dos crânios evidenciam, conforme descrito nos exemplares agora estudados. Noutros casos, aquele factor está simplesmente ausente. Abordando a trepanação pelo lado da prática medicinal, para se efetuar a intervenção é necessário levantar o escalpe, acedendo-se assim ao osso craniano.

Tanto o crânio, como toda a área da massa encefálica, são zonas bastante irrigadas, de intrincada rede vascularizada em termos de circulação sanguínea, e mesmo pequeno corte aí efectuado provoca profuso sangramento. Quando o processo se iniciasse, a mistura de sangue e esquirolas de osso, colocaria o problema do surgimento de infecções, além de expor toda a zona aberta a agentes patogénicos. Existiria o conhecimento de que aquela seria uma zona “*sensível*” de se intervir e necessitando de cuidados “*paliativos*” no período posterior ao procedimento.

Tem surgido, em contexto arqueológico e em diferentes locais da Europa, indícios diversos de *guerra* ou confrontos na sua forma primitiva (Malinowski, 1975, pp. 34 – 40), especialmente bem documentado nas pinturas rupestres do Levante Espanhol como a encontrada nas cavidades de Les Dogues ou La Sarsa. É provável que em alguns dos casos de trepanação, esta tenha sido efetuada como “*prática cirúrgica*” e medida profilática em situações de trauma craniano.



Fot. 79 *Cueva de Les Dogues*. Cena de combate (Porcar, 1953, p.78).

Na colecção agora estudada nota-se, desde logo, uma clara confluência de ocorrências na zona centro-oeste do país, registando-se somente um caso mais a norte (Eira Pedrinha, Condeixa) e o limite sul máximo situa-se em Melides (Santiago do Cacém). Claro que o facto de existirem áreas em “*branco*” no actual território (ver Fig. 1), não significa que não tenham ocorrido casos similares nesses locais. Pode ter acontecido que os terrenos demasiado ácidos não tenham permitido a preservação de ossos humanos, ou ter existido destruição posterior, não só do local como dos artefactos e indícios osteológicos. Também escavações antigas, carentes de metodologias adequadas, podem não ter tido em conta a importância dos vestígios osteológicos. Refira-se ainda a destruição que sofreram muitos dos dolmens ou possíveis hipogeus e grutas de todo o país, antes de terem sido intervencionados. No levantamento das referências disponíveis de crânios com evidências de trepanação ou manipulação foi notório o aparecimento de maior número de casos do que aqueles normalmente referidos. Eles não são poucos, nem tão semelhantes entre si que não permitam oferecer um panorama diferenciado de tais procedimentos, provenientes de distintos contextos, contabilizando-se em Portugal a percentagem de crânios com evidência de manipulação em 62%, em relação aos totais apurados.

É possível que o acto da trepanação e outras manipulações tenham sido levados a cabo por indivíduos especializados, que teriam forte conhecimento do meio-ambiente que os rodeava, sendo prováveis detentores de profundo conhecimento dos produtos naturais existentes e qual a finalidade com que poderiam ser utilizados, conhecedores que seriam das propriedades e características das plantas apropriadas com funções paliativas. Existiria, por certo, uma “*farmacopeia*” natural<sup>4</sup>.

Tomemos como exemplo as seguintes: mandrágora (*Officinale mandragora*), extractos de solanáceas como o estramónio (*Datura stramonium*), rico em alcaloides ou a datura (*Datura L.*), a papoila (*Papaver somniferum L. – Papaveraceae*), o cânhamo (*Cannabis sativa L.*), ou o meimendro (*Hyoscyamus niger L.*). Veja-se o artigo de Leonor Peña-Chocarro e Guilem Pérez Jordà acerca do possível cultivo intensivo de papoila (*Papaver somniferum L.*) em Los Cascajos e na Cueva de Los Murciélagos (Peña-Chocarro *et alii*, 2013).

Na bibliografia antropológica, é conhecido o uso de plantas diversificadas e o seu uso por grupos humanos organizados em sociedades de tipo tribal, que foram objecto de estudo dos antropólogos ao longo de décadas (Turner, 1982, pp. 38 – 42; Lévi-Strauss, 1962; 1971; 1979; 1996; 2004; Sperber, 1996, pp. 83 – 85; Malinowski, 1975, 1990).

Mircea Eliade ou Claude Lévi-Strauss através dos seus escritos dão pistas possíveis de utilizar, numa tentativa de compreendermos a mentalidade de quem existiu há milénios (Eliade, 1989, pp. 12 – 20; 2000, pp.64 – 108; 2002, pp. 49 – 84; 2008, pp. 267 – 294, 2010, pp.20 – 60; Lévi-Strauss, 1962; 1986, pp. 21 – 68; 1989, pp. 18 – 26; 2010, pp. 34 – 47). Ao analisarem sociedades ditas “*primitivas*” referem como essas mesmas organizações sociais humanas utilizam o seu conhecimento acerca do mundo natural. Apesar de ser necessário acautelar, no recurso a paralelos etnográficos, de forma a extrapolar para grupos humanos há muito desaparecidos (Mohen, 2010, pp. 33 – 60), no entanto é o que podemos dispor para formular um quadro explanativo em conjunto com as evidências arqueológicas, assim como de análises polínicas, factores que permitem abordar as diferentes utilizações do coberto vegetal na Pré-História.

A elevada taxa de sobrevivência à trepanação não será devida somente à perícia do executante. Seria essencial garantir que a área intervencionada tivesse uma boa regeneração e algum nível asséptico fosse assegurado de forma a prevenir infeccções, passíveis de acontecer em momento posterior ou outras complicações que adviessem durante o processo de convalescença, evitando assim as mesmas recorrendo-se a componentes naturais que facilitassem os processos de regeneração. As restantes manipulações envolvendo ossos cranianos humanos indiciam procedimentos *post-mortem*.

De todos os locais investigados e mencionados neste trabalho, identificaram-se em treze deles crânios sinais de regeneração óssea (29.5%). Ou seja, houve sobrevivência na pós-intervenção e decerto que a utilização de farmacopeia de origem

vegetal terá tido a sua contribuição. A prática da trepanação estaria ligada à própria estrutura das sociedades da época ou à organização que dava *corpo* aos grupos familiares ou *tribais*, tendo um carácter iminentemente ritualista e encarada como um acto associado a práticas culturais.

Fazendo uso intensivo da obra de Jacques Cauvin, e entendendo-se o Neolítico mais como “*pacote cultural de ideias*” do que propriamente de “*revolução*” nos usos e costumes, as ideias que mais se salientam, é o “*fascínio*” ou uso cultural associado ao rosto humano e ao crânio. As mais antigas evidências desse culto de que dispomos são provenientes de Jericho e datam de 9.000 A.C., e são elas, uma trepanação, a modelagem em argila de um rosto sobre caveira humana e representações de rostos humanos em máscaras. Uma questão que nos parece pertinente é a de antever uma evolução a partir de os *crânios modelados* tão característicos do Neolítico do Próximo-Oriente para as máscaras faciais de osso craniano humano? “*[...] A característica mais notória foi a modelagem em argila, de rostos dos vivos, sobre crânios humanos; são os mais antigos retratos humanos individuais [...]*” (Piggott, 1981, p. 51).

O uso de crânios em rituais xamânicos, ou que poderíamos classificar como tal, remonta ao Paleolítico Médio (Eliade, 1978; 2000; Leroi-Gourham, 1995), prolongando-se o seu uso por toda a Pré-História Europeia. A sua utilização surge em estreita ligação às máscaras, imagem do antepassado ou divindade protectora, ou ainda divindade ctónica. A trepanação e a manipulação ou uso de crânios humanos poderá ser uma outra faceta desses mesmos rituais. Mas, mais do que a manipulação de ossos cranianos humanos, uma das principais marcas do PPNB será o uso intensivo da figura humana ritualizada nas suas mais variadas expressões (estátuas, figuras em tamanho reduzido, representações antropomórficas e as diversas variantes de crânios modelados), aparecendo essas mesmas manifestações e objectos com função simbólica em lugares como Ain Ghazal, Abu Hureyra, Çatal Höyük, Cayönü ou Nevali Çori, Abu Hureyra, Jericho e Netiv Hagdud (Bar-Yosef, 1991). E, com a corrente de transmissão que se forma com a *ideia* de Neolítico, irão também surgir no território português, novos artefactos de carácter iminentemente simbólico. A multiplicidade de manipulações cranianas que nos aparecem na Pré-História poderão ser expressões diversas de um mesmo universo, aquilo que Mircea Eliade designou como “*variedade da experiência religiosa*” (Eliade, 2000, p.144).

Emile Guiard (1930) indica que a trepanação faz o seu aparecimento, em *força*, na Europa Neolítica, a quando da introdução de novos elementos étnicos e de novos

aportes culturais, coincidindo com uma mudança de mentalidades. Sabemos hoje em dia que não terão sido somente grupos de migrantes que trouxessem consigo uma nova cultura e outra forma de estar. Houve evolução local, e adaptação de ideias exógenas, mas no essencial a sua ideia está correta. É certo, existem manipulações de ossos do crânio muito mais antigas, mas será com o surgimento de sociedades produtoras e plenamente agro-pastoris, que essa prática começa a ganhar expressão e a tornar-se mais evidente no registo arqueológico.

A abordagem ao tema religião ou elaborar o estudo de forma a conter essa premissa, é algo que deve ser considerado pelos arqueólogos (Insoll, 2004, p.3), pois o factor “*ritual*”<sup>5</sup> é algo indissociável de uma aproximação ao estudo da mente humana e dos mecanismos de acção (ou seja, abordar o estudo de forma cognitiva), uma vez que “*a dimensão espiritual parece ter sido algo de especial relevo para a espécie humana, pelo menos desde o Paleolítico Superior*” (Insoll, 2004, p.5). Nesta perspectiva, o *Sapiens* pode ser considerado como um *Homo Sacer* ou *Homo Symbolicus* (encarando-se aqui estes conceitos, como “*aquele que se consagra ao sagrado*” – Ries, 1994).

Será uma das abordagens a ter em conta ao analisar os diversos tipos de manipulação craniana ocorridos na Pré-História.

Prática perigosa de realizar, uma vez que implica a exposição e o acesso à massa encefálica, a trepanação poderia ser entendida como terapêutica para contusões ou fracturas que ocorressem ao nível do crânio. Fosse para a remoção de fragmentos de osso estilhaçados ou de coágulos que exercessem pressão no endocéfalo. Mas, não é assim. A maioria dos crânios que apresentam sinais de tal intervenção, não ostentam sinais de terem sofrido tais traumatismos. Deparamos assim com uma problemática primeira. Não terá sido necessariamente usada como acção paliativa.

O “*dar destaque*” ao crânio, “*moldá-lo*” e intervencioná-lo, demonstra bem a importância que, em termos simbólicos o crânio de determinados indivíduos teriam para estas populações, o que segundo Cauvin (1997), estaria intimamente ligado à “*explosão de actividade simbólica*” que se regista no Neolítico. Podemos dizer que a manipulação de crânios e a trepanação teriam um carácter iminentemente ritualista e poderão ser encaradas como acções associadas a práticas culturais. “*A ritual act, is an action redirected for demonstration, a spontaneous programme of demonstrative acts to be performed in a set sequence and often at a set place and time*” (Burkert, 1966, pp. 87 – 121).

A utilização de crânios humanos em rituais diversos tem longa história e como referido, recuando ao Paleolítico Médio. No entanto, será durante o Mesolítico e mais concretamente durante o processo de neolitização (quando regista o seu expoente) que essa *forma* de exprimir algo, uma certa prática ritual terá mais expressão e será mais evidente no registo arqueológico, estando ligado à evolução das mentalidades (Cauvin, 1997), colocando em evidência o provável ponto de origem – o Próximo Oriente.

Segundo Kenyon (1958, pp.127 – 134) e Cauvin (1997), é em Jericho (durante o PPNB) que se dá o *nascimento* de uma *tríade-divina*. Estaria em conexão com os enterramentos no subsolo do espaço habitacional e as várias formas de ritualizar usando os crânios dos mortos. É assim dado à caveira o aspecto mais similar possível àquilo que teria sido em vida, de forma a participar nos rituais – daí poder dizer-se que terão sido os primeiros retratos. Em Çatal Hüyük foi encontrado um *santuário* onde quatro crânios humanos, pertencentes a indivíduos masculinos, foram colocados sob crânio de auroque, pendurado na parede. Numa outra parede do mesmo lugar, surge a pintura de um abutre a atacar homem decapitado (Mellart, 1967, pp. 46 – 60). Em Nevalı Çori, num edifício associado a práticas rituais, na divisão central encontrou-se depositado no solo conjunto de quatro crânios.



Fot. 80 Crânio de indivíduo do sexo masculino depositado em enterramento de jovem do sexo feminino. O crânio foi coberto por diversas vezes com gesso e pintado com ocre vermelho. Segundo Ian Hodder é um dos enterramentos *mais interessantes* de Çatal Höyük – Neolítico da Anatólia (Hodder, 2006).

Para as populações neolíticas do Próximo Oriente que estarão na origem da criação de sociedades produtoras, o crânio teria uma grande simbologia e o acto de desfigurar o morto, seria uma forma de exercer uma forma de poder sobre o mesmo. Nas escavações levadas a cabo no sítio de Tell Qarassa (datável do PPNB – 8.500 – 8.100 cal. A.C.), foi possível encontrar crânios dispostos em círculo no subsolo de casa, observando-se que os ossos que compunham o rosto sofreram mutilação através de

golpe contundente, sendo o resultado provável de uma prática de carácter ritual (Tallay, 2004, pp. 139 – 163; Santana *et alii*, 2012, p.465). Em Çatal Höyük, num dos enterramentos em fossa no interior de casa, a acompanhar a deposição de indivíduo do género feminino, foi colocado o crânio de mulher que tinha sido completamente coberto de gesso e depois pintado de cor vermelha (Hodder, 2011).

Acerca das prováveis deslocações por via marítima de populações detentoras do designado *pacote neolítico* veja-se os artigos de Christina Marangou (Marangou, 1999, pp. 275 – 282) e Maria Antonietta Fugazzola Delpino (Delpino, 2002, pp. 373 – 395; Delpino e Mineo, 1995, pp. 197 – 266).

A manipulação de crânios e de ossos cranianos permitia ao seu utilizador um *acesso directo ao caminho dos mortos*, estabelecendo assim uma ponte (Eliade, 2002, p.22). Já Maria Lamas (2000, p.28) vê no culto dos crânios a sobrevivência de um ritual que recuaria até ao Paleolítico Médio (os dados provenientes da Gruta Guattari parecem confirmá-lo), podendo também estar associado à função de *receptáculo* do espírito, assim como várias figurinhas que aparecem em contexto arqueológico da Pré-História Europeia, feitas em terracota, osso ou âmbar (Lamas, 2000, p.27 – 28). Possível indicação da existência de xamãs nas sociedades neolíticas será o enterramento de Hilazon Tachtí na Galileia<sup>6</sup> (Grosman *et alii*, 2008). “*O Xamã é o grande especialista da alma humana; só ele a vê, pois conhece a sua forma e o seu destino*” (Eliade, 2002, p. 20).



Fot. 81 Representação gráfica do enterramento da possível *xamã*. No enterramento foram depositados carapaças de tartaruga, conchas de bivalves e ossos de asas de aves. Segundo as indicações das investigadoras Leore Grosman e Nathalie Munro, a cova onde a mulher foi enterrada, teria sido frequentemente aberta várias vezes para prováveis manifestações de carácter religioso. Data do período

Natufiense (cerca de 12.000 a.C., sendo o período que estará na origem do que se designa de PPNB (Neolítico Antigo do Levante acerâmico) (Grosman e Munro, 2010; 2016).

Dos resultados obtidos, neste trabalho, a primeira evidência que se destaca o aumento da quantidade de casos descritos. E a sua variação quanto a métodos e ao resultado final da intervenção. A diversidade de locais onde os restos osteológicos humanos foram encontrados também é bastante ampla e de relevância, uma vez que existem diferenças assinaláveis nos diferentes crânios encontrados conforme o sítio arqueológico de onde provêm.

Conforme já anteriormente referido, um dos crânios trepanados de cronologia mais recuada, é proveniente do concheiro da Moita do Sebastião, observando-se marca clara daquela acção. Para além da intervenção, nota-se, no frontal, depressão que poderá ter sido provocado por golpe contundente, podendo a intervenção ter estado relacionada com este trauma. É um dos casos onde se registou sobrevivência ao procedimento, sendo dos mais divulgados e tido como um dos mais antigos da Europa (Crubézy *et alii*, 2001). No entanto, Telles Antunes, em trabalho publicado em 2009 (Antunes, 2009, pp.117 – 131) dá a conhecer fotografias de crânio de indivíduo do sexo feminino proveniente da Moita do Sebastião (Ferenbach, 1974, p.26; Antunes, 2009, p.125), vendo-se claramente as marcas características de intervenção por trepanação (Antunes, 2009, fig.13, p.128). O crânio identificado com o número 12 é procedente das escavações levadas a cabo por Jean Roche e Octávio da Veiga Ferreira, na década de 50. São no entanto os exemplares exumados no concheiro do Cabeço da Arruda, na mesma época pelos investigadores referidos, que levantam mais questões e se apresentam como intrigantes.

Das datações para a Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda, as cronologias obtidas através do <sup>14</sup>C mostram resultados consentâneos com o Mesolítico, sendo aquele primeiro o local que detém as datações mais recuadas, TO-134: 7160±80 (Lubell *et alii*, 1994, p.203) e o Cabeço da Arruda com datas nos alvares do Neolítico Antigo, TO-356: 6360±80 (Lubell *et alii*, 1994, p.203). Poderá estar aqui parte da resposta para o caso específico deste mesmo concheiro.

O crânio que apresenta maior problemática é o que aparece com desenho a ocre, raiado, no parietal esquerdo. Ora, o tipo de motivo que o referido crânio ostenta (para além de ser defendido neste trabalho de que o mesmo teria servido como “taça”) encontra-se presente na arte rupestre do Vale do Tejo, mas de cronologia mais recente que o Mesolítico ao qual terá pertencido a calote.

Datada do Neolítico Antigo, a necrópole de contexto cársico da Furninha (Peniche) é um dos locais centrais para a compreensão do período na Estremadura

(Cardoso e Carvalho, 2011, p. 386). A Gruta do Lugar do Canto situa-se num outro momento, consentâneo com o Neolítico Médio (Ferreira *et alii*, 1987, pp. 53-58; Cardoso e Carvalho, 2008, pp. 268 – 269). Em ambos locais mencionados, deparamos com diferentes tipos de manipulações. Da cavidade de Peniche procede a primeira evidência de manipulação craniana, descoberta no actual território, por Néry Delgado (Delgado, 1884; Cardoso e Soares, 1995; Cardoso e Carvalho, 2011). O fragmento de osso craniano tem marca inegável de intervenção e poderá ter sido afeiçãoado *a posteriori*, de forma a ficar só com a parte do osso onde a trepanação foi efectuada. Na Gruta do Lugar do Canto, além de ser a necrópole em cavidade cársica onde apareceu o maior número de crânios com indícios de trepanação, também em alguns dos ossos longos analisados foi possível identificar marcas de corte e de possível descarnação.

Do Algar do Bom Santo (Estremadura), apresentando ocupação inserível no Neolítico Médio e escavada por Cidália Duarte e José Arnaud (Duarte, 1998; Carvalho, 2007; 2012), procedem três calotes com indícios de intervenção por trepanação e possível intervenção em *T – sincipital*. Não são intervenções “*padrão*” e demonstram abordagem diferenciada. Havia indícios de individualização nos sepultamentos e possível utilização de materiais de origem orgânica que teriam envolvido os defuntos.

Juntam-se às grutas anteriormente citadas, as da Feteira e a Casa da Moura formando um quase “*cluster*” de tumulações subterrâneas que devido às características geológicas da área litoral-centro da Estremadura, possibilitou a formação de cavidades cársticas e, por outros motivos, os campos de lapiás. Um dos crânios com marcas inegáveis de intervenção, proveniente da Gruta da Casa da Moura, foi radiografado por Barbosa Sueiro, que confirmou a realização da trepanação (Sueiro, 1933).

Na Gruta da Feteira, intervencionada em 1981 por João Zilhão (Zilhão, 1984), foi possível identificar aquela que seria a primeira confirmação de máscara realizada a partir de osso facial humano, além dos fragmentos de osso craniano humano com indícios de trepanação (ver figs 63 e 64 neste trabalho), que encimava possível deposição ritual composta por ossos humanos longos (Zilhão, 1984). Existem dois outros exemplos de máscaras faciais provenientes de diferentes contextos. Falamos do Algar do Poço Velho em Cascais, onde foi utilizado crânio que pertenceu a indivíduo juvenil e a intervenção, não concluída, procedente da zona de Pragança (Cadaval), mais especificamente de Vale Covo (neste caso surge a particularidade de ter sido possível associar lâmina de sílex aos cortes feitos na referida calote). Posterior ao elaborar deste trabalho, durante pesquisa ao espólio osteológico em depósito no Museu Nacional de

Arqueologia, da Gruta do Escoural, procedente das escavações efectuadas por Farinha dos Santos nos anos 60, foi possível identificar máscara facial craniana, em tudo idêntica às provenientes da Gruta da Feteira e do Algar do Poço Velho.

A pesquisa bibliográfica realizada de forma a enquadrar as máscaras feitas a partir de ossos humanos faciais permitiu a comparação com artefactos encontrados no Norte de África, no caso concreto na Argélia, em Faïd Souar<sup>7</sup>. A máscara proveniente da Argélia, de provável carácter *cultural*, pertence à Cultura Capsiense, datada de entre 9.500 – 5.500 anos A.C. (Aoudia-Chouakri, 2009, p.31), assemelhando-se o contexto onde foi encontrada ao da Gruta da Feteira – ambiente de necrópole em cavidade subterrânea. Também a máscara de Faïd Souar encimava uma deposição de vários ossos humanos inumados. A semelhança entre as máscaras do Algar do Poço Velho e da Gruta da Feteira, com a proveniente da Argélia é evidente, mas a norte-africana é mais antiga, inserindo-se nos respectivos contextos culturais de Neolítico Antigo de ambos os territórios. Dispomos, assim, de dois exemplares confirmados de máscaras para o território português, além de um possível e uma tentativa de realização de outra máscara, provenientes de contexto de necrópoles cársicas neolíticas, sendo dois do género feminino, um masculino e um de não-adulto. Refira-se que existem evidências de utilização de ocre vermelho nas máscaras provenientes da Gruta da Feteira e do Algar do Poço Velho.

No que concerne às pequenas rodela feitas a partir de osso craniano, a quantidade de evidências encontradas até hoje no actual território português é bastante reduzida se compararmos ao número de exemplares exumados em França. Todavia, aquele número poderá aumentar se ficar disponibilizada a informação relativa à Anta II do Olival da Pega, onde, segundo o arqueólogo responsável pela intervenção, terão sido encontrados novos exemplares (Gonçalves, 1999, p.90).

Dos casos registados, um procede de gruta litoral, a sul do Tejo (Lapa do Bugio), com cronologia inserível no Neolítico Final (Gonçalves, 2005, pp.68 – 69), sendo os outros dois provenientes de contexto dolménico alentejano (ainda que de diferentes regiões). As duas rodela similares são provenientes de diversas localizações – Lapa do Bugio em Sesimbra e Anta de Cavaleiros em Avis, tendo a placa (osso frontal de humano afeiçoado) sido recuperada também na Lapa do Bugio, e por último as duas provenientes da Anta I do Olival da Pega, procedentes das escavações levadas a cabo por Georg e Vera Leisner nos anos 50. As rodela de aspecto mais “formal” são similares às procedentes de França, descritas por Barthélemy Prunières (1874, 1876) e

Paul Broca (1876). Se a maioria das rodela francesas dispunham de perfuração de modo a ser possível utilizá-las como pendentas (Mohen, 1998, pp. 94 – 95), o mesmo não se passa nas encontradas em território português, onde só as rodela da Lapa do Bugio e da Anta de Cavaleiros apresentavam indícios de orifícios para suspensão, começados mas não finalizados.

Um dos objectivos do presente trabalho era aprofundar o conhecimento de que se dispunha acerca de casos de trepanação e outras manipulações de ossos cranianos humanos a nível nacional, conseguindo-se aumento do número de casos de crânios com evidências de trepanação, assim como o reportar das máscaras faciais em osso humano. Os motivos que levaram a tal intervenção ou a realização de artefactos tendo por base ossos cranianos, nem sempre são discerníveis numa primeira abordagem, recorrendo-se a teorias e conhecimentos provenientes tanto da Antropologia como da Arqueologia, de forma a construir modelos que possam, de alguma forma, explicar e enquadrar tais práticas.

Dentro das manipulações com ossos cranianos humanos e na intervenção por trepanação, é no parietal esquerdo que se registam a maioria das intervenções, protegendo aquele osso o lobo somatossensorial, responsável pelas sensações e pelos pensamentos mais “*racionais*”.

No total de casos inventariados, a trepanação representa um universo de 62% e dentro destes, nove no parietal direito (14.5% do total de trepanações registadas), sete no parietal esquerdo, representado 11% do total do procedimento, e uma intervenção que abrangeu o topo de ambos os parietais, pressupondo que existiria um conhecimento acerca da localização das diferentes partes que compõem as áreas funcionais do cérebro, sublinhando um mais do que provável carácter magico-religioso das variadas intervenções.

A importância da manipulação de ossos cranianos humanos nas suas mais variadas expressões foi uma constante ao longo da Pré-História Recente de Portugal, período onde se registará o maior número de casos<sup>8</sup>.

*“Tudo o que toca ao esqueleto humano exerce sobre o pré-historiador uma impressão profunda, sendo este o domínio em que o verdadeiro e o falso se confundem com a mais franca indiferença.”*

André Leroi-Gourhan (2007, p.49)

## 1 - Trepanações e manipulações no parietal esquerdo:

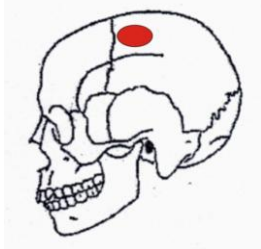


Fig. 3 Gruta do Lagar

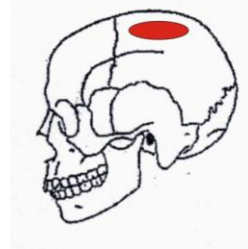


Fig. 4 Gruta da Casa da Moura

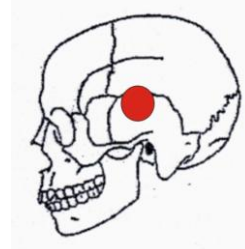


Fig. 5 Gruta do Lugar do Canto 2

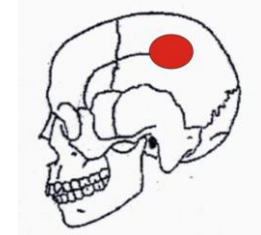


Fig. 6 Gruta do Lugar do Canto 4

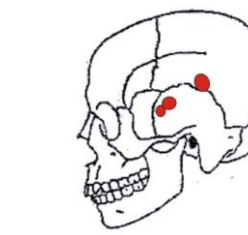


Fig. 7 Algar do Poço Velho

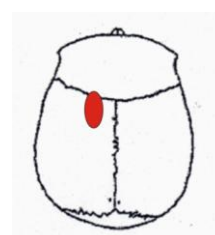


Fig. 8 Gruta da Galinha

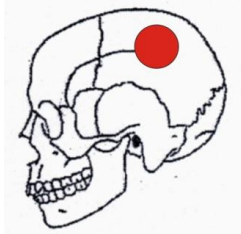


Fig. 9 Gruta da Furninha

## 2 - Trepanações e manipulações no parietal direito:

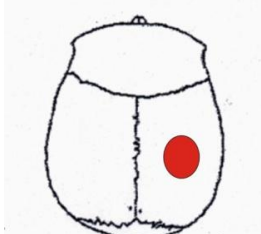


Fig. 10 "Castro" de Pragança

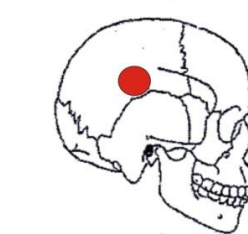


Fig. 11 Gruta da Feteira 2

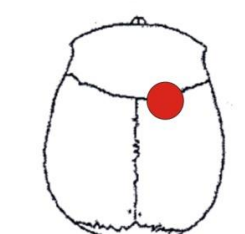


Fig. 12 Gruta da Feteira 3

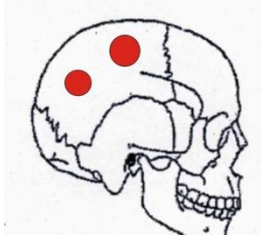


Fig. 13 Gruta do Lugar do Canto 1

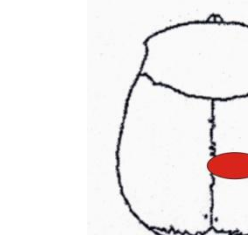


Fig. 14 Gruta do Lugar do Canto 3

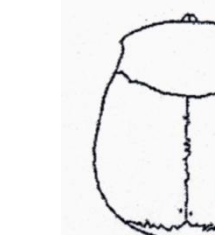


Fig. 15 Hipogeus de S. Paulo 1

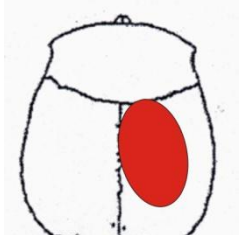


Fig. 16 Hipogeus de S. Pedro

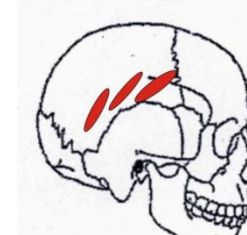


Fig. 17 Praia da Samarra

### 3 - Trepanações e manipulações no frontal:



Fig. 18 Concheiro da Moita do Sebastião

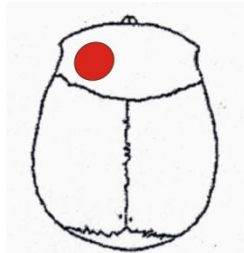


Fig. 19 Algar do Bom Santo 1

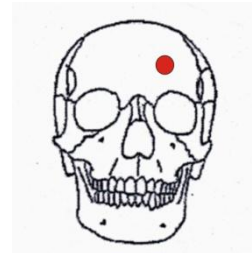


Fig. 20 Covão d'Almeida

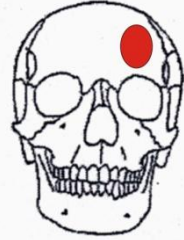


Fig. 21 Gruta das Fontainhas

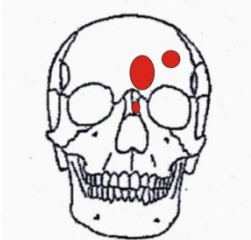


Fig. 22 Lapa do Bugio 3

### 4 - Trepanações e manipulações no temporal esquerdo:

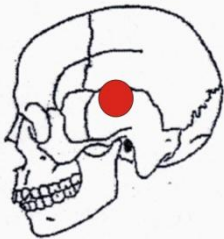


Fig. 23 Gruta do Lugar do Canto 2

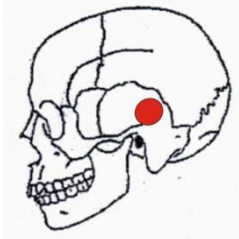


Fig. 24 Algar do Bom Santo 3

### 5 - Trepanações e manipulações na parte superior do crânio:

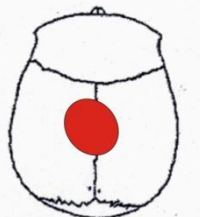


Fig. 25 Algar do Bom Santo 2

## 6 - Trepanações e manipulações múltiplas:

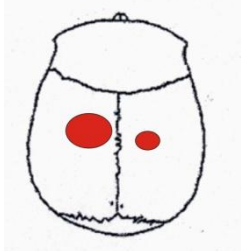


Fig. 26 Gruta das Fontainhas 3

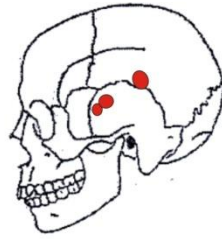


Fig. 27 Algar do Bom Santo 2

## 7 - Cortes e incisões:



Fig. 28 Concheiro do Cabeço da Arruda 1

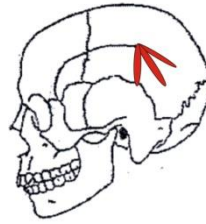


Fig. 29 Concheiro do Cabeço da Arruda 2



Fig. 30 Gruta do Escoural

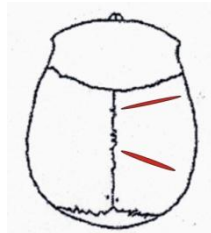


Fig. 31 Anta da Capela de St. Amaro

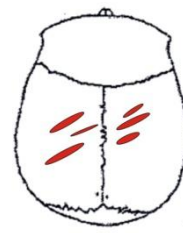


Fig. 32 Anta de Carcavelos

## 8 - Máscaras:

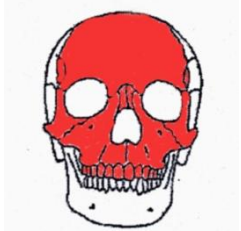


Fig. 33 Gruta da Feteira 1

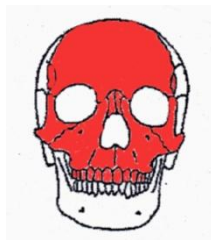


Fig. 34 Algar do Poço Velho

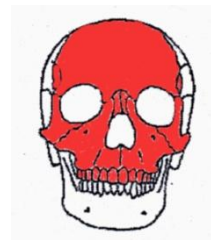


Fig. 35 Gruta do Escoural

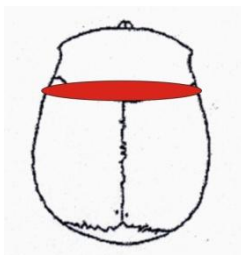


Fig. 36 Vale Covo

## 9 – Desenho a ocre:

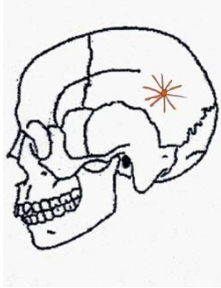


Fig. 37 Concheiro do Cabeço de Arruda 3

## 10 – Rodelas e placa:

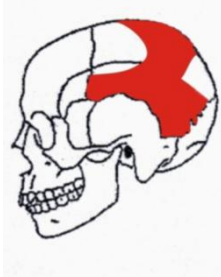


Fig. 38 Covão de José Bruno

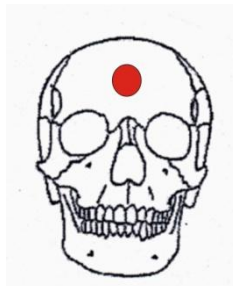


fig. 39 Anta de Cavaleiros

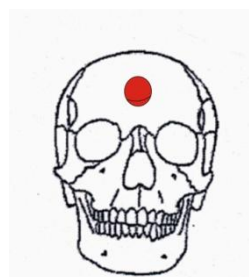


fig. 40 Anta do Olival da Pega 1

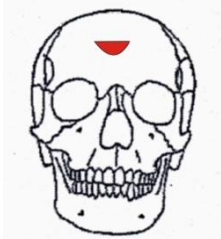


Fig. 41 Anta do Olival da Pega 2

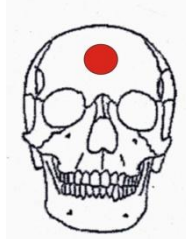


Fig. 42 Lapa do Bugio 1



Fig. 43 Lapa do Bugio



Fig. 44 Gruta do Escoural

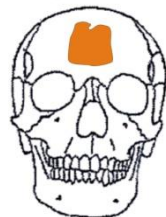
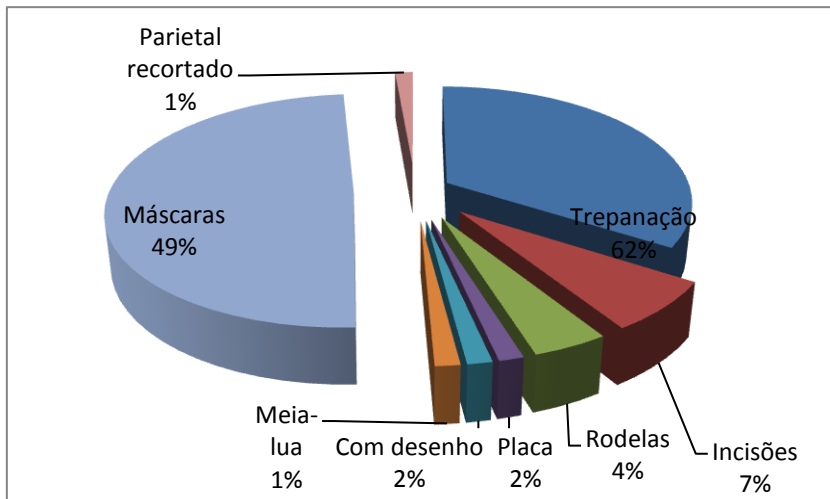


Fig. 45 Gruta do Escoural

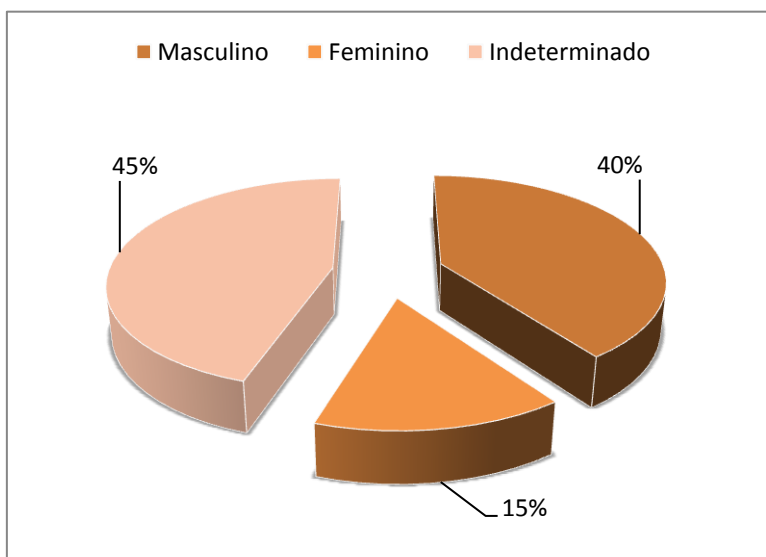
## 11 – Gráficos:

Na elaboração dos dados gráficos contabilizou-se o total de indivíduos e de locais mencionados no estudo. A partir dos dados obtidos elaborou-se assim os gráficos presentes.

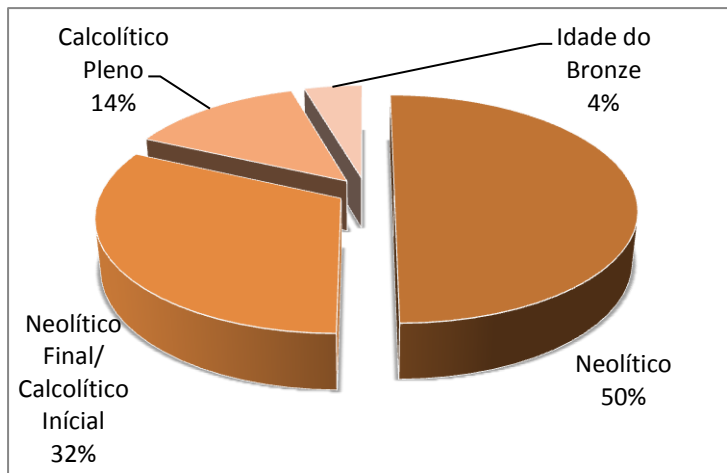
O total de indivíduos estudados foi de quarenta e três, sendo a totalidade de locais de proveniência de vinte e sete.



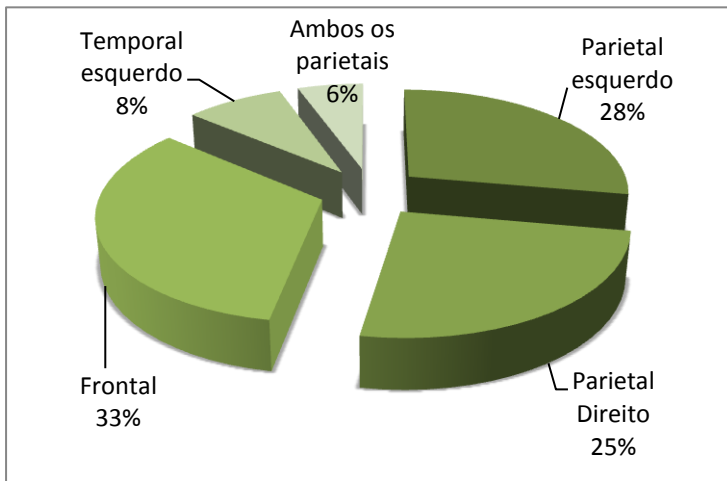
1 - Percentagens das manipulações de ossos cranianos humanos.



2 – Incidência por gênero.



3 – Total inventariado por períodos.



4 – Distribuição das manipulações por ossos.

---

1 – Existe em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, crânio procedente de escavações realizadas por Manuel Heleno em 1948, na designada Necrópole Oeste, em Troia e datada do séc. II/III. O referido crânio pertenceu a indivíduo do sexo feminino e apresenta duas trepanações, ambas com sinais de regeneração sendo que a prática da trepanação era bem conhecida dos cirurgiões romanos. Agora, o que de facto motivo de reflexão, não é o facto de surgir um crânio trepanado de época romana, mas sim este ter sido depositado numa sepultura onde estava inumado esqueleto de indivíduo adolescente e não existia esqueleto pós-craniano que pudesse ser associado ao crânio feminino com a dupla trepanação (Figueiredo, 2002, pp. 147-160).

2- Refira-se o único crânio de indivíduo feminino (com indícios de decapitação e posterior preparação) encontrado na Gruta de Mas-d’Azil, França. O do crânio de indivíduo do género feminino (segundo as indicações de Leroi-Gourhan seria uma *jovem adulta*, Leroi-Gourhan, 2007, pp. 53-57) estava colocado numa espécie de altar, não tinha a mandíbula e colocado dentro das órbitas encontravam-se dois pedaços de osso de rena, afeiçoado. Foi identificado como procedente de nível magdalenense (Leroi-Gourhan, 2007, pp.49-66). O crânio de indivíduo infantil de Rochereil apresenta-se como mais que provável caso de trepanação. Datado de contexto magdalenense (11.255±50 BP, OxA-16932), apresenta orifício circular no frontal sem aparente regeneração (Bertrand *et alii*, 2007, pp. 569 – 579).

3 – Utiliza-se aqui a definição de Neil Price de xamanismo (2001, pp.3-6): “*Shamanism is a belief in spirits or supernatural beings, the existence of other worlds and other planes or states of consciousness.*”.

4 – O coberto vegetal de Portugal Continental durante o Neolítico seria caracterizado por paleoambiente onde predominariam áreas florestais de bosque, alternando com espaços abertos com plantas arbustivas, e clima mais quente e húmido do que o actual. Das análises palinológicas que se conhecem para os períodos Boreal e Atlântico, o coberto vegetal seria composto por bosque de feição atlântica com predominância de *Quercus faginea* e *Quercus coccifera* (carvalho), *Juglans regia* (nogueira), *Betula pendula* (bétula) e junto às linhas de água o *Populus alba* e *Populus tremula* (choupo) (Mateus, 1999; López Sáez, Cruz, 2002, pp. 5-34; 2003, pp. 55-86; López Sáez, Cruz e Gonçalves, 2010, pp. 39-52; Figueiredo *et alii*, 2011; Soares, 2013, pp. 13-55 e pp. 171-196; Diniz, Neves, 2014, pp. 45-58).

5 - Seguimos aqui a definição de ritual de Raymond W. Firth (1951, p.222) no seu “*Elements of Social Organization*”, “[...] *a kind of patterned activity oriented towards the control of human affairs, primarily symbolic in character with a non-empirical referente, and as a rule socially sanctioned*”.

6 – O enterramento descoberto nas Colinas da Galileia e intervencionado por equipa da Universidade Hebraica de Jerusalém colocou a descoberto a inumação de uma mulher de idade avançada e que a equipa de investigadores considerou como sendo xamã. Além do esqueleto da mulher foram encontrados várias carapaças de tartaruga, a asa direita de uma águia-dourada, o crânio de uma marta, a cauda de um auroque, pata dianteira direita de javali e uma perna humana. A mulher apresentava deformação da pélvis, o que lhe dificultaria o andar, provavelmente coxeando. Segundo o arqueólogo Bar-Yosef o achado deste enterramento inserido na Cultura Natufiense providencia um olhar para “*some of the other roots of the Neolithic society*” (Grosman, Munro e Belfer-Cohen, 2008, pp.17665-17669). No que se refere às deformações osteológicas do esqueleto da Galileia, refira-se dois outros esqueletos encontrados na turfeira de Bolkilde, na Dinamarca, que apresentavam sinais de deformações a nível ósseo o que lhes conferiria um aspecto assimétrico, tendo os mesmos sido objecto de cuidados específicos (Bennike *et alii*. 1986, p. 209) à semelhança do proveniente de Hilazon Tachtit.

7 – A máscara de Faïd Souar II na Argélia é enquadrável em contexto de Neolítico Antigo (Vallois, 1971, p. 99, fig. 1; Aoudia-Choukri, Bocquentin, 2009, p. 172, fig.1), enquanto a proveniente do túmulo de Isbister – “*Tomb of Eagles*” – nas Orkney, é do Calcolítico (Hedges, 1983; Hedges, Lapouge, 1990).

8 – Acerca da diversificação de manipulações de crânios humanos em contextos da Pré-História Recente, foi divulgado recentemente o aparecimento de calotes (entre elas, o de uma criança) depositadas em vala que rodeava o povoado dos Perdigões, com datação de <sup>14</sup>C de 2600 a 2200 a.C. Os crânios terão sido cortados de forma a ficar em calote e depois sujeitos ao fogo, sendo em seguida depositados numa das valas circundantes do povoado. Tal procedimento é até agora caso único para o contexto português. Aguardamos a publicação de monografia para maior detalhe acerca deste achado (Valera, 2015).

## Capítulo VI

## Conclusões

A realização de trepanação foi algo de carácter transversal na Pré-História e Proto-História, chegando à Idade Clássica. Tem-se conhecimento desse procedimento no Egipto Pré-Dinástico, nas civilizações do vale do Indo e Mesopotâmia. Na Grécia era prática divulgada assim como em Período Romano. Além da trepanação existe toda uma outra panóplia de acções na qual o crânio humano desempenhou funções várias e que implicaram a sua manipulação.

A abordagem para caracterização da ideia de *ritual* (Jorge, 2012, p. 25 - 26), foi enquadrada por conhecimentos adquiridos através de materialidades provenientes do registo arqueológico e *enformada* em conceitos transpostos da antropologia, de forma a construir uma hipótese científica válida. “Desde que as sociedades desaparecidas tenham sido compostas de elementos de que possuamos sobrevivências, a sua reconstrução teórica, pelo menos parcial, é possível.” (Moberg, 1980, p. 314).

Segundo Richard Bradley (Bradley, 2005, p. 39), existirão sempre áreas “cinzentas” no que respeita a rituais e actividade simbólica. Não sendo possível afirmar que o que levou à trepanação resulte apenas de uma actividade “xamanística” ou de *medecine-man*, também não existem argumentos que o contradigam. O trepanar estaria inserido num conjunto de acções específicas que seriam *desempenhadas* por alguém com características especiais ou como rito de acesso a um outro nível de conhecimento. De facto, do que resulta da análise patológica dos crânios, só com uma abordagem holística é que se pode extrapolar explicações, pois apenas uma ínfima percentagem mostra ter existido possível razão terapêutica que justificasse a intervenção. A trepanação teria, pois, carácter sócio-religioso revestindo-se tal *acto* de grande carga simbólica (Bradley, 2005; Insoll, 2001; 2004).

Parece evidente que a prática de utilizar o crânio humano como objecto ritual, sujeito a intervenções diversas e consequente utilização de ossos cranianos, é algo subjacente a “*maneira de pensar*” agregada à “*explosão do simbólico*”, que Jacques Cauvin refere (1997), adquirindo um *outro fôlego* a partir do processo de neolitização iniciado no Próximo Oriente (Kenyon, 1957; Cauvin, 1997; Özdoğan, 1998), sendo durante esse período que podemos encontrar maior expressividade de uso e manipulação de ossos cranianos humanos, ou seja, quando o *processo de neolitização* começa a difundir-se (Zilhão, 1992; 1993; 2000).

Como se mencionou anteriormente, existem casos do uso ritual e manipulação de crânios humanos ou de ossos cranianos datados do Paleolítico e do Mesolítico (Crubézy *et alii*, 2001), mas, o *crânio* como motivo cultural ou base incidente de uma prática religiosa terá a sua génese com a expansão das sociedades produtoras de alimentos.

As manipulações e trepanações presentes no contexto Pré-História Recente do actual território português são bastante diversificadas, sendo passíveis de várias interpretações nos diversificados contextos, provindo a sua maioria da faixa litoral da actual Estremadura de necrópoles cársicas, que pontuam essa região.

A trepanação foi, sem dúvida, a mais recorrente das práticas sócio-religiosas relativa às manipulações cranianas, tanto em vida como *post-mortem*.

Todavia, as rodelas e placas cranianas não deixaram de ser conhecidas, igualmente em contextos rituais de cariz funerário. As máscaras cranianas agora identificadas, a que se junta a descoberta na Gruta da Feteira (Zilhão, 1988), assinalam um tema quase desconhecido, mas certamente de grande significado simbólico, da nossa Pré-História Recente. E, uma das conclusões que mais surpreende é o facto de a maioria dos casos registados ter ocorrido em indivíduos do sexo feminino, sendo que no caso das *máscaras*, em quatro, três foram realizadas a partir de crânios de mulheres, todos eles provenientes de contexto cársico natural. Já as rodelas e placas de osso craniano humano, a sua localização dividem-se entre grutas naturais e dólmenes.

A manipulação de ossos cranianos humanos deverá ter sido elemento preponderante nas práticas rituais do Neolítico e Calcolítico Inicial, perdurando indícios desse acto até à Idade do Bronze como foi possível comprovar.

Tentou-se reunir as ocorrências de manipulações cranianas, atribuindo-lhes contexto cultural e sócio-religioso, assim como levantar questões em torno da sua existência, não se deixando de, pelo menos, alcançar algumas respostas. Estamos certos que o trabalho que iniciámos poderá ser desenvolvido e alcançarem-se mais conhecimentos acerca desta estimulante questão.

## **Bibliografia**

- Aberg, Nils (1921): *La Civilisation Énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Akademiska Bokhandeln. Uppsala.
- Ascádi, Györggyel; Nemeskéri, Janos (1970): *History of Human Life Span and Mortality*. Akadémiai Kiádo. Budapest.
- Almeida, Fernando de; Ferreira, Octávio da Veiga (1959): Estação pré-histórica das Lapas – Antiguidades de Torres Novas – 2ª parte. *Revista de Guimarães*, Vol. 69, 3 – 4, pp. 501 – 510.
- Ammerman, Albert J.; Cavalli-Sforza, Luigi Luca (1984): *The Neolithic Transition and the Genetics of Populations in Europe*. Princeton University Press. Princeton.
- Antunes, Miguel Telles (2009): Violence and death rituals among Mesolithic men from Muge (Portugal): evidence from Moita do Sebastião. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 117 – 131.
- Antunes, Ana Sofia (2009): Práticas rituais no Bronze do Sudoeste – alguns dados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 433 – 456.
- Antunes, Miguel Telles e Cunha, A. Santinho (1993): Violência, rituais e morte entre os “bons selvagens” de Muge. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Ciências*, 321, pp. 197 – 239.
- Antunes-Ferreira, Nathalie (2005): *Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Trabalhos de Arqueologia 40. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Aoudia-Chouakri, Louiza (2009): Le Crâne Modifié de Faïd Souar II: Chirurgie Compensatrice ou Rituel? Culture Capsienne, Algérie-Tunisie: Xème-Vème Millénaire avant J.-C. *Décrypter la différence : lecture archéologique et historique de la place des personnes handicapées dans les communautés du passé*, pp. 31 – 31. Institut National de Recherches Archéologiques Préventives. Paris.
- Aoudia-Chouakri, Louiza; Bocquentin, Fanny (2008): Le crâne modifié et surmodelé de Faïd Souar II (Capsien, Algérie). Masque, trophée ou rite funéraire? *Cahier des thèmes transversaux ArScAn*, Vol. IX, pp. 171 – 178.
- Apolinário, Maximiano (1897): Grutas do Furadouro. *O Archeologo Português*, Série 1, Vol. III, pp. 86 – 95.

- Araújo, Ana Cristina (2003): O Mesolítico Inicial da Estremadura. *Muita gente, poucas antas?*, pp. 101 – 114. *Trabalhos de Arqueologia* 25. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Araújo, Ana Cristina (2011): *O concheiro de Toledo no contexto do Mesolítico Inicial do litoral da Estremadura*. *Trabalhos de Arqueologia* 51. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.
- Araújo, Ana Cristina; Lejeune, Marylise (1995): *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*. *Trabalhos de Arqueologia* 8. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Araújo, Ana Cristina; Zilhão, João (1991): *Estudos Arqueológicos do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*. *Estudos* 8. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.
- Arnaud, José Eduardo Morais (1978): O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas. *Actas das III Jornadas Arqueologia*, pp. 99 – 112.
- Arnaud, José Eduardo Morais (1987): Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e Sado: semelhanças e dissemelhanças. *Arqueologia* 15, pp. 53 – 64.
- Arnaud, José Eduardo Morais; Jorge, Vítor de Oliveira; Oliveira, Vasco Salgado de (1971): O povoado fortificado neo e eneolítico do Penedo de Lexim (Mafra). Campanha preliminar de escavações. *O Arqueólogo Português*, Série III., Vol. V, pp. 97 – 132.
- Arnott, Robert; Finger, Stanley (eds.) (2003): *Trepanation: History, Discovery and Theory*. Sweets and Zeitlinger. Lisse.
- Assunção, Ana Paula; Oliveira, Ana Cristina; Silva, Ana Raquel; Estêvão, Florbela; Antunes-Ferreira, Nathalie (2005): *À descoberta de uma Anta*. Câmara Municipal de Loures. Loures.
- Bar-Yosef, Ofer (1990): *The PPNA in the Levant*. *Paléorient*. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- Bar-Yosef, Ofer (1998): The Natufian Culture in the Levant, Threshold to the Origins of Agriculture. *Evolutionary Anthropology*, Vol. 6, 5, pp. 159 – 177.
- Bar-Yosef, Ofer; Bocquet-Appel, Jean-Pierre (2008): *The Neolithic Demographic Transition and its Consequences*. Springer. Cambridge.

- Baud, Charles-A. (1959): Description d'un crâne néolithique à trépanation de la région orbitaire (Barmaz II, Collmbay-Muraz, Valais, Suisse). *Archéologie Suisse*, 24, pp. 1 – 17.
- Baud, Charles-A.; Kramar, Christiane (1990): Les calcifications biologiques en archéologie. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* (Nouvelle Série), Tome 2, fascicule 3 – 4, pp. 163 – 169.
- Bienert, Hans Dieter (1991): Skull Cult in the Prehistoric Near East. *Journal of Prehistoric Religion* 5, pp.9 – 23.
- Bergounioux, Frederic Marie (1962): *Social Life of Early Man*. Routledge, London.
- Bicho, Nuno Ferreira (2000): O processo de neolitização na Costa Sudoeste. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, vol. 3, pp. 11 - 22. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Bicho, Nuno Ferreira (2009): Sistemas de povoamento, subsistência e relações sociais dos últimos caçadores-recolectores do Vale do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17, pp.133 – 156.
- Bicho, Nuno F., Cascalheira, João, Marreiros, João (2012): Chronology of the Mesolithic occupation of the Muge valley, central Portugal: the case of Cabeço da Amoreira. *Quaternary International*, Vol. 308 – 309, pp. 130 – 139.
- Binford, Lewis R (2005): *Em busca do Passado*. Europa-América. Lisboa.
- Blanc, Alberto Carlo (1962): *Some evidence for the ideologies of Early Man*. *Social Life of Early Man*, pp. 119 – 136. Routledge. London.
- Boaventura, Rui; Ferreira, Maria Teresa; Neves, Maria João; Silva, Ana Maria (2014): Funerary Practices and Anthropology during Middle-Late Neolithic (4th and 3rd millenia BCE) in Portugal: Old Bones, New Insights. *Anthropologie*, II/2, pp. 183 – 205.
- Boaventura, Rui; Ferreira, Maria Teresa; Silva, Ana Maria; Marques, Rui (2012): Skeletal evidence of interpersonal violence from Portuguese Late Neolithic collective burials: an overview. *Sticks, Stones, and Broken Bones: Neolithic Violence in a European Perspective*, pp. 317 – 340. Oxford University Press. Oxford.
- Bocquet-Appel, Jean-Pierre; Bar-Yosef, Ofer (2008): *The Neolithic Demographic Transition and its Consequences*. Springer. New York.

- Bonsall, Clive; Radovanović, Ivana; Roksandic, Mirjana; Cook, Gordon; Higham, Thomas; Pickard, Catriona (2008): Dating burial practices and architecture at Lepenski Vir. *The Iron Gates in Prehistory: New perspectives. BAR International Series 1873*, pp. 175 – 204.
- Boulestin, Bruno; Zeeb-Lanz, Andrea; Jeunesse, Christian; Haack, Fabian; Arbogast, Rose-Marie; Denaire, Anthony (2009): Mass Cannibalism in the Linear Pottery Culture at Herxheim. *Antiquity*, Vol. 83, 322, pp. 968 – 982.
- Bradley, Richard (2002): *The Past in Prehistoric Societies*. Routledge. London.
- Bradley, Richard (2005): *Ritual and domestic life in Prehistoric Europe*. Routledge. London.
- Braguier, Séverine (1999): La faune du Rocher à Villedoux (Charente-Maritime) et de Champ-Durand à Nieul-sur-l'Autize (Vendée). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome 96, 3, pp. 409 – 418.
- Branco, Maria Gertrudes Azinheira (2007): *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da Colecção Hipólito Cabaço*. Trabalhos de Arqueologia 49. Instituto Português de Património. Lisboa.
- Breasted, James Henry (1999): *The Edwin Smith Surgical Papyrus*, Vol. 1. Oriental Institute. The University of Chicago Press. Chicago.
- Brickley, Megan; Mckinley, Jacqueline (2004): *Guidelines to the standard for recording human remains*. University of Southampton. Southampton.
- Broca, Peter Paul (1873): Sur les crânes de la caverne de l'Homme-Mort (Lozère). *Revue d'Anthropologie*, Vol. 1, Tome 2, pp.1 – 53.
- Broca, Peter Paul (1874): Sur les trépanations préhistoriques. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 9, pp.542 – 557.
- Broca, Peter Paul (1875a): Instructions Craniologiques et Craniométriques de la Société d'Anthropologie de Paris. *Mémoires de la Société d'Anthropologie*, Série 2, Tome 2, pp. 5 – 121.
- Broca, Peter Paul (1875b): Sur les instructions craniométriques. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 10, pp. 377 – 380.
- Broca, Peter Paul (1875c): Instructions craniométriques. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 10, pp. 429 – 435.

- Broca, Peter Paul (1876a): Sur les trépanations préhistoriques. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 11, pp.236 – 256.
- Broca, Peter Paul (1876b): Prétendues amulettes crânienne. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 11, pp. 461 – 463.
- Broca, Peter Paul (1876c): Sur les trépanations préhistoriques. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 11, pp.431 – 440.
- Broca, Peter Paul (1876d): Sur l'âge des sujets soumis à la trépanation chirurgicale néolithique. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 2, Tome 11, pp.572 – 576.
- Broca, Peter Paul (1879): Instructions générales pour les recherches anthropologiques. *Bulletins de la Société d'anthropologie de Paris*, Série 3, Tome 2, p. 127.
- Brothwell, Don R. (1981): *Digging up Bones; the Excavation, Treatment and Study of Human Skeletal Remains*. Cornell University Press.
- Buikstra, Jane E. (2006): *Bioarchaeology: The Contextual Analysis of Human Remains*. Arizona State Museum. Arizona.
- Buikstra, Jane; Ubelaker, Douglas H. (ed.) (1994): *Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains*. Museum of National History. Arkansas.
- França, J. Camarate; Ferreira, Octávio da Veiga (1958): Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 39, p. 61 – 86.
- Campillo, Domènec (2007): *La Trepanación Prehistórica*. Bellaterra. Barcelona.
- Campillo, Domènec (2004): *Antropología Física para Arqueólogos*. Ariel Prehistoria. Barcelona.
- Campillo, Domènec (2011): La Trepanación Prehistórica en la Península Ibérica. *Actas del X Congreso Nacional de Paleopatología – Paleopatología: ciencia multidisciplinar*, pp. 1 – 24.
- Cardoso, João Luís (1992): A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, Vol. IX-X, pp. 89 – 225.
- Cardoso, João Luís (1995): Símbolos sexuais do povoado Pré-Histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, pp. 251 – 261.

- Cardoso, João Luís (1997): As grutas, os grandes mamíferos e o homem paleolítico: Uma aproximação integrada ao território português. *Estudos do Quaternário 1*, pp. 13 – 23.
- Cardoso, João Luís (2007): *Pré-História de Portugal*, pp. 132 – 243; pp. 281 – 302. Verbo. Lisboa.
- Cardoso, João Luís; Carvalho, António Faustino (2008): A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, pp. 269 – 300.
- Cardoso, João Luís; Carvalho, António Faustino (2011a): A Gruta da Furninha: Estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, pp. 333 – 392.
- Cardoso, João Luís; Carvalho, António Faustino (2011b): A cronologia absoluta das ocupações funerárias da Gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, pp. 393 – 405.
- Cardoso, João Luís; Guerreiro, António (2002): Presença do género *Conus* sp. no Neolítico ou Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 10, pp. 363 – 373.
- Cardoso, João Luís; Soares, António Monge (1995): Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Almadan* 4, Série 2, pp. 10 – 13.
- Cartailhac, Émile (1886): *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald. Paris.
- Cardoso, João Luís; Tavares, Maria José Ferro; Tavares, António Augusto (eds.) (2004): Evolução Geohistórica do Litoral Português e Fenómenos Correlativos. *Actas*. Universidade Aberta. Lisboa.
- Carvalho, António Faustino (2003): O Neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case study da neolitização da Média e Alta Estremadura. Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia 25. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Carvalho, António Faustino (2007a): Algar do Bom Santo: A research Project on the Neolithic Populations of Portuguese Estremadura (6th-4th Millenia BC). *Promontoria Monográfica*, 5.

- Carvalho, António Faustino (2007b): A Neolitização do Portugal Meridional no contexto Mediterrâneo Ocidental do VI milénio A.C. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, pp. 47 – 77.
- Carvalho, António Faustino (2008): A Neolitização do Portugal Meridional. *Promontoria Monográfica*, 12.
- Carvalho, António Faustino (2009): O final do Neolítico e as origens da produção laminar calcolítica na Estremadura Portuguesa; os dados da gruta-necrópole do Algar do Bom Santo. *Les grands fulles de silex – Europa al final de la Prehistòria. Actes*, pp. 61 – 67.
- Carvalho, António Faustino (2009): O Mesolítico Final em Portugal. El Mesolítico Geométrico en la Península Ibérica. *Monografias Arqueológicas*, 44, pp. 33 – 68.
- Carvalho, António Faustino (2012): Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal. *Promontoria Monográfica*, 17.
- Carvalho, António Faustino; Antunes-Ferreira, Nathalie; Valente, Maria João (2003): A gruta-necrópole do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 6, 1, pp. 101 – 120.
- Carvalho, António Faustino; Gonçalves, David; Granja, Raquel; Petchey, Fiona (2012): Algar do Bom Santo: A middle Neolithic necropolis in Portuguese Estremadura. *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic*, pp. 77 – 90. *BAR International Series 2417*.
- Carvalho, António Gonçalves de (1989): Para a história da arqueologia em Portugal. *O livro de visitantes da Junta de Turismo de Cascais*. Arquivo de Cascais 8.
- Carvalho, António Gonçalves de (1991): Arqueólogos e investigação arqueológica em Cascais entre 1940 e 1960. *Actas da 4ª Jornadas Arqueológicas*, pp. 267 – 275.
- Cavalli-Sforza, Luigi Luca (2003): Returning to the Neolithic transition in Europe. *The Widening Harvest – The Neolithic Transition in Europe: Looking Back, Looking Forward*, pp. 297 – 313. Archaeological Institute of America.
- Castelo-Branco, Fernando (1962): Pragança teria sido um castro? *O Arqueólogo Português*, Série II. Vol. 4, pp. 303 – 307.
- Cauvin, Jacques (1999): *Nascimento das Divindades Nascimento da Agricultura*. Instituto Piaget. Lisboa.

- Cayotte, M. Jacques (1977): La Médecine aux Temps Préhistoriques. *Mémoires de l'Académie Nationale de Metz*, pp. 285 – 304.
- Chapman, Robert; Kinnes, Ian; Randborg, Klaus (1981): *The Archaeology of Death*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Chauvet, Dorian; Sainte-Rose, C.; Boch, A.-L. (2010): Le mystère des trépanations préhistoriques: la neurochirurgie serait-elle le plus vieux métier du monde? *Neurochirurgie* 56, pp. 420 – 425.
- Childe, Vere Gordon (1969): *A Aurora da Civilização Europeia*, pp. 356 – 382; pp. 446 – 48. Portugália Editora. Lisboa.
- Childe, Vere Gordon (1978): *A Evolução Cultural do Homem*, pp. 77 – 110. Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- Choffat, Paul (1909): Notice nécrologique sur J. F. Nery Delgado (1835-1908). *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*, 7, p. 521.
- Clottes, Jean; Lewis-Williams, David (2009): *Los Chamanes de la Prehistoria*. Ariel. Barcelona.
- Cordier, Gérard (2005): Rondelles crâniennes. Une enquête bibliographique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome 102, Vol. 2, pp. 361 – 369.
- Corrêa, A. A. Mendes (1937): *Novos elementos para a cronologia dos concheiros de Muge*. *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, Classe de Ciências I*, pp. 191 – 195. Lisboa.
- Corrêa, A. A. Mendes; Teixeira, Carlos (1949): *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- Costa, F. A. Pereira da (1865): *Da existência do homem em epochas remotas no valle do Tejo*. Comissão Geológica de Portugal. Lisboa.
- Croucher, Karina (2012): *Death and dying in the Neolithic Near East*. Oxford University Press. Oxford.
- Crubezy, Éric; Duday, Henri; Sellier, Pascal; Tillier, Anne-Marie (1990): Avant propos. Paléoanthropologie et archéologie de la mort : un dialogue vivant. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* (Nouvelle Série), Tome 2, fascicule 3 – 4, pp. 5 – 11.

- Crubézy, Éric; Bruzek, Jaroslav; Guilaine, Jean; Cunha, Eugénia; Rougé, Daniel; Jelinek, Jan (2001): The antiquity of cranial surgery in Europe and in the Mediterranean basin. *Earth and Planetary Sciences* 332, pp. 417 – 423.
- Cruz, Ana Rosa (2000): Necrópoles de gruta no contexto da neolitização do Alto Ribatejo. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Vol. 3, p. 61 – 79.
- Cunha, Alberto Xavier da (1956): Contribuição para a antropologia dos povos da cultura campaniforme em Portugal. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa* 5, Vol. 6.
- Damáσιο, António (1994): *O Erro de Descartes. Emoção, Razão, Cérebro Humano*. Europa-América. Lisboa.
- Dastugue, Jean (1959): Un orifice crânien préhistorique. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, Xº Série, Tome 10, fascicule 4, pp. 357 – 363.
- Delgado, Joaquim Filipe Néry da Encarnação (1867): *Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remoto provada pelos estudos das cavernas. Notícia acerca das Grutas da Cesareda*. Typographia da Academia Real das Ciências. Lisboa.
- Delgado, Joaquim Filipe Néry da Encarnação (1884): La grotte de Furninha à Peniche. *Congres International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistoriques. Compte rendu de la neuvième session du Congrès d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques tenue à Lisbonne en 1880*.
- Delpino, Maria A. Fugazzola (2002): La Marmotta. *La ceramice impressa nel Neolitico Antico – Italia e Mediterraneo*. Istituto Poligrafico e Zecca della Stato. Roma, pp. 373 – 395.
- Delpino, Maria A. Fugazzola; Mineo, M. (1995): La piroga neolitica del lago di Bracciano. *Bullettino di Paletnologia Italiana*, Vol. 86, Nuova Serie IV, pp. 197 – 266.
- Dias, J. M. Alveirinho (2004): A história da evolução do litoral português nos últimos vinte milénios. *Evolução Geo-história do Litoral Português e Fenómenos Correlativos*, pp. 157 – 170. Universidade Aberta. Lisboa.
- Diniz, Mariana (2000): Neolitização e megalitismo: arquiteturas do tempo no espaço. Muitas antas, pouca gente? *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, pp. 105 – 116. *Trabalhos de Arqueologia* 16. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.

- Diniz, Mariana (2007): *O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Trabalhos de Arqueologia 48. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Diniz, Mariana (2009): Ainda antes do 4º Milénio a.C.: as práticas simbólicas das comunidades neolíticas, no Ocidente Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 157 – 174.
- Duarte, Cidália (1998): Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.1, 2, pp. 107 – 118.
- Dupras, Tosha L.; Schultz, John J.; Wheeler, Sandra M.; Williams, Lana J. (2006): *Forensic Recovery of Human Remains – Archaeological Approaches*. Taylor and Francis. New York.
- Eliade, Mircea (1989): *Aspectos do Mito*. Edições 70. Lisboa
- Eliade, Mircea (1989): *Origens*. Edições 70. Lisboa.
- Eliade, Mircea (2000): *Mitos, sonhos e mistérios*. Edições 70. Lisboa.
- Eliade, Mircea (2002): *O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. Martins Fontes. São Paulo.
- Eliade, Mircea (2008): *Tratado de História das religiões*. Martins Fonte. São Paulo.
- Eliade, Mircea (2010): *História das Crenças e das Ideias Religiosas – I*. Zahar. Rio de Janeiro.
- Faria, António Machado (1957): *Guia do Museu Arqueológico*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- França, J. Camarate; Ferreira, Octávio da Veiga (1958): Estação Pré-Histórica da Samarra. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XXXIX, pp. 61 – 86.
- Ferembach, Denise (1971): *Techniques anthropologiques. Craniologie*. École Pratique des Hautes Etudes Laboratoire d'Anthropologie Biologique (Laboratoire Broca). Paris.
- Ferembach, Denise (1974): *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Anthropologie)*. Instituto de Alta Cultura. Lisboa.

- Ferembach, Denise, Schwidetzky, I., Stloukal, M., (1980): Recommendations for age and Sex Diagnoses of Skeletons. *Journal of Human Evolution*, Tome 9, pp. 517-549.
- Ferreira, Maria T.; Cunha, Eugénia; Wasterlain, Sofia N. (2008): *Intervenção de Antropologia Biológica - Gruta do Algarinho* (relatório inédito). Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1969): Acerca dos Conhecimentos de Medicina e Cirurgia na Antiguidade. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. III., pp. 119 – 130.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1966): La culture du vase campaniforme au Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 12.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1970): Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. IV, pp. 165 – 173.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1973): Antecedentes pré-históricos dos Castros da Idade do Ferro: os castros da Idade do Cobre em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 22, Série III.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1982): Cavernas com interesse cultural encontradas em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 68, pp. 293 - 294.
- Ferreira, Octávio da Veiga (1982b): *Guia descritivo da sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- Ferreira, Octávio da Veiga; Leitão, M. (1985): *Portugal Pré-Histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo. Europa-América*. Lisboa.
- Figueiredo, Alvaro (2002): A Trepanned Cranium from Troia and the practice of trepanation in the Roman World. *O Arqueólogo Português*, Série IV, Vol. 20, pp 147 - 160. Lisboa.
- Fogelin, Lars (2007): The Archaeology of Religious Ritual. *Annual Review of Anthropology*, 36, pp. 55 – 71.
- Garcia Sánchez, M.; Carrasco Rus, J. (1981): «Cráneo-copa» eneolítico de la cueva de la Carigüela de Pinar (Granada). *Zephyrus*, Vol. 32 - 33, pp. 121 – 131.

- Gimbutas, Marija (1991): *The Civilization of the Goddess*, pp.155 – 219. Harper Collins. New York.
- Glory, Andre; Robert, Romain (1947): Le culte des crânes humains aux époques préhistoriques. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, Série 9, Tome 8, pp. 114 – 133.
- Gomes, Mário Varela (1987): Arte Rupestre do Vale do Tejo. *Arqueologia no Vale do Tejo*, pp.26 – 43. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa.
- Gomes, Mário Varela (1989): Arte rupestre e Contexto Arqueológico. *Almancor* 7, pp. 225 – 269.
- Gomes, Mário Varela, Gomes, Rosa Varela; Santos, Manuel Farinha dos (1993): O Santuário Exterior do Escoural. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, pp. 93 – 108. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- Gomes, Mário Varela (2008): Castelo Belinho (Algarve, Portugal) and the first Southwest Iberian villages. *The Early Neolithic in the Iberian Peninsula: Regional and Transregional components. BAR Internacional Series 1857*, pp. 71 – 78.
- Gomes, Mário Varela (2008): Early Neolithic funerary practices in Castelo Belinho's village (Western Algarve). *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic. BAR Internacional Series 2417*, pp. 113 – 123.
- Gomes, Mário Varela (2015): *The Vale da Telha Necropolis in the context of the Southwest Iberian Bronze Age*, pp. 109 – 132. Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- Gomes, Mário Varela; Paulo, Luís Campos (2003): Sepultura neolítica do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves, Algarve). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2, Vol. 6, pp. 83 – 107.
- Gonçalves, João Ludgero Marques (1990): A investigação arqueológica no concelho do Cadaval (1880-1989). *Revista de Arqueologia* 1, pp. 13 – 24.
- Gonçalves, José Pires (1975): *Roteiro de alguns megálitos da região de Évora*. Câmara Municipal de Évora. Évora.
- Gonçalves, Victor S. (1978): Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*, Vol. 28 – 29, pp. 147 – 162. Salamanca.

- Gonçalves, Victor S. (1978): Sobre o Neolítico na Península de Setúbal – A propósito de duas placas de xisto da Lapa do Bugio. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, pp. 407 – 411. Trabalhos de Arqueologia 14. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Gonçalves, Victor S. (1999): *Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos*, pp. 71 – 111. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa.
- Gonçalves, Victor S. (2003): *Sítios, «Horizontes» e Artefactos*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- Gonçalves, Victor S. (2005): *Cascais há 5000 anos*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- Gonçalves, Victor S. (2008): *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- Gonçalves, Victor S. (2009): Construir para os mortos. Grutas Artificiais e Antas na Península de Lisboa. Algumas leituras prévias. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, pp. 237-260.
- Gonzalez Morales, Manolo; Arnaud, José Eduardo Morais (1990): Recent research on the Mesolithic in the Iberian Peninsula: problems and perspectives. *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Leuven University Press. Leuven.
- Goren, Yuval; Goring-Morris, A. Nigel; Segal, Irena (2001): The Technology of Skull Modelling in the Pre-Pottery Neolithic B (PPNB): Regional Variability, the Relation of Technology and Iconography and their Archaeological Implications. *Journal of Archaeological Science*, 28, pp. 671 – 690.
- Grosman, Leore; Munro, Natalie D.; Belfer-Cohen, Anna (2008): A 12,000-year-old Shaman burial from the Southern Levant (Israel). *Proceedings of the National Academy of Sciences*, Vol. 105, 46, pp. 17665 – 17669.
- Grosman, Leore; Munro, Natalie D.; Belfer-Cohen, Anna (2010): Early evidence (ca. 12,000 B.P.) for feasting at a burial cave in Israel. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, Vol. 107, nº. 35, pp. 15362 – 15366.
- Grosman, Leore; Munro, Natalie D.; Belfer-Cohen, Anna (2016): A Natufian Ritual Event. *Current Anthropology*, Vol. 57, 3, pp. 287 – 310.
- Guiard, Emile (1930): *La Trépanation crânienne chez les néolithiques et chez les primitifs modernes*. Masson Editeurs. Paris.

- Guilaine, Jean; Ferreira, Octávio da Veiga (1970): Le Neolithique Ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome 67, Vol. 1, pp. 304 – 322.
- Guilaine, Jean; Zammit, Jean (2005): *The origins of war: violence in Prehistory*. Blackwell Publishing. Oxford.
- Heleno, Manuel (1956): Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*, Série II, Vol. III, pp. 221 – 237.
- Hillier, Maria; Boaventura, Rui; Antunes-Ferreira, Nathalie; Estevão, Florbela (2009): Cutmarks on human remains from the Dolmen of Carcavelos. *Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo*, pp. 257 - 267.
- Hodder, Ian (1982): *Symbols in Action: ethnoarchaeological studies for material culture*, pp. 195 – 201. Cambridge University Press.
- Hodder, Ian (1990): *The domestication of Europe: structure and contingency in Neolithic societies*. Blackwell. London.
- Hodder, Ian (2006): *The Leopard's Tale. Revealing the mysteries of Çatalhöyük*. Thames and Hudson. London.
- Hodder, Ian (2014): *Religion at work in a Neolithic Society*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Hunter, John; Cox, Margret (2005): *Forensic Archaeology – Advances in Theory and Practice*. Routledge. Oxford.
- Insoll, Timothy (2001): *Archaeology and World Religion*. Routledge, London.
- Insoll, Timothy (2005): *Archaeology, Ritual, Religion*. Routledge, London.
- Insoll, Timothy (2011): *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford University Press, Oxford.
- Isidoro, A. Farinha (1963): A Lapa do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 1.
- Isidoro, A. Farinha (1964): Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 3 – 4, pp. 221 – 234.
- Isidoro, A. Farinha (1968): Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XX, fasc. 3 – 4, pp. 347 – 355.

Isidoro, A. Farinha (1981): Espólio ósseo da gruta neolítica do Escoural. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XXIV, fasc. 1, pp. 5 – 57.

Jackes, Mary (2004): Osteological evidence for Mesolithic and Neolithic violence: Problems of interpretation. *Violent Interactions in the Mesolithic. BAR International Series 1237*, pp. 23 – 40.

Jackes, Mary; Lubell, David (1992): *The early Neolithic remains from Gruta do Caldeirão. Gruta do Caldeirão: O Neolítico Antigo*. *Trabalhos de Arqueologia* 6, pp. 259 – 295. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.

Jackes, Mary; Lubell, David; Meiklejohn, Christopher (1997): Healthy but mortal: Human biology and the first farmers of Western Europe. *Antiquity*, Vol. 71, 273, pp. 639 – 658.

Jamet, Emmanuel (2006): Le Néolithique: âge d’or de la trépanation. Les maux de nos ancêtres, *Dossier Pour la Science* 50.

Jeunesse, Christian (2012): Ofnet et les dépôts de têtes dans le Mésolithique du Sud-Ouest de l’Allemagne. *Crânes trophées, crânes d’ancêtres et autres pratiques autour de la tête: problèmes d’interprétation en archéologie. BAR International Series 2415*, pp. 69 – 75.

Jiménez Brobeil, Sylvia Alejandra (2009): Rituales funerarios neolíticos en la Alta Andalucía. Estado actual de la cuestión. *Zephyrus*, Vol. 43, pp. 125 – 130.

Jorge, Susana Oliveira (2011): Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos, pp. 81 – 101 *Nova História de Portugal – Portugal, Das Origens à Romanização*. Presença. Lisboa.

Jorge, Susana Oliveira (2011): A consolidação do sistema agro-pastoril, pp. 102 – 162. *Nova História de Portugal – Portugal, Das Origens à Romanização*. Presença. Lisboa.

Jorge, Susana Oliveira (2012): Pensar a Arqueologia do Ritual. *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*, pp. 25 – 32. *Trabalhos de Arqueologia* 54. Direcção Geral do Património Cultural. Lisboa.

Kanjou, Youssef (2013): Early Human Decapitation. *International Journal of Osteoarchaeology*, Vol. 25, 5, pp. 743 – 752.

Keeley, Lawrence H. (1996): *War before civilisation*, pp. 127 - 134. Oxford University Press. Oxford.

Kenyon, Kathleen (1957): *Digging Up Jericho*. Ernest Benn. London.

- Key, C. A.; Aiello, L. C.; Molleson, T. (1994): Cranial suture closure and its implications for age estimation. *International Journal of Osteoarchaeology* 4, pp. 193 – 207
- Lamas, Maria (2000): *Mitologia Geral*, pp. 22-37. Estampa. Lisboa.
- Lambert, Henri (1948): Le Sanglier néolithique trépané et mutilé de Roquefort (Alpes – Maritimes). *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, Tome 45, 5, pp. 201 – 205.
- Lévi-Strauss, Claude (1962): *La Pensée Sauvage*. Librairie Plon. Paris.
- Lévi-Strauss, Claude (1986): *O Olhar distanciado*. Edições 70. Lisboa.
- Lévi-Strauss, Claude (1989): *Mito e Significado*. Edições 70. Lisboa.
- Lévi-Strauss, Claude (2010): *A Oleira Ciumenta*. Edições 70. Lisboa.
- Le Pape, Giles; Puzenat, Nathalie (2000): *ABCedário do Cérebro*. Público. Lisboa.
- Leitão, Manuel; North, C.T.; Norton, José; Ferreira, Octávio da Veiga; Zbyszewski, Georges (1987): A Gruta Pré-Histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, Série IV, Vol. 5, pp. 37 – 65.
- Leisner, Georg, Leisner, Vera (1985): *As antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Estudos e Memórias I*. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa
- Leisner, Vera; Paço, Afonso do; Ribeiro, Leonel (1964): *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Lévêque, Pierre (1996): *Animais, Deuses e Homens*, pp.35-68. Edições 70. Lisboa,
- Leroi-Gourhan, André (2007): *As religiões da Pré-História*. Edições 70. Lisboa.
- Leroi-Gourhan, André (1995): *Os caçadores da Pré-História*. Edições 70. Lisboa.
- Lewis, Ioan Myrddin (2003): *Ecstatic Religion - A Study of Shamanism and Spirit Possession*. Routledge. London.
- Lewis, Mary E. (2006): *The Bioarchaeology of Children*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Lewis-Williams, David (2006): Shamanism: a contested concept in archaeology. *Before Farming: The Archaeology and Anthropology of Hunter-Gatherers*, 4, pp. 1 – 15.

- Lubell, David; Jackes, Mary; Meiklejohn, Christopher; Schwarcz, Henry; Knyf, Martin (1994): The Mesolithic – Neolithic transition in Portugal: Isotopic and dental evidence of diet. *Journal of Archaeological Science*, Vol. 21, 2, pp. 201 – 216.
- Machado, João Luís Saavedra (1965): Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. *O Arqueólogo Português*, Série II, Vol. 5, pp. 51 – 448. Lisboa.
- Malinowski, Bronislaw (1975): *Trois essais sur la vie sociale des primitifs*. Payot. Paris.
- Malinowski, Bronislaw (1984): *Magia, ciência e religião*. Edições 70. Lisboa.
- Malinowski, Bronislaw (2009): *Uma teoria científica da cultura*. Edições 70. Lisboa.
- Manouvrier, Léonce (1895): Le T sincipital, curieuse mutilation crânienne néolithique. *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, IV<sup>o</sup> Série, Tome 6, pp. 357 – 360.
- Manouvrier, Léonce (1902): Trépanation préhistorique post mortem. *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, V<sup>o</sup> Série, Tome 3, pp. 57 – 59.
- Manouvrier, Léonce (1903): Les marques sincipitales des crânes néolithiques considérées comme reliant la chirurgie classique ancienne à la chirurgie préhistorique. *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, V<sup>o</sup> Série, Tome 4, pp. 494 – 498.
- Manouvrier, Léonce (1904): Incisions, cautérisations et trépanations crâniennes de l'époque néolithique. *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, V<sup>o</sup> Série, Tome 5, pp. 67 – 73.
- Marangou, Christina (1999): Evidence about a neolithic dugout. *Tropis* V, pp. 275 – 282.
- Marchand, Florine (2012): The Modelling Skulls in the Ancient Near-East. *Tiempo y sociedad*, 6, pp. 5 – 41.
- Martin, Debra; Frayer, David W. (1997): *Troubled Times – Violence and Warfare in the Past*. Routledge. London.
- Marques, Rui; Silva, Ana Maria (2010): An arrowhead injury in a Neolithic human axis from the natural cave of Lapa do Bugio (Sesimbra, Portugal). *Anthropological Science*, Vol. 118, 3, pp. 185 – 189.

- Masset, Claude (1982): *Estimation de l'âge au décès par les sutures crâniennes*. Thèse Doctoral. Université de Paris VII. Paris.
- Mauss, Marcel (2008): *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70. Lisboa.
- Mays, Simon (1998): *The Archaeology of Human Bones*. Routledge. London.
- McCartan, Sinéad; Schulting, Rick; Warren, Graeme; Woodman, Peter (2009): *Mesolithic Horizons*, Vol. 1. Oxbow Books. Oxford.
- McIntosh, Jane (2006): *Handbook to life in Prehistoric Europe*. Oxford University Press. Oxford.
- Mendes, J. Caria (1985): *As Origens do Homem, Bases Anatômicas da Hominização*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Mifsud, Anton; Ventura, Simon; Ventura, Charles Savona (1999): The Subterranean Sanctuary at Hal Saflieni. *Facets of Maltese Prehistory*, pp.149-168. Prehistoric Society of Malta. La Valleta.
- Moberg, Carl-Axel (1980): Vers une analyse sociologique en Archéologie. *L'Archéologie Aujourd'hui*, pp. 305 – 316.
- Mohen, Jean-Pierre (2010): *Les Rites de l'au-delà*. Odile Jacob. Paris.
- Monteiro, Jorge de Almeida; Ferreira, Octávio da Veiga (1997): O colar de conchas de "glycimeris" da Lapa do Suão (Bombarral). *Cadernos de Arqueologia* 2.
- Monteiro, R; Zbyszewski, Georges; Ferreira, Octávio Da Veiga (1967): Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio. *Revista de Guimarães*, Tomo 77, p. 38.
- Monteiro, R; Zbyszewski, Georges; Ferreira, Octávio Da Veiga (1971): *Nota preliminar sobre a Lapa Pré-Histórica do Bugio*. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, pp. 107 – 120. Junta Nacional de Educação. Coimbra.
- Monteiro-Rodrigues, Sérgio (2011): Pensar o Neolítico Antigo. *Estudos Pré-Históricos*, Vol. XVI.
- Nadaillac, Albert de (1879): *Les Trépanations Préhistoriques*. Jules Gervais Libraire Éditeur. Paris.
- Nadaillac, Albert de (1886): Mémoire sur les trépanations préhistoriques. *Comptes-Rendus des Séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 30, Tome 2, pp. 280 –294.

- Neves, César; Diniz, Mariana (2014): Acerca dos cenários da acção: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5º e na primeira metade do 4º milénio A.C., no sul de Portugal. *Estudos do Quaternário*, 11, pp. 45 – 58.
- Neves, J.; Soares, M.; Redinha, N.; Medeiros, S.; Cunha, L. (2003): O Sistema Espeleológico do Dueça. *Actas do IV Congresso Nacional de Espeleologia*, pp. 75 – 87.
- Nogueira, Augusto de Melo (1927): Estação neolítica de Melides. Grutas sepulcrais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 16, pp. 41 – 49.
- Oliveira, Francisco de Paula e (1881): *Anthropologia prehistorica. As raças dos Kjoekkenmoeddings de Muges*. Typografia Popular. Lisboa.
- Oliveira, Francisco de Paula e (s.d.): Note sur les ossements humains dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, Tomo 2, fasc.1.
- Oliveira, Francisco de Paula e (1889): Caracteres descritivos dos crânios da Cesareda. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, Tomo 2, fasc.1, pp. 109 – 118.
- Oosterbeek, Luiz (1987): *Para a revisão da neolitização da região de Torres Novas*. *Almondinha* 1, pp. 10 – 12.
- Oosterbeek, Luiz (1987b): Gruta dos Ossos. *Informação Arqueológica* 8, pp.80 – 81.
- Oosterbeek, Luiz (1991): A Arqueologia da Morte – considerações de interpretação dos contextos sepulcrais na região de Tomar. *Boletim Cultural* 15, pp. 269 – 291.
- Oosterbeek, Luiz (1993): Gruta dos Ossos – Tomar, Um ossuário do Neolítico Final. *Boletim Cultural* 18, pp. 11 – 18.
- Oosterbeek, Luiz (1994): Megalitismo e Necropolização no Alto Ribatejo O III Milénio. *Actas do Seminário sobre o Megalitismo do Centro de Portugal. Estudos Pré-históricos* 2, pp. 137 – 149: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. Viseu.
- Orschiedt, Jörg (2005): The head burials from Ofnet cave: an example of warlike conflict in the Mesolithic. *Warfare, Violence and Slavery in Prehistory. BAR International Series* 2676, pp. 67 – 73.
- Özbek, Metin (1988): Culte des crânes humains à Çayönü. *Anatolica*, Vol. 15, pp. 127 – 137.

- Özdoğan, M.; Özdoğan, A. (1990): Cayönü, a conspectus of recent work. *Prehistoire du Levant: processus de changements culturels*, pp.68 – 77. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- PAÇO, Afonso do (1936): Paleo e mesolítico português. *Revista de Guimarães* 46, pp. 221 – 230.
- PAÇO, Afonso do (1940): Revisão dos problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense. *Congresso do Mundo Português, Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-história de Portugal (I Congresso)*, pp. 129 – 158. Bertrand e Comissão Executiva dos Centenários. Lisboa.
- PAÇO, Afonso do (1957): *Arqueologia da Costa do Sol. I Grutas de Alapraia. Cascais e os seus lugares*. Junta de Turismo de Cascais. Cascais.
- PAÇO, Afonso do (1964): *Cascais há quatro mil anos*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- Pearson, Mike Parker (1999): *The Archaeology of Death and Burial*. Texas A&M University Press.
- Peña-Chocarro, Leonor; Jordà, Guillem Pèrez; Mateos, Jacob Morales; Zapata, Lydia (2013): Neolithic plant use in the Western Mediterranean Region: Preliminary results from the Agriwestmed Project. *Annali di Botanica*, Vol. 3, pp. 135 – 141.
- Pessoa, Miguel (2003): Uma ponta de lança do Bronze Final da Gruta do Algarinho/Sistema do Dueça. *Actas do IV Congresso Nacional de Espeleologia*, pp. 319 – 325.
- Piggott, Stuart (1940): A trepanned skull of the Beaker Period from Dorset and the practice of Trepanning in Prehistoric Europe. *Proceedings of Prehistoric Society (New Series)*, Vol. 6, pp. 112 – 132.
- Piggott, Stuart (1981): *A Europa Antiga*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Porcar Ripollés, Juan B. (1953): Las pinturas rupestres del Barranco de Les Dogues. *Archivo de Prehistoria*, IV, pp. 75 – 80.
- Price, Neil (2001): *The Archaeology of Shamanism*. Routledge. London.
- Prunières, Paul B. (1874): Sur les crânes artificiellement perforés à l'époque des Dolmens. *Bulletín de la Société Anthropologique*, Vol. 9, pp. 185 – 205.
- Prunières, Paul B. (1882): Procédés de trépanation sur le vivant et fabrication des rondelles crâniennes posthumes à l'époque néolithique. *Association française pour l'Avancement des Sciences*, IIe Session, pp. 642 – 648.

- Quintais, Luís (2009): *Cultura e Cognição*. Angelus Novus. Coimbra.
- Renfrew, Colin (2007): *The Making of the Human Mind*. Modern Library. New York.
- Renfrew, Colin; Scarre, Chris (1998): *Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage*. McDonald Institute Monographs. Cambridge.
- Renfrew, Colin; Zubrow, Ezra B. W. (1994): *The Ancient Mind*. Cambridge University Press. Cambridge.
- Ribeiro, Carlos (1884): Les Kioekkenmoeddings de la vallée du Tage. *9º Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistoriques*, pp. 279 – 292. Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.
- Ribeiro, Leonel (1953): A utilização e o fim catastrófico das câmaras sepulcrais ou grutas artificiais de S. Pedro do Estoril (Resumo). *Actas do 13º Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências*, p. 547. 7.ª Secção Ciências Históricas e Filológicas. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Lisboa.
- Ribeiro, Orlando (2013): *Geografia e Civilização*. Letra Livre. Lisboa.
- Ries, J. (1994): *The origins of religions*. William B. Eerdmans. Grand Rapids.
- Robb, John; Elster, Ernestine S.; Isetti, Eugenia; Knüsel, Christopher J.; Tafuri, Mary Anne; Traverso, Antonella (2015): Cleaning the dead: Neolithic Ritual processing of human bone at Scaloria cave, Italy. *Antiquity*, Vol. 89, 343, pp. 39 – 54.
- Roche, Jean (1954): Résultats des dernières campagnes de fouilles exécutées à Moita do Sebastião (Muge). *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa*, pp.179 – 186.
- Roche, Jean (1956): Recentes découvertes au gisement de Moita do Sebastião (Muge). *4º Congresos Internacionales de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas*, pp.155 – 161. Madrid.
- Roche, Jean (1957): Première datation du mésolithique portugais par la méthode du carbone 14. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* 29, pp.292 – 298.
- Roche, Jean (1967): Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço d'Arruda. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo 52, pp.79 – 94.
- Roche, Jean (1959): Les objets de parure trouvés dans les amas coquilliers de Muge. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Tomo 17, pp.407 – 411.

- Roche, Jean (1960): *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge Portugal) - Archéologie*. Tipografia Portuguesa, Lisboa.
- Roche, Jean (1965): Données récentes sur la stratigraphie et la chronologie des amas coquilliers d'âge mésolithique de Muge (Portugal). *Quaternária* 7, pp. 155 – 163.
- Roche, Jean (1966): A propos du centenaire des premières fouilles des amas coquilliers mésolithiques de Muge. Historique des travaux. Problèmes stratigraphiques. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal* 16, pp. 37 – 46.
- Roche, Jean (1967): Les collections mésolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Serviços Geológicos de Portugal.
- Roche, Jean (1972): *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião I (Archéologie)*. Instituto de Alta Cultura. Lisboa.
- Roche, Jean (1973): La place du mésolithique ancien de Muge dans le cadre de la Péninsule Ibérique. *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas Arqueológicas*, Vol. 1, pp. 109 – 114. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- Rocha, A. Dos Santos (1969): *Memórias e Explorações Arqueológicas*, Vol. I. Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Rojo Guerra, Manuel A.; Garrido Pena, Rafael (2012): *El Neolítico en la Península Ibérica y su contexto Europeo*. Cátedra. Madrid.
- Rose, Jerome C.; Schmandt-Besserat, Denise; Rollefson, Gary O. (1998): A Decorated Skull from 'Ain Ghazal. *Paléorient*, Vol. 24, 2, pp. 99 – 104.
- Rowan, Yorke M. (2012): Beyond Belief: The Archaeology of Religion and Ritual. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, Vol. 21, 1, pp. 1 – 10.
- Sá, Maria Cristina Moreira de (1959): A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do 1<sup>o</sup> Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. 1, pp. 117 - 128. Instituto de Alta Cultura. Lisboa.
- SACADURA, Rui Brito; ARAGÃO, Maria José (2010): A Cirurgia Pré-Histórica e as Trepanações em Portugal. *Anamnesis*, 192, I, pp. 22 – 27.
- SACADURA, Rui Brito; ARAGÃO, Maria José (2010): A Cirurgia Pré-Histórica e as Trepanações em Portugal. *Anamnesis*, 193, II, pp. 20 – 26.

- SACADURA, Rui Brito; ARAGÃO, Maria José (2010): O Estudo Bioarqueológico das Marcas de Incisão (“Cutmarks”) em Ossos Humanos da Pré-História. *Anamnesis*, 195, I, pp. 26 – 30.
- Sagan, Carl (2009): *O cérebro de Broca*. Gradiva. Lisboa.
- Santos, Ana Luísa (2007): Estácio da Veiga e os primórdios da Antropologia Física. *XELB* 7, pp. 239 – 248.
- Santos, Manuel Farinha dos; Ferreira, Octávio da Veiga (1969): O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, Série III: Vol. III, 37 – 62. Lisboa.
- Santos, Manuel Farinha dos (1971): Manifestações votivas da Necrópole da Gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Vol. I, pp. 95 – 97. Lisboa.
- Santos, Manuel Farinha dos (1985): Manifestações Neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do Outeiro da Herdade da Sala. *XVII Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 135-142. Ayuntamiento de Zaragoza. Zaragoza.
- Savory, Hubert Newman (1974): *Espanha e Portugal*, pp. 64 – 140. Verbo. Lisboa.
- Scarre, Chris (2005): *The Human Past*. Thames & Hudson. London.
- Schulting, Rick J. (2015). Mesolithic skull cults. *Ancient Death Ways*, pp. 19 – 46. Department of Archaeology and Ancient History - Uppsala University. Uppsala.
- Sergi, Giuseppe (1911): *L'umo seconde de origini, l'antichità, le variazioni e la distribuzione geográfica — Sistema naturale di classificazione*. Fratelli Bocca Editori. Torino.
- Silva, Ana Maria (2003): A Neolithic Skull Lesion Probably Caused by an Arrowhead. *Antropologia Portuguesa* 19, pp. 135 – 140.
- Silva, Ana Maria (2003): Portuguese Populations of Late Neolithic and Chalcolithic Periods exhumed from collective burials: an overview. *Anthropologie*, Vol. XLI/ 1-2, pp. 55 – 64.
- Silva, Ana Maria; Ferreira, Maria Teresa; Codinha, Sónia (2006): Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 9, Série 2, pp. 157 – 169.

- Silva, Ana Maria; Marques, Rui (2009): Lapa do Bugio: os dados antropológicos. *O tempo do Risco: Carta arqueológica de Sesimbra*, pp. 142 – 147. Câmara Municipal de Sesimbra. Sesimbra,
- Silva, Carlos Tavares da; Soares, Joaquina (1997): Economias costeiras na Pré-História do Sudoeste Português – O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11 – 12, pp. 69 – 108.
- Simões, Teresa (1999): *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim*. Trabalhos de Arqueologia 12. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.
- Soares, António Monge; Santos, Filipe J. C.; Dewulf, Joke; Deus, Manuela de;
- Soares, Joaquina; Silva, Carlos Manuel L. Tavares da (1977): O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. 7 – 9, pp. 101 – 112. Lisboa.
- Soares, Joaquina; Silva, Carlos Manuel L. Tavares da (2003): A Transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. *Zephyrus*, 56, pp. 109 – 124. Universidade de Salamanca. Salamanca.
- Soares, Joaquina; Silva, Carlos Manuel L. Tavares da (2004): Alterações ambientais e povoamento na transição Mesolítico-Neolítico na costa Sudoeste. *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos*, pp. 397 – 423. Universidade Aberta. Lisboa.
- Soares, Joaquina (1996): Padrões de povoamento e subsistência no Mesolítico da costa sudoeste portuguesa. *Zephyrus*, 49, pp. 109 – 124.
- Soares, Joaquina (2003): *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*, pp. 141 – 163. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Setúbal.
- Soares, Joaquina (2013): Caçadores-recolectores semi-sedentários do Mesolítico do paleoestuário do Sado (Portugal). *Pré-História das Zonas Húmidas. Paisagens de Sal*. *Setúbal Arqueológica*, Vol.14, pp. 13 – 56.
- Sousa, Ana Catarina (1998): *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Trabalhos de Arqueologia 11. Instituto do Património Arqueológico. Lisboa.
- Soressi, Marie; Jones, Heather L.; Rink, Jack; Maureille, B.; Tillier, Antoine-Marie (2007): The Pech-de-l’Aze I Neandertal child: ESR, uranium-series, and AMS

14C dating of its MTA type B context. *Journal of Human Evolution*, Vol. 52, 4, pp. 455 – 466.

Sueiro, Manuel Barbosa (1933): La Trepanation cranienne chez l`homme neolithique des stations portugaises. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo 19, pp. 41 – 51.

Steadman, Sharon R.; McMahon, Gregory (2011): *The Oxford Handbook of Ancient Anatolia*. Oxford University Press. Oxford.

Talalay, Lauren E. (2004): Heady Business: Skulls, Heads, and Decapitation in Neolithic Anatolia and Greece. *Journal of Mediterranean Archaeology*, Vol. 17, 2, pp. 139 – 163.

Tilley, Christopher (1996): *An Ethnography of the Neolithic*. Cambridge University Press. London.

THOMAS, Julian (1991): *Rethinking the Neolithic*. Cambridge University Press, London.

THOMAS, Julian (2011): Ritual and Religion in the Neolithic. *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*, pp. 37 – 386. Oxford University Press. Oxford.

THOMAS, Julian (2015): What Do We Mean By 'Neolithic Societies'? *The Oxford Handbook of the Neolithic Europe*, pp. 1073 – 1092. Oxford University Press. Oxford.

Trinkaus, Erik (1982): Artificial cranial deformation in the Shanidar 1 and 5 Neandertals. *Current Anthropology*, Vol. 23, 2, pp.198 – 199.

Ubelaker, Douglas H. (1980): *Human bones and archaeology*. University of Michigan Library. Michigan.

Valera, António (2000): A Guerra na Pré-História Peninsular. *Era-Arqueologia* 2, pp. 110 – 164.

Valera, António Carlos; Godinho, Ricardo Miguel (2010): Ossos humanos provenientes dos Fossos 3 e 4 e gestão da morte nos Perdígões. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 6, pp. 29 – 39.

Valera, António; Silva, Ana Maria; Tomé, Tiago (2013): Bioantropologia da Pré-História Recente do Baixo Alentejo: dados complementares do estudo de um conjunto de séries osteológicas humanas da região de Brinches. *Actas del VI Encuentro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, pp. 853 – 875.

- Valera, António; Silva, Ana Maria; Cunha, Cláudia; Evangelista, Lucy Shaw (2014): Funerary practices and body manipulation at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe. BAR Internacional Series 2676*, pp. 37 – 58.
- Valera, António; Silva, Ana Maria; Leandro, Inês, Pereira, Daniela; Afonso, Cristina (2015): Late Neolithic pit burials from Perdigões enclosure. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials. BAR Internacional Series 2708*, pp. 245 – 250.
- Vallois, Henri-V. (1971): Le crâne trépané magdalénien de Rochereil. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tome 68, Vol. 2, pp. 485 – 495.
- Vasconcellos, José Leite de (1895): Castros. *O Archeólogo Português*, Série I, Vol. I, pp. 3 – 7.
- Vasconcellos, José Leite de (1897): *As Religiões da Lusitânia*, Vol. I. Sociedade de Geografia de Lisboa e Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.
- Vasconcellos, José Leite de (1905): Aquisições do Museu Ethnographico Português. *O Archeólogo Português*, Série 1, Vol: X, pp. 379 – 382.
- Vasconcellos, José Leite de (1906): Bibliographia. *O Archeólogo Português*, Série I, Vol. II, pp. 321 – 380.
- Vasconcellos, José Leite de (1918): Coisas Velhas. *O Archeólogo Português*, Série I, Vol. XXIII, pp. 356 – 369.
- Vasconcellos, José Leite de (1920): Excursão arqueológica. *O Archeólogo Português*, Série I, Vol. XXIV, pp. 301 – 303.
- Vasconcellos, José Leite de (1927): *De terra em terra: excursões arqueológico etnográfico através de Portugal (Norte, Centro, e Sul)*, Vols. I e II. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.
- Vasconcellos, José Leite de (1954): Cartas a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 64.
- Vasconcellos, José Leite de (2008): *A Medicina dos Lusitanos*. Celom. Lisboa.
- Veiga, Sebastião P. M. Estácio da (1891): *Antiguidades monumentaes do Algarve: Tempos prehistóricos*, 4 vol. Imprensa Nacional. Lisboa.

- Verhoeven, Marc (2002): Transformations of society: the changing role of ritual and symbolism in the PPNB and the PN in the Levant, Syria and South-east Anatolia. *Paléorient*, Vol. 28, Tome 1, pp. 5 – 13.
- Vilaça, Raquel; Carvalhos, Pedro (1999): *Relatório das sondagens efectuadas na Gruta do Algarinho* (relatório inédito). Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Wafae, Nader; Ruiz, Cristiane Regina; Toito, Érika (2007): Análise quantitativa de ossos suturais em crânios de humanos adultos. *Arqueologia e Medicina*, Vol. 32, Tomo 2, pp. 67 – 69.
- Wernert, Paul (1936): L'Anthropophagie rituelle et la chasse aux têtes aux époques actuelle et paléolithique. *L'Anthropologie*, Vol. XLVI, pp. 33 – 43.
- White, Tim D; Folkens, Pieter A. (2005): *The Human Bone Manual*. Elsevier Academic Press. London.
- Whittle, Alasdair (1988): *Problems in Neolithic Archaeology*. Cambridge University Press. London.
- Whittle, Alasdair (1996): *Europe in the Neolithic, the creation of new worlds*. Cambridge University Press, London.
- Zbyszewski, Georges (1963): A importância das grutas em pré-história. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 86, Vol. 1 – 6, pp. 31 – 50.
- Zbyszewski, Georges (1979): Nota preliminar acerca da gruta neolítica do Lugar do Canto (Alcanede). *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa* 22, pp. 7 – 16.
- Zilhão, João (1984): *A Gruta da Feteira (Lourinhã) – Escavação de uma necrópole neolítica*, pp. 11 – 92. *Trabalhos de Arqueologia* 1. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa.
- Zilhão, João (1992): *Gruta do Caldeirão: O Neolítico Antigo*. *Trabalhos de Arqueologia* 6. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.
- Zilhão, João (1993): The Spread of Agro-Pastoral Economies across Mediterranean: A View from the Far West. *Journal of Mediterranean Archaeology*, 6/1, pp. 5 – 63.
- Zilhão, João (1995): *Primeiras datações absolutas para os níveis neolíticos do Caldeirão e da Feteira. Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da*

*Península Ibérica*, pp. 113 – 140. Trabalhos de Arqueologia 7. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.

Zilhão, João (2000): From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula. *Europe's First Farmers*, pp. 144 – 182. Cambridge University Press. Cambridge.

Zvelebil, Marek (2001): The Agricultural transition and the origins of Neolithic society in Europe. *Document Praehistorica XXVIII – Neolithic Studies 8*, pp. 1 – 26.